



O DESCOBRIDOR

PELO ESPÍRITO ANA CLARA

PREFÁCIO: O DESCOBRIDOR

Meus Amigos e meus Irmãos em Cristo Jesus, seria uma indiscrição da minha parte, nestas linhas iniciais desta história, que eu falasse de mim, pois sou apenas uma simples operária de Nosso Senhor. Ao mesmo tempo, o irmão médium que, por consideração a todos, prefere continuar no anonimato. Então não poderei também falar sobre ele, o que seria um grande prazer e uma grande honra.

Então, abro essa humilde mensagem dizendo a todos que, ao começar a ler as palavras a seguir, não busquem nelas soluções perfeitas para qualquer de seus problemas, pois o nosso intuito é trazer, além de uma história repleta de amor entre os envolvidos, vários instrumentos serão dados a fim de que possam, sim, evoluir e crescer espiritualmente, por meio de exemplos de vida dos envolvidos nesta história.

Trago, também, um esclarecimento antecipado sobre o título do livro “*O Descobridor*”, pois muitos se perguntarão: Por que “descobridor”? Simples, meus Irmãos. Todos nós somos eternos descobridores em espírito; todos os dias de nossas existências espirituais, encarnados ou desencarnados, descobriram coisas e fatos para nos auxiliarmos.

Nestas humildes palavras vocês irão descobrir muitas coisas como, por exemplo, o início das cidades espirituais, fatos de sobre os quais ainda não foram falados.

Por meio de o estudo a seguir, tenho a certeza de que todo leitor se tornará e se sentirá um descobridor.

Que a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja para sempre com todos nós!

Por: Anna Clara (Espírito)

Capítulo 1

A VINDA DE JESUS A TERRA

Meus Irmãos, pedimos licença ao Nosso Pai Celestial para, neste momento, trazer aos Irmãos encarnados um pouco desta experiência divina, que são as reencarnações.

Por intermédio de autorizações superiores poderemos trazer estas histórias evolutivas reencarnatórias como um princípio de auxílio a todos aqueles que necessitarem aprender que as ações do presente estão ligadas às ações do passado, e refletem em situações que

acontecerão no futuro.
 A história que vamos contar para vocês refere-se a um grupo de Espíritos que reencarnam na Crosta Terrestre, evoluindo, distribuindo Amor Fraternal, aprendendo e crescendo por mais de 2000 anos.
 Vamos transportar as nossas mentes, os nossos corações, a nossa atenção, ao ano do calendário humano de 24 A.C.
 Nesta data, em um referente dia que não nos cabe dizer, reencarnava, renascia uma criatura tão bela, tão suave, que seus pais lhe deram o nome de Abra (nome hebraico que significa mãe de todos, mãe do Universo). Esta jovem alma nascia em um lar que estudava as palavras de Deus e praticava os ensinamentos de Moisés, distribuindo Luz, Amor e Paz aos seus irmãos hebreus.
 Esta jovem criança, desde pequena já trazia os traços de uma criatura que cuidava, amparava, e tinha sempre os braços abertos e um carinho materno a quem lhe procurasse. Seus pais, seguidores dos profetas de Deus, quando a menina completou seus 15 anos, a levaram ao Rio Jordão, onde João, o profeta, batizava o povo de Deus. A pequena jovem ao se aproximar de João, o Batista, olhou em seus olhos, e, ao batizar a criança, disse-lhe:

— “Minha filha, serás mãe no sentimento fiel da palavra, antes do que imaginas. Esteja com Deus e espere, porque o Filho de Deus se aproxima de nós”.

Abra, ao se distanciar de João, foi ao encontro de seus pais. No caminho de casa encontrara um jovem de nome Tertúlio que, ao olhar a moça, apaixonou-se. Tertúlio, de descendência Judaica, já entrava no caminho da profissão de seu pai como cobrador de impostos, por isso andava sempre no meio do povo, olhando e observando. Feitas as apresentações, Abra e seus pais seguiram o caminho. Chegando a Jerusalém no vilarejo em que moravam encontraram Barnabé, homem letrado, estudado nas faculdades da medicina e cura da época. Junto de Barnabé dois pequenos jovens o acompanhavam como discípulos e aprendiz, de nome João e Jesiel. Em pouco tempo Abra e seus irmãos, que eram um número de oito, João e Jeziel tornaram-se amigos, crianças felizes da Seara do Senhor. O tempo passava normalmente entre as famílias. Abra se encontrava uma linda mulher de 20 anos, formosa, de olhar profundo e cativante. Sempre que possível, sua família, irmãos e pais iam às margens do Rio Jordão para ouvir João Batista. Nesta ocasião, Abra se sentiu desconfortada e perguntou à mãe: “Por que tantas mulheres se autoflagelando próximas a João Batista? Por que tantos homens se autoflagelando próximos a João Batista?”. A mãe de Abra não sabendo o que dizer, pediu a ela que entrasse em oração e que pedisse a Deus Todo-Poderoso, Pai Celestial, a orientação. Neste momento, uma irmã aproximou-se de João Batista, e, ao olhar nos olhos dela, João lhe disse: “Minha irmã, quando tiverdes o corpo e a Alma limpa perante Deus poderá ser batizada”. Neste instante, esta criatura distanciou-se de João Batista, aproximou-se das outras que se autoflagelavam e começou a se bater. Abra, inconformada, de coração partido, segurou os braços daquela pobre alma e lhe perguntou por que fazia aquilo, por que se batia. Por que praticava aquele auto-sofrimento sobre seu próprio corpo?

A pobre alma daquela Irmã cruzou o olhar de Abra e, em pranto, confessou-lhe ser uma prostituta e queria a bênção de João Batista e o batismo para purificar a sua Alma. Então Abra entendeu tudo o que ali acontecia. Distanciou-se, entrou em oração a Deus, Nosso Pai, pedindo perdão por todos aqueles que estavam presentes. Meus Irmãos, que todos meditem sobre esta pequena, singela apresentação dos fatos da história evolutiva dessas criaturas. Raciocinem e entendam que esse Espírito iluminado que se denominou João Batista deu o primeiro exemplo de cura espiritual, mesmo mediante a ignorância de um povo e de mentes que pensavam que a autoflagelação de seus corpos, a penitência sobre o jejum e a penitência emocional e mental seriam a busca do perdão.

O exemplo de que João Batista não fora simplesmente um profeta, mas acima de tudo um servo de Deus que salvou Almas de homens e mulheres para Ele. Que o mesmo João Batista por meio do simples gesto de tocar cada criatura que se aproximava dele e abençoá-las, batizá-las com um pouco de água sobre suas cabeças, purificava Almas, salvava mentes e corações em nome de Deus. Esta é uma história de almas gêmeas, e junto com ela queremos trazer a todos um pouco mais do conhecimento espiritual, um pouco mais do conhecimento de que nossas ações do passado orientam o nosso presente e alimentam o nosso futuro. Voltando à nossa querida Irmã Abra, que após o seu momento de oração dirigia-se ao encontro de seus pais que já se faziam presentes na carruagem que os levariam para casa.

A bela jovem trilhava seu caminho com pensamentos elevados pensando em Nosso Deus, o Pai Superior, quando alguém lhe pegou pelo braço. Era Tertúlio, que imediatamente se candidatava com palavras rudes e agressivas a desposar-se de Abra. A pobre jovem, sem saber o que fazer, pediu ao moço que a soltasse. Ele, não ouvindo, impôs mais força em suas mãos, quando Abra, com olhar fraterno e iluminado que sempre teve, olhou dentro dos olhos do homem que tentava conquistá-la e disse com ternura, amor, mas acima de tudo com firmeza de uma mulher forte na palavra de Nosso Senhor: “Tertúlio, se queres meu amor deverás conquistá-lo pelo que tens de melhor, não pelo poder, não pelo dinheiro, mas acima de tudo pelos bons sentimentos que tiver em seu coração”.

No mesmo instante, toda coragem, toda agressividade daquele homem que achava que poderia se apossar de tal criatura aparentemente indefesa esmoreceu. Soltou-lhe os braços, pediu perdão e prometeu-lhe procurá-la novamente com toda dignidade e respeito de um homem de Deus. Abra se fora com seus pais. Ao chegar a sua casa, para seu espanto, seu pai e sua mãe caíram doentes, com febre altíssima e calafrios. Ela ficou preocupadíssima sem saber o que fazer e, imediatamente, lembrou do grande amigo, e porque não quase irmão João, que já se tornara um médico instruído pelo ancião Barnabé. Abra correria ao encontro de João e, quando chegou a sua casa, os seus pais Dionísio e Lucíola orientaram a nossa querida irmã onde encontrar seus filhos João e Jesiel. Ao dirigir-se ao local indicado pelos pais dos nossos irmãos, Abra maravilhou-se com a obra que João e Jesiel realizavam. Filas enormes de homens, mulheres, crianças. Uns doentes, outros com fome, outros em desespero emocional à procura de conforto, de Paz de espírito, e também de auxílio material. Em poucos instantes que Abra observara os dois jovens trabalhando emocionou-se, ficou estática sem saber o que fazer.

João, homem sensível, percebeu a presença de Abra, fitou-lhe os olhos, dirigiu-se a ela. Abra informou-lhe sobre o mal que acometera seus pais. Imediatamente João pediu a Jesiel que junto com os outros trabalhadores daquele que chamavam de posto de saúde, tomassem conta de tudo e dirigiu-se imediatamente à casa de Abra. Examinando seus pais, atenciosamente, João dirigiu-se a Abra e da melhor maneira explicou-lhe o que acontecia:

— “Minha querida, seus pais estão acometidos de lepra, sofrendo de febre. Em breve as feridas aparecerão; deves tomar cuidado, não deixe que outros os vejam porque se não serão exilados ao Vale dos Leprosos. Deixarei alguns remédios, ervas, ataduras e deves fazer tudo o que lhe recomendo para amenizar o processo da doença. Em breve viajarei até a Cesareia e me encontrarei com Barnabé que desenvolve pesquisas em todas as cidades próximas ao mar, buscando a cura a esse mal que assola o nosso povo. Até lá deves ser forte; em breve seus pais não poderão mais trabalhar, tudo ficará mais difícil, mas poderá contar comigo, com minha família e com meu irmão. Estaremos sempre ao seu lado lhe ajudando e lhe amparando”. João voltou para casa orando ao Senhor Deus que auxiliasse Abra. Em seu coração reinava o amor, a paixão por uma mulher tão caridosa, tão amável, digna das mais belas frases e de um grande amor. Mas João guardava os seus sentimentos para si, nunca se revelara a Abra. Sabia que sua missão mal começara junto àqueles mais necessitados. Os anos se passaram. Durante dois longos e pesados anos Abra cuidou de seus pais, de seus irmãos, assumiu as funções de trabalho, de amparo e de conquistas da família. Os impostos cobrados eram cada vez maiores; as dívidas se acumulavam, por mais que Abra se desdobrasse por noites a fio tecendo, trabalhando, não conseguia resolver tudo. Já sem saber o que fazer procurou Jesiel perguntando sobre João. Jesiel dizia não saber onde ele estava, pouco se tinha notícias naquela época, mas vendo o desespero de nossa querida Irmã, Jesiel se prontificou a fazer uma viagem e procurar por seu irmão. Os seus conhecimentos ainda eram pequenos para auxiliar os pais de Abra na doença que a cada dia, denegrindo os corpos de nossos próprios Irmãos. Abra esperou notícias de Jesiel por 6 meses. Nem Jesiel, nem João deram notícias ou voltaram. A pobre alma ajoelhou-se em oração, pediu a Deus a iluminação de seu caminho, a orientação do que fazer. No mesmo instante em que nossa querida Irmã encerrou a sua oração, Tertúlio bateu em sua porta, confessou-lhe o grande amor que tinha pela criatura e lhe pediu em casamento. Abra, mesmo não amando aquele homem, não viu outra saída a não ser confessar-lhe a doença de seus pais e aceitar o seu pedido de casamento para que pudesse salvar a sua família.

Tertúlio, por sua vez, aceitou todas as condições que Abra lhe pedira: cuidar de seus pais, de seus irmãos. Mas também impôs condições. Disse a ela que moraria com ele na casa de seus pais, e que cuidaria de seus irmãos e de seus pais, já muito doentes. Abra aceitou, casou-se com Tertúlio. Após seis meses da união, João e Jesiel voltaram a Jerusalém. João, ao saber do casamento de Abra, entristeceu-se, pois perdera o grande amor de sua vida. Mas, ao mesmo tempo, algo maior ocupava o seu coração e a sua mente. João e Jesiel ao voltarem à sua casa viram seus pais Dionísio e Lucíola de cama, adoentados, amparados pelos auxiliares de seu lar.

João examinou seus pais por horas e horas. Não sabia o que fazer, nunca vira aquela doença em nenhum de seus pacientes, em nenhum dos livros que Barnabé lhe dera para estudar. Não teve dúvidas em pedir a Jesiel que buscasse auxílio a Barnabé, que dentro de pouco tempo esteve ao lado de seus pais e orientou João. “João, querido amigo, sempre que podemos acompanhamos a palavra de João Batista – o profeta de Deus, e sabemos que muitas coisas, doenças que acontecem em nossas vidas são inexplicáveis. O que posso lhe dizer, meu amigo, é que ore a Deus e peça por seus pais, e espere, que Deus Nosso Pai Eterno jamais nos desampare.”

Seria justo João, tão caridoso, e Jesiel, seu irmão, verem seus pais num leito, doentes, com suas mãos atadas, sem saber o que fazer? Seria justo, Abra amável, coração enorme, um amor eterno por todas as criaturas ver seus pais acometidos em lepra? Por isso, meus irmãos, nesta história fica o exemplo de que a reencarnação é o nosso processo de evolução. Tão correto, tão certo, sem imperfeição alguma, como veremos. O nosso desejo fraterno a cada um de vocês é que, por intermédio dos ensinamentos exemplificados por este grupo de amigos e criaturas espirituais, desta história que estamos trazendo para vocês, seja de grande utilidade a todo aquele que necessitar das informações sobre a reencarnação e o ciclo das vidas que todos nós temos de passar para evoluir.

O nosso Irmão João, o médico, não sabia o que fazer; seus pais adoentados sofrendo de um mal que ele desconhecia; o grande amor de sua vida Abra já se tornara esposa de Tertúlio, homem arrogante, o qual João não suportava, mesmo ouvindo os conselhos de seu mentor Barnabé, o nosso Irmão em busca de soluções e de Paz de espírito, deixou seu Irmão responsável por todo o trabalho a realizar, e pediu a Barnabé que ficasse próximo enquanto ele, João, viajaria pelo mundo em busca da cura para os seus pais, em busca de Paz de Espírito, e assim ele o fez. Lembramos aos nossos queridos Irmãos que naquela época o mundo reduzia-se à Ásia Menor, os povos que viviam naquela região não conheciam outras fronteiras. Abra, ao saber de tudo isso, se ajoelhou e orou a Nosso Senhor, Nosso Deus Pai Celestial, pedindo proteção, não apenas ao Irmão e ao amigo João, mas também a um amor que ela não poderia ter.

Passaram-se alguns meses e Abra ficou grávida. Tertúlio, arrogante, sentindo-se dono do poder, pouco lhe dava atenção, e o único auxílio aos seus pais, muito doentes, e a seus irmãos, era o dinheiro para despesas. Proibida por Tertúlio de sair de sua casa alegando a segurança da criança que viria, Abra teve sua gestação em silêncio, buscando sempre a Paz de Deus em seu coração. As poucas saídas durante os meses em que a criança se formava, foram para ver João Batista e ouvir as suas palavras. Abra deu à Luz uma menina de olhos fulgurantes; como sempre fora uma mãe caridosa ficou extremamente feliz com o nascimento de sua filha. Como Abra queria dar nome à menina, procurou Tertúlio, e o que era para ser uma conversa entre pai e mãe, gerou grande discussão. A menina recém-nascida, sensível aos atropelos espirituais, às emoções, chorava compulsivamente. Tertúlio com toda sua arrogância disse a Abra que desse o nome que quisesse e se ausentou do lar. No mesmo instante a pequena criatura que acabara de vir ao mundo cessou o choro e se acalmou; então Abra olhando profundamente os olhos de sua filha disse-lhes: És sensível minha filha, portanto lhe darei o nome de Adira. Meus Irmãos, no mesmo dia que no lar de Tertúlio e Abra nascia Adira, na casa de um casal de camponeses humildes, servos de um senador romano, poderíamos dizer até

escravos, como eram tratados, nascia outra menina. Seus pais, amigos da família de Abra, desorientados, com receio de que a criança sofresse os mesmos castigos e torturas que a mãe e outras mulheres servas e escravas sofriam todos os dias, levaram a criança à residência de Abra. Ao chegar, encontraram os pais de Abra doentes, os irmãos desorientados, e perguntaram sobre Abra, e após saber onde estava, tiveram receio de procurá-la. Marcando um encontro, em sigilo, encontraram com Abra e a menina nascitura e externaram os medos e terrores pedindo que Abra cuidasse da criança. Abra sabia que enfrentaria Tertúlio por estar com uma criança nova e pegar outra para cuidar, mas o seu coração materno não poderia abandonar os pais tão amáveis e caridosos que só queriam proteger sua cria. Abra então perguntou à mãe qual o nome da menina e ela disse que ainda não tinha posto, pois tinha receio de se apegar à filha querida. Abra, com o mesmo olhar suave e de grande amor olhou para a criança e disse à mãe que a chamaria de Betsabé, que era o nome da esposa preferida do rei Salomão, e assim levou a criança, enfrentou Tertúlio que, após grandes discussões, aceitou que Abra cuidasse de Betsabé, desde que a criança não atrapalhasse sua vida. Queridos amigos, Betsabé fora a primeira reencarnação, na era Cristã, desta humilde Serva de Deus que vos fala neste conto real e sincero. Passaram-se cinco anos, fomos eu e Adira criadas como Irmãs; então Abra ficou grávida mais uma vez, mesmo sobre a indignação do marido que não a respeitava mais, que não tinha por ela nem ao menos o espírito de amigo e companheiro quanto mais de marido e esposo. Após sua gestação, meus Irmãos, nascia uma criança linda, mais uma vez uma menina, Tertúlio, indignado, chegou a ponto de dizer-lhe que Abra não servia nem para lhe dar um filho homem; isso a magoou profundamente, mas o amor pela crianças era tão grande que vencia qualquer sentimento de rancor e de tristeza exercidos por seu indigno e desrespeitoso marido. A esta menina, que se tornara mais uma irmã, fora dado o nome de Lucrécia. Vivíamos as três, sempre cercadas pela proteção e pelo amparo de nossa mãe, que para mim tornara-se uma mãe espiritual, acima de tudo. Eu e Adira já estávamos na idade de 10 anos. Quando vimos a nossa mãe aos prantos, não conseguíamos com todo o nosso carinho fazê-la parar de chorar. Ainda crianças para entender, nossa mãe simplesmente pediu que orássemos ao nosso Deus Pai Celestial pedindo proteção ao vovô e à vovó. Portanto, meus Irmãos aconteceu que Tertúlio, indignado com a situação que vivia com Abra, denunciou as autoridades sanitárias da cidade que um casal de leprosos vivia em residência com os filhos, as mesmas autoridades, junto aos soldados romanos, invadiram a casa dos pais de Abra e os jogaram no Vale dos Leprosos. A dor e o sofrimento desses vales, meus Irmãos, era algo muito parecido com o que hoje temos nos espaços espirituais e chamamos de “Vale dos Suicidas”, um sofrimento tamanho que Abra teve de se recompor, buscar força em nosso Pai Celestial, para as escondidas de seu marido, que ela viera a descobrir que, além de todos os sentimentos horríveis no decorrer da convivência, também era crueldade, e assim passou a fazer Abra; visitava os seus pais no Vale dos Leprosos, dentro de grutas e buracos, levando-lhes comida, amparo e amor. Meus Irmãos, se qualquer doença, por um motivo encarnatório de purificação espiritual ou por outro qualquer, esteja assolando o seu lar ou algum membro de sua família, não

se desesperem, façam como Abra, busquem forças em nosso Pai Celestial, busquem forças em nosso Mestre Jesus, por intermédio da oração; não abandone seu ente querido, não abandone aquele que escolheste para trilhar ao seu lado, por meio do vínculo familiar, nesta trilha de evolução espiritual. Cerque esta criatura de amor, paz, carinho, respeito, altruísmo, coragem, pois mesmo que não consiga este irmão querido de jornada vencer o sofrimento da doença terrível ainda em vida, tenham a certeza de que, após a sua desencarnação, o amparo a esta entidade, graças ao seu amor, à sua fé, o seu carinho e à sua companhia celestial, estará amparado e cuidado junto a outros tantos Amigos Espirituais de Luz que só irão lhe fazer o bem.

João, o médico, que já há alguns anos caminhava por terras estranhas em busca da paz e da compreensão interior, finalmente retorna ao seu lar. Cansado, sofrido com cicatrizes aparentemente de lutas, que seu irmão Jesiel e seu mentor Barnabé nem se atreveram a perguntar o porquê, contentaram-se em ter mais uma vez, próximo, o amigo, o irmão e companheiro de jornada. Imediatamente ao chegar, procurou seus pais, que por motivo da doença, tornaram-se reclusos aos seus aposentos. João ao adentrar no cômodo de repouso de seus amados pais encontrou-os abatidos, magros, em um estágio físico tão degradante que as lágrimas correram em seus olhos, pois sabia pelo simples olhar, que pouco tempo restava de vida neles. Mas, ao fitar os olhos de seu pai e de sua mãe, percebeu a luz, sentia ternura dos pais dedicados e amorosos que sempre foram. Ajoelhado ao lado de sua mãe, ela pôs a mão sobre sua cabeça, e disse-lhe:

- Meu filho vejo em seus olhos que encontrou o seu caminho; eu e seu pai há dias estamos preparados para nos encontrar com Deus. Mas aguardávamos o seu retorno, pois tínhamos a preocupação de que a revolta e o ódio tivessem tomado conta do seu coração. Mas agora que vemos que encontre a luz do caminho, podemos ir em paz.

E nos mesmo instante, meus Irmãos, Dionísio e Lucíola desencarnaram.

João orou a Nosso Pai Celestial e pediu a Deus que amparasse seus pais, levantou-se e tomou as providências. Conversou e abraçou seu irmão que, inconformado, chorava compulsivamente, Barnabé, por sua vez, orava ao Nosso Pai Celestial e empunha suas mãos como se estivesse abençoando, sobre as cabeças dos dois pupilos, que se tornaram filhos queridos, para aquele discípulo de Deus.

Espalhava-se a notícia do falecimento de tão queridos irmãos. Abra e suas filhas compareceram à residência dos dedicados amigos, levando Fraternidade, paz de Espírito e Amor Fraternal a todos que ali estavam. Abra, ao ver João sempre com seu olhar de ternura, e iluminação não conseguiu proferir nenhuma palavra ao homem a quem os seus pensamentos mais sublimes entregava o seu verdadeiro amor. João, por sua vez, com o coração machucado pela perda de seus pais, ajoelhou-se aos pés de Abra e pediu perdão. Abra, então pediu que levantasse dizendo que João não tinha nada a ser perdoado, mas João, com seus pensamentos em equilíbrio e sensatez, disse à nossa querida Irmã:

— “Peço perdão por ter lhe abandonado no momento que mais precisavas. Dias antes de retornar à minha casa estive com João Batista pedindo sua bênção. João me abençoou com

a água e me disse que o Messias já se fazia nascido e crescido e que, em breve, estará entre nós, e mais: iluminou o meu caminho dizendo-me que a minha paz seria encontrada onde tudo começou. E aqui estou, minha querida, diante de você, não como homem, pois sei que já és desposada e tem seus filhos e, acima de tudo, respeito os Mandamentos de Moisés, mas sim estou como amigo companheiro e, acima de tudo, um Irmão de Jornada.

Abra, emocionada, saiu apressadamente, pois sabia que se seu marido Tertúlio, soubesse que ali estava sua situação ficaria pior. Despedindo-se rapidamente com suas filhas foi visitar seus pais no Vale dos Leprosos.

Chegando lá, encontrou seus pais em situação pior. Pediu à Adira que corresse e chamasse João, o médico e amigo, para auxiliá-los.

João, apesar de ainda estar nos preparativos do sepultamento de seus pais foi rapidamente e, quando chegou para prestar o auxílio, os nossos irmãos já haviam falecido, e encontrou o seu grande amor em pranto, sofrendo; acolheu-a levou-a para casa com suas filhas e fizeram uma oração, e João se prontificou em realizar todos os preparativos para o sepultamento de seus pais. Abra deixou então que o amigo e companheiro fizesse tudo o que fosse necessário.

Meus Irmãos, o tempo passou, as feridas foram cicatrizando, o sofrimento e a perda de seus entes queridos foram sendo supridos pela notícia de que o Messias já estava próximo. Todos ouviam sempre que podiam as palavras fervorosas de João Batista, que sempre dizia:

— Eu batizo com água, mas o Messias, que está próximo, batizará com o fogo que provém de Deus.

Lucrécia já estava com seus 12 anos, quando todos, Abra, Ádira, Betsabé, João, Jesiel e Barnabé e outros tantos discípulos na mesma Causa Superior do Divino, Nosso Deus e Pai Celestial, e todos ávidos pela chegada do Messias, foram ao templo fazer as suas orações. Neste dia, Lucrécia pregou um susto em todos, quando se ausentou do grupo e todos ficaram procurando-a, preocupados, sem saber onde ela estava. Mais tarde, após todos fazerem suas orações, pedindo inclusive ao Deus Todo-Poderoso que a criança aparecesse, Lucrécia retornou ao grupo, animada e sorridente, falou com sua mãe com toda ternura de seu coração:

— Mamãe querida, desculpe-me, a hora passou, o dia passou, eu não percebi. Fiquei junto a alguns anciãos escutando um garoto de minha idade; ele falava de Deus, das escrituras, com tanta propriedade, com tanto amor, que eu me sentei e fiquei ouvindo; desculpe-me, mamãe...

Abra abraçou sua filha com todo amor de seu coração, pediu a ela que nunca mais a deixasse tão preocupada e perguntou à criança: Quem é este jovem? Você o conhece, minha filha?

E a criança respondeu: Não, mamãe, ele disse se chamar Jesus.

Todos foram para casa e retomaram suas atividades. João, Barnabé e Jesiel cuidando com toda dedicação do posto de saúde onde atendiam tantas criaturas em sofrimento, Abra e suas filhas, ao retorno do lar, sempre dedicadas ao estudo das escrituras e à oração diária para proteção superior.

Meus Irmãos, gostaríamos de destacar, neste curto trecho de nossa história, uma das primeiras realizações diante desta Serva de Deus, podemos saber um pouco sobre a transmissão de passes magnéticos, e da imposição de mãos, que foi o que nosso amigo Barnabé, um companheiro de jornada, que até hoje está com conosco, fez às duas criaturas, João e Jesiel, em momento de tanto sofrimento. E também a sensibilidade de uma menina de apenas 12 anos que pode estar ao lado de Nosso Mestre Jesus, ainda no início de sua jornada em sua Primeira Vinda Visível à Terra, e só foi permitido a esta humilde criatura, ainda uma criança, essa dádiva superior, graças à proteção e iluminação que sua mãe, apesar de ter uma convivência atribulada, turbulenta com o esposo, conseguia manter em sua casa, junto às filhas, o estudo das escrituras sagradas e a oração diária, portanto, fica para nós a Mensagem de Luz, de que a oração é o instrumento mais poderoso de proteção para todos nós.

Como dizíamos todos se embrenharam em suas tarefas. A cada dia o sentimento de todos que faziam parte da comunidade de nossos Irmãos que respeitavam e adoravam Nosso Deus, Nosso Pai Celestial, aguardando a chegada de Nosso Mestre Jesus.

Esta humilde Serva de Deus e Adira, a quem respeitava como uma grande irmã. Já estávamos na idade de 15 anos quando presenciamos uma cena de extrema violência contra nossa mãe, partida de Tertúlio. Amparamos a nossa mãe e, após instaurar-se a paz em nosso lar, oramos ao Nosso Pai Celestial, suplicando por Seu amparo e por Sua Proteção. Depois disso, sentamos nós três, irmãs, esta que voz fala, na época com o nome de Betsabé, Adira e Lucrécia, e fizemos um Pacto Celestial: Prometemos-nos uma à outra que jamais, até que o Messias chegasse, nos entregaríamos ao casamento ou a qualquer homem, e assim o fizemos. Lucrécia sempre muito iluminada passou a auxiliar João, Barnabé e Jesiel no posto de saúde que amparava centenas de Irmãos necessitados.

Eu e Adira reunimos forças e amparávamos nossa mãe, Abra, que tinha seu coração sofrido pela perda de nossos avós, sentindo-se culpada por tudo que aconteceu. O tempo passou e nos tornamos adultas, sempre acompanhávamos o fervoroso e maravilhoso pensamento e profecias de João Batista. Todos aguardavam a chegada do Messias, pois sabíamos que quando isso acontecesse estaríamos mais próximos de Nosso Pai Eterno.

Lucrécia já fazia 30 anos e pediu à nossa mãe para buscar João Batista e sua bênção, pois sentia-se maravilhada com o trabalho de auxílio aos mais pobres, doentes e necessitados, que já realizava a 15 anos, e gostaria de comemorar mais um ano de vida, sobre as bênçãos do Divino Profeta, João Batista. Nossa mãe, Abra, permitiu, e Lucrécia foi à busca de João Batista. Ao se aproximar do Grande Profeta, ele derramou a água sobre sua cabeça e percebeu quanta luz aquela criatura emanava, não só no seu olhar, mas por suas palavras também. Lucrecia, ao distanciar-se de João, o Batista, chegando à margem do rio onde João estava sentiu uma luz forte, tão forte, que teve de fechar seus olhos e ajoelhou-se no chão.

Após alguns instantes percebeu que aquela forte luz se distanciava e olhou para traz, viu João Batista diante de um homem e proferiu as seguintes palavras: “Senhor, não sou digno de batizá-lo”. Ele homem olhou para João e pediu que lhe cumprisse a profecia. João batizou aquele Ser maravilhoso que Lucrécia avistava de longe. Ao levantar-se caminhou para a margem onde estava Lucrécia e João batista chamou seus discípulos e ordenou que seguissem aquele homem dizendo que Ele era o Messias, Lucrecia, maravilhada, levantou-se e ajoelhou diante do homem e perguntou: “Senhor, quem és tu?”. O homem colocou suas mãos em sua cabeça e disse-lhe: “Minha filha, há anos estivestes ao meu lado no templo, onde fiz minha primeira pregação; como eras apenas uma criança talvez não se lembre, e agora estou aqui em Nome de Meu Pai para cumprir minha missão. Vá com Deus”. E o homem distanciou-se.

Lucrécia buscou em seus pensamentos e lembrou-se que o jovem chamava-se Jesus. Correu rapidamente e, chegando em sua casa, abraçou sua mãe, suas irmãs e tratou de espalhar a notícia, de que o Messias havia chegado e que era Jesus, o mesmo que esteve ao lado dela no templo, há 18 anos. Todos encheram os olhos de lágrimas e agradeceram a Deus por ter mandado Seu Filho à Terra, iluminando seus caminhos. Imediatamente, Abra pediu a Lucrécia que levasse as notícias a Barnabé, João e Jesiel, e assim ela o fez. E todos se uniram em uma caravana e foram buscar o Mestre; ouvi-Lo. Sempre que podiam estavam ao lado Dele recebendo as maravilhosas orientações. Passaram-se três anos; todos tinham muita Fé em Jesus, todos O adoravam como o Filho de Deus, oravam e rezavam em seus lares pedindo por Paz Celestial, que iluminassem seus caminhos e que, por intermédio da Fé que tinham em seus corações, que permitisse que a Obra de Jesus na Terra crescesse, que permitisse que todos eles se tornassem servos dessa causa eterna que Jesus trazia para a Terra que era o Amor de Deus.

Abra e suas filhas, Barnabé, João e Jesiel reuniram-se em uma noite orando, estudando as escrituras, quando um jovem bateu em sua porta dando a notícia de que Jesus havia sido preso. Todos ficaram alarmados, preocupados com Nosso Mestre Jesus e entraram em oração, pediram ao Pai Celestial iluminação aos seus pensamentos e às suas ações.

Passados alguns dias, chegaram as notícias do julgamento, em praça pública. Nós gritávamos, implorávamos para que Nosso Mestre Jesus fosse poupado, mas, meus Irmãos, como acontece nos grandes momentos da Humanidade, para que haja purificação das almas, a maldade humana prevaleceu.

A crucificação de Jesus era eminente, não havia mais nada a fazer. Todos, extremamente entristecidos, acompanhamos Nosso Senhor, querendo estar no lugar Dele até o momento de Sua crucificação. Ao pé da cruz, avistávamos Maria e outras tantas mulheres que acompanhavam, aguardando o último suspiro de Nosso Senhor para as providências de seu sepultamento.

Todos nós estávamos sem palavras, sem ação e, inclusive Seus Apóstolos, os quais conhecemos, haviam eles sumido apavorados e desorientados. Mas em nosso grupo de amigos um foi que se destacou; sabíamos que, por causa de seu coração entristecido e amargurado revoltasse, não aceitou o cumprimento das Profecias Sagradas. Queria vingar por meio da violência e da espada a morte de Nosso Mestre Jesus. João, o nosso Irmão

médico, complacente e amigo, encheu seu coração de sentimentos, como ódio e revolta, jurando matar quantos romanos fosse possível, para se vingar do que fizeram com Jesus. Todos nós, aflitos, fomos à busca de nosso Irmão querido, para não permitir tamanha atrocidade, mas graças a Barnabé, o ancião, o mestre, que lhe fez dedicar as horas a conversas, estudos e orações, conseguiu apaziguar a alma vingadora e de ódio que se instaurava no coração de nosso Irmão.

Foram dias difíceis, que nós cristãos temos de ter marcados em nosso espírito eternamente, a resignação, a humildade, mas acima de tudo o Poder de Nosso Mestre Jesus. Quando a notícia da Ressurreição de Nosso Senhor fora espalhada por todos os cristãos, nos enchamos de alegria; o Mestre havia retornado para nós, a morte não existia, porque se Nosso Senhor derrotou a morte, nós também, por intermédio da nossa Fé e de nosso amor por Ele poderíamos derrotá-la, todos ficamos maravilhados quando vimos Nosso Senhor em grande Luz, poder e glória subir aos céus e retornar ao convívio com Nosso Pai Celestial. Seus apóstolos, principalmente Pedro, formaram a linha de frente do Cristianismo, realizava reuniões, grupos de oração, os quais nossa mãe Abra, juntamente com nós três, Barnabé, João e Jesiel frequentávamos fielmente sempre que possível.

Um dos maiores exemplos para essa humilde serva de Deus que vos fala, foi daquela que se tornou como mãe para mim, pois mesmo sobre o julgo do chicote, como poderíamos dizer, de seu marido Tertúlio, nossa mãe não cessou de trabalhar, de orientar-se e de participar de todos os eventos da causa Bendita do Cristianismo. Um desses momentos, meus Irmãos, mais marcantes para todos nós, foi quando nossa mãe Abra, perante Pedro, que induzia a todos os cristãos darem todos os seus bens em prol da causa do Cristianismo, profetizando que nada faltaria a nenhum de nós, nossa mãe foi até o apóstolo, ajoelhou a seus pés e disse-lhe: “Pedro, meu Irmão, não tenho nenhum bem material, nem dinheiro, nem posses, tudo é de meu marido, eu não tenho nada. O que lhe trago é o meu coração, a minha alma, a minha coragem e força de vontade de lutar pela causa de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Pedro estendeu a mão a nossa mãe e levantou-se e, perante todos, disse que o maior tesouro que naquele dia havia sido dado à causa do Cristianismo estava ali perante nós, nossa mãe querida, Abra.

Meus Irmãos, a causa maior do Cristianismo e de Nosso Senhor Jesus Cristo é a libertação das nossas almas da iniquidade humana material e materializada por nós mesmos. Levemos sempre em nossos corações os bons sentimentos, os sentimentos do Amor verdadeiro, da Paz verdadeira, que Nosso Senhor Jesus nos deixou por intermédio do Seu exemplo dignificante e realizante; só assim estaremos trazendo para nossas vidas o maior tesouro que Nosso Deus, Pai Celestial, deixou para cada um de nós.

Meus Irmãos, a Obra de Nosso Senhor Jesus Cristo é imensa e busca reunir os filhos de Deus em um só Rebanho de Amor, de Paz e de União. O desejo desta humilde alma que vos fala é de que, por meio desta história, todos vocês possam exemplificar em suas vidas ações de Bem, de Amor fraterno e de Luz. Os Irmãos que aqui são personagens de uma trajetória evolutiva têm demonstrado por meio de suas ações e seus pensamentos, que os caminhos traçados por nós se projetam em nosso próprio futuro evolutivo.

Nossa querida mãe, Abra, dedicava-se ao Cristianismo todos os dias e instantes de sua vida. Sempre que possível estava junto a Pedro, o apóstolo, mas aos poucos, por meio de sua dedicação, Barnabé que já se tornara um ancião dedicado aos ensinamentos de Nosso Mestre Jesus; tornou-se um discípulo e passou a fazer reuniões, passou a palestrar sobre os ensinamentos de Nosso Mestre Jesus e os ensinamentos de Seus apóstolos. João, Jesiel e minhas irmãs, todos juntos, sempre acompanhávamos esses trabalhos.

Mas as forças do império, com receio de perder o seu poder, passou a inserir forças contra os Cristãos. Então essas reuniões passaram a ser feitas às escondidas e, com receio de uma repressão maior, nossa mãe pediu que não fôssemos. Toda a noite trazia, por meio de suas doces palavras e de seu olhar cheio de amor e ternura, os ensinamentos que recebera do amigo Barnabé.

Em uma destas reuniões, meus Irmãos, as forças do império invadiram o espaço onde nossos Irmãos se reuniam; os mais afoitos e atirados cometeram agressões e um deles, como não poderia deixar de ser, era o nosso Irmão João, que na luta física caíra, ficara desacordado. Nesse mesmo dia, meus irmãos, Barnabé e Abra foram presos por traição ao império; João acordou do desmaio e se viu sozinho no espaço, onde muitos, há pouco tempo oravam e estudavam os ensinamentos de Nosso Mestre Amado. Desesperado por notícias de Barnabé e Abra, soube que haviam sido presos e, sabendo do destino dos prisioneiros cristãos, ajoelhou-se em prantos e pediu a Nosso Senhor que protegesse seus amigos. Imediatamente foi à nossa casa, junto com ele, eu e minhas irmãs, Adirá e Lucrecia, para a segurança de seu lar até que o dia amanhecesse.

Aos primeiros raios de Sol, João partiu em busca de mais notícias sobre Barnabé e Abra. Chegando próximo à prisão, viu um imenso grupo de cristãos acorrentados, andando em direção à arena local onde se realizava as crucificações e as mutilações de nossos Irmãos. Em meio a esta multidão buscava o olhar passivo e amável de sua querida Abra. No mesmo instante Tertúlio, que já havia sido comunicado de que sua esposa havia sido presa e condenada, buscava em meio a estes prisioneiros a certeza da condenação daquela que o desposava. João finalmente encontrou em meio aos prisioneiros seus amigos. Ao tentar aproximar-se, um soldado pretoriano deu-lhe com chicote ao dorso e proibiu a aproximação, assegurando sua condenação, caso ele tentasse aproximar-se novamente. João ajoelhou aos pés do soldado cheio de ira e pediu pelo amor de Deus que permitisse ao menos despedir-se da mulher e do homem mais importantes em sua vida. O soldado levantou a mão para mais uma vez açoitar João. Quando foi interrompido pelo seu comandante que ordenou a retirada do soldado, o comandante, aproximando-se de João, indagou-lhe.

— O que queres com estes condenados, judeu?

João explicou e, para sua surpresa, o oficial estendeu-lhe a mão, levantando-o do chão e lhe disse com voz trêmula, mas com grande sabedoria.

— Um dia, este homem pelo qual todo este povo irá morrer, curou um de meus servos, e por isso lhe sou grato e, como troca a este grande milagre que Jesus fez para mim, permitirei que se despeça destes que procura.

João, agradecido, correu e segurou as mãos de Abra e Barnabé; ele chorava tão compulsivamente que mal conseguia falar. Barnabé, já um ancião, tocou-lhe a fronte e disse-lhe:

— Meu filho, é uma honra morrer por Jesus, não se desespere, daqui a pouco tempo estaremos ao lado de Nosso Mestre Amado.

Abra, por sua vez, colocou as mãos na cabeça de João e lhe disse com a mesma ternura e com o mesmo amor que lhe era peculiar.

— Meu amor, eu estou indo ao encontro de Nosso Mestre Jesus, mas lhe peço, do fundo de meu coração, que cuide de minhas filhas, e não só os cuidados do corpo do físico, da casa, do alimento, mas principalmente cuide para que elas continuem no caminho de Nosso Mestre Jesus.

Sem ter tempo para mais palavras, pois os soldados já empurravam os prisioneiros, João só conseguiu, em prantos, levantar os olhos e dizer:

— Adeus!

Ao adentrar a arena de sacrifícios, João por hora escondia o rosto em prantos, hora olhava com toda tristeza de seu coração o amigo e mentor Barnabé, sendo crucificado como Cristo, mas a dor maior, meus irmãos, foi quando as mulheres, crianças e jovens de todas as idades entraram na arena sob gargalhadas e risos daquelas pobres almas ignorantes que os assistiam, seus corpos eram estraçalhados por leões e outras feras.

Foi sobre o olhar dantesco desta cena torpe e hedionda que João despediu-se de sua amada, morta inocentemente, com tamanha crueldade do império dominador. A raiva e o ódio mais uma vez se instalaram no coração de nosso Irmão que, de novo enfurecido, saiu a andar e a perturbar sua alma com desejo de vingança. Mas vamos deixar um pouco o aspecto da materialidade de nossa história e vamos entender a visão e a iluminação que Barnabé e Abra tiveram ao encarar a morte.

Tanto Barnabé quanto Abra adentraram a arena de sacrifícios com pensamentos e as emoções firmadas em Nosso Senhor Jesus Cristo; uns cantavam e outros proferiam palavras de adoração a Ele. Abra e Barnabé preferiram o silêncio equilibrado e, por intermédio da oração mental sofreram os sacrifícios e flagelação de corpos físicos sem proferir um grito, sem esboçar uma sena de desespero. Barnabé, por sua vez, após sentir as dores dos cravos das cordas farpadas entrarem em seu corpo, imediatamente entrou em sono profundo, como se estivesse dormindo e, após algum tempo, abriu os olhos e viu uma imensa luz e, aos poucos, a grande força luminosa tomou forma e virou para ele como se fosse um anjo que lhe estendia a mão e dizia:

— Venha, meu amigo, é hora de continuar sua jornada!

E Barnabé lhe deu a mão e levantou-se sem dor, sem sofrimento e, ao olhar para traz, teve a visão de seu corpo flagelado e ensanguentado e, no mesmo instante, aquele que ele considerava um anjo chamou-lhe a atenção.

— Meu Irmão, olhe para frente, busquemos o caminho da luz para estar mais próximos de Nosso Mestre Jesus.

Imediatamente, Barnabé prosseguiu seu caminho junto a este Espírito de Luz. Nossa querida Irmã e, para mim, uma mãe, no momento que adentrou a arena dirigia seu olhar sobre todas aquelas crianças e jovens, seu coração só sabia orar ao Nosso Mestre Jesus pedindo que protegesse a todos e que aguardasse a todos eles, e onde Ele, Jesus, estivesse, ali eles estariam junto Dele. Meus Irmãos, no exato momento em que as feras se aproximaram de nossa mãe, esta também entrou em sono profundo e nada mais viu. Após algum tempo Abra teve a mesma visão que Barnabé, de uma luz que tomava forma, e um ancião de túnica branca se aproximou. Nossa Irmã, ainda caída ao chão, não conseguia se levantar, o ancião pegou em suas mãos e disse com toda ternura espiritual:

— Minha querida Irmã, não se assuste, meu nome é Jerônimo, vim aqui para lhe auxiliar. Peço que firme seus olhos no horizonte e veja os amigos e Irmãos que vieram aqui para lhe buscar.

Abra, firmando seu olhar, bem atrás de nosso querido Irmão Jerônimo, percebeu o semblante de seus queridos pais, dos quais tinha tanta saudade; esta imagem confortou seu coração e a encheu de forças e ela se levantou e abraçou a todos eles e, sem olhar para trás, sem se preocupar com o ocorrido, caminhou junto a eles em direção à Luz que fora a primeira visão que nossa Irmã teve no momento da passagem da morte para a verdadeira vida.

Meus queridos Irmãos, a nossa história que é extremamente verídica na visão espiritual, entra em um momento sublime no qual este grupo de espíritos que reencarnam há tantos anos em busca da evolução espiritual irá vivenciar dentro da Era Cristã suas primeiras experiências espirituais.

Quantas não são as criaturas que se dedicam anos, séculos, milênios em prol da evolução, em prol da orientação de tantas outras almas filhas de Deus.

Esta história, que estamos trazendo a vocês, é uma pálida amostra, uma demonstração de quantos seres iluminados estão a todo tempo pensando em nós, estendendo suas mãos caridosas para nós, de quantas não são às vezes, quantas não são as reencarnações que cada um de nós passa pela escuridão encarnatória, os prazeres, os vícios, e o cultivo de emoções e pensamentos incorretos não percebemos e não atendemos a esses Irmãos de Luz que tão caridosamente estão sempre dispostos a nos atender.

Abra, nossa Irmã, ao desencarnar, encaminhada e orientada por nosso Irmão Jerônimo, e atendendo a acolhida tão amorosa, os espíritos de seus pais, que no momento do desenlace do corpo físico estenderam suas mãos ao auxílio de nossa Irmã, adormeceu ao tocar as mãos de nosso Irmão Jerônimo e dos seus pais, ao acordar não soube dizer o quanto tempo

e nem imaginava o quanto dormira num sono passivo, profundo e de grande reflexão, encontrava-se nossa Irmã como numa manjedoura entrelaçada em tecidos de linho branco, palha seca, um ambiente iluminado, cercado de luz, água e vegetação.

Após alguns instantes, admirando tal paisagem celestial, Irmão Jerônimo, Espírito Iluminado, apareceu em sua frente para lhe dar as primeiras orientações. Abra ouviu e não se conteve nas curiosidades, mas a sua primeira pergunta, como não poderia deixar de ser, foi querer saber como estão suas filhas, como estava João, onde estava Barnabé e todas as almas queridas que deixara para trás. Irmão Jerônimo disse-lhe:

— “Querida Irmã, não assoberbe seu coração com pensamentos naqueles que deixastes para trás, penses em Nosso Mestre Jesus, pois, a partir de agora, serás levada a um local para que possa evoluir seus pensamentos, para que possas evoluir seus sentimentos, e, assim que possível, voltar à Terra”.

Abra, ao tentar balbuciar algumas palavras, foi interrompida pelo Irmão Jerônimo, e com a mesma voz paciente, mas de extremo poder, lhe disse que ficasse quieta e entrasse em silêncio, em oração a Nosso Mestre Jesus. Nossa Irmã ajoelhou-se, entrou em oração e, neste momento, seu espírito envolveu-se em Luz e foi encaminhada ao local onde deveria receber instruções, evoluir seus pensamentos e suas emoções, até que pudesse voltar.

Nesse mesmo instante, no plano das formas, João, coberto de emoções, dava notícias às suas filhas, filhas de Abra, sobre sua morte, e sobre a morte de Barnabé. Todos envolvidos no mesmo sentimento de dor e de saudade dos entes queridos entraram em oração. Mas João, como lhe era peculiar, mesmo orando, seus pensamentos não se desviavam do ódio, da raiva e da vingança.

Após fazerem suas orações, Adira, a filha de Abra que tinha mais sensibilidade percebeu no olhar de João todo o ódio, toda vingança, colocou suas mãos sobre sua cabeça e pediu a ele que buscasse a Paz de Jesus e confortasse sua alma sofrida e revoltada nos ensinamentos do Mestre. No mesmo instante, todo o grupo familiar, João, Jesiel, Adira, eu (Betsabé) e Lucrécia resolvemos prosseguir no estudo dos ensinamentos do Mestre, realizando sempre que possível independente dos riscos e das dificuldades, as reuniões iluminadas pelos ensinamentos de Nosso Mestre Jesus.

Meus Irmãos queridos imaginem em tempos tão distantes como era difícil um ser desencarnar e encarar a sua vida espiritual sem orientação, sem estudo, sem iluminação. Realmente foram tempos difíceis tanto aos seres encarnados quanto aos seres desencarnados, mas ao mesmo tempo tão iluminados, tão amparados pela Fé sincera, livre de preconceitos e de receios em Nosso Mestre Jesus.

E é essa Fé, meus Irmãos, que temos de resgatar nos tempos atuais, nas almas e nos corações de todas as criaturas encarnadas e desencarnadas. Somente por meio dessa Fé, pura, como o sentimento de uma criança, mas forte como um sentimento apostólico de Nosso Mestre Jesus, poderá nos dar o amparo e a iluminação para trilharmos nosso caminho evolutivo, com altruísmo e verdade.

Esta humilde serva de Deus que vos fala, na época, com nome de Betsabé, juntamente de minhas irmãs, entronizamos todos os dias as mensagens de Nosso Mestre Amado, em nossos corações e nos corações de nossos próximos.

João, um grande amigo, por sua vez, entronizara em seu coração e em sua alma o ódio e a vingança, por mais que tentássemos juntamente com Jesiel, outro grande amigo, não conseguíamos tirar o desejo forte de vingança do olhar de nosso Irmão. Sempre que possível eu e minhas irmãs nos dirigíamos para as reuniões junto ao grupo de cristãos, e infelizmente, não contávamos mais com a presença do grande amigo João, nem de Jesiel que com a constante ausência de seu irmão, trabalhava quase que dia e noite no posto de saúde no auxílio às criaturas e irmãos que ali buscavam socorro.

Em uma destas reuniões, meus amigos e meus Irmãos, um discípulo de Nosso Mestre Jesus faria uma grande pregação. O discípulo de nome Estêvão convidava todos os cristãos que pudessem estar reunidos naquela noite para louvarmos e exaltarmos os ensinamentos, as palavras e o Nome de Nosso Senhor Jesus. Todos ouviam as palavras do grande irmão quando fomos interrompidos por um emissário judeu de nome Saulo que trazia cartas de mandatos de prisão a todos aqueles que pregavam e falavam de Jesus. Estêvão fora preso e todos os presentes também, inclusive eu e minhas irmãs.

Jesiel e João não tinham notícias de nós até quando já era tarde da noite, desta forma resolveram aguardar o amanhecer, pois sabiam que muitas vezes quando saímos para nos reunir com os amigos cristãos, dormíamos e repousávamos na casa de amigos e conhecidos. Jesiel, por sua vez, perguntou ao querido Irmão, João, por onde ele andava, porque não mais se dispunha ao trabalho digno e respeitoso no auxílio por meio da medicina aos Irmãos necessitados. João, por sua vez, respondeu que estava se preparando para realizar a vingança da morte de seus entes queridos e do próprio Cristo. Jesiel fora a seus aposentos e orou sinceramente ao Pai Celestial que perdoasse seu Irmão e o abençoasse, e também que Nosso Pai Celestial pudesse colocar a Paz de Jesus em seu coração.

No amanhecer do dia seguinte à notícia de que Estêvão morrera apedrejado espalhou-se entre todos os cristãos e, presos como nós, aguardando a sentença romana para nossos destinos. Fomos todos levados ao lado da arena de sacrifícios. Eu e minhas irmãs sempre juntas e unidas em oração, pedimos a Jesus que se fosse para, naquele instante entregarmos nossas vidas em Seu Nome, que assim o fosse, mas que se merecêssemos, Nosso Mestre nos livrasse da dor e do sofrimento.

Quando todos os prisioneiros começaram a sair, nossa irmã caçula Lucrecia deixou pairar sobre sua mente e seu coração o medo, apavorou-se, começou a chorar; então Adirá a abraçou e olhou em seus olhos e pediu para pensar em Jesus a todo instante, pois ela mais do que todos ali teria o grande merecimento de estar ao lado do Cristo, e já estivera ao Seu lado duas vezes. Neste momento Lucrecia acalmou-se, elevou seu olhar aos céus e agradeceu não somente a Jesus, mas também a Deus por ter irmãs tão caridosas e amadas que lhe substituíam a falta da mãe querida.

Saímos todas para arena de sacrifícios, no mesmo local onde ficamos. Adirá nos orientou para que ajoelássemos em oração e assim o fizemos. Percebi então que a nossa querida

irmã ao invés de se ajoelhar conosco, com receio de que sofrêssemos mais do que o necessário colocou-se à nossa frente, aguardando as feras. Seu coração estava com Deus e tenho certeza de que conosco também, mas a sua mente e seus pensamentos estavam ligados no ímpeto da proteção transformando-se em uma couraça, um escudo para nos proteger.

Quando foram soltos os leões, eu e Lucrecia, de olhos fechados orando a Jesus, abrimos os braços intuitivamente nos entregando ao Mestre. Neste instante, meus Irmãos, como se fosse um desmaio, dormimos por alguns segundos e, ao abrir os olhos, me deparei com intensa luz e, no mesmo instante, gritei com todo amor de meu coração.

— Mestre, Mestre! Tu que vieste me buscar?

Então se formou uma mão e, numa visão maravilhosa, vi um ancião que disse com todo carinho:

— Venham, minhas filhas, meu nome é Jerônimo; vim buscar lhes para que possam viver a verdadeira vida.

Ao tocar as mãos de nosso Irmão Jerônimo, eu e Lucrecia olhamos para trás e vimos nossos corpos dilacerados, mutilados e, no mesmo instante, o Irmão falou que olhássemos para frente e esquecer o acontecido, mas os nossos corações imediatamente lembraram-se da nossa querida Irmã Adirá; onde estaria ela? O que aconteceu com ela? Foi o que perguntamos a Jerônimo. Ele estendeu sua mão direita e iluminou nossa visão e vimos nossa Irmã Ádira se debatendo com as feras, como se as empurrasse, agarrasse e jogasse as feras para o lado, gritando nossos nomes, mas seu corpo já estava no chão. Sua alma no ímpeto de nos defender não enxergava a Luz, não enxergava o caminho. Irmão Jerônimo falou que tínhamos de ir, mas nós duas lhe dissemos:

— Não podemos, não podemos! Temos que auxiliar nossa Irmã Ádira.

Irmão Jerônimo com toda sabedoria, perguntou-nos:

— Que queres fazer para ajudá-la?

Olhei para Lucrecia e, no mesmo instante, ajoelhamos ao chão e pedimos ao nosso Pai Celestial e a Nosso Mestre Jesus que permitisse que a calma, a paz e o amor pairassem sobre a alma de nossa irmã para que, junto conosco, pudesse seguir o caminho. No mesmo instante, meus Irmãos, uma luz saiu de nossas mãos e da mão direita de nosso Irmão Jerônimo, outra luz banhou a nossa irmã que, no mesmo instante, parou de brigar com as feras, olhou para corpo mutilado e destroçado e desmaiou. Neste instante, a abraçamos e lhe demos o apoio necessário. Irmão Jerônimo elevou suas mãos aos céus e formou-se à nossa volta um círculo de Luz e todas nós dormimos e fomos encaminhadas para onde deveríamos.

Algumas horas depois, Irmãos que nos conheciam levaram a João e Jesiel a notícia de que havíamos morrido. João já enfurecido com sua alma enegrecida pelo rancor, pelo ódio e pela ignorância disse a seu irmão que juntasse suas coisas, que entregasse o posto de saúde a alguns trabalhadores que já o auxiliavam e que fosse embora com ele. Jesiel começou a fazer perguntas. João pedindo que se calasse, disse-lhe que deveria vir com ele, para que pudessem cumprir a missão a qual tinha certeza que teria de realizar.

Meus Irmãos, temos sempre de ser gratos a Nosso Pai Celestial, gratos ao nosso Mestre Jesus, aos Falangeiros de Luz e aos Protetores do Planeta, por nos ter dado este magnífico processo evolutivo a reencarnação. Porque, meus Irmãos, caso contrário, a nossa existência neste Planeta, que é de Deus, estaria fadada à extinção. Muitas são as revelações intuitivas que ainda iremos trazer mediante a esta história, que este grupo de amigos que ainda traçam até hoje seus destinos, os seus caminhos e sua evolução espiritual nos permitiram trazer.

Meus Amigos e Irmãos, minhas amigas e minhas irmãs, a magnitude dos acontecimentos que irão transcorrer na história que estamos contando a vocês é de tamanha grandeza, assim como é grande os acontecimentos espirituais da vida de todos nós. Esta magnitude e esta grande novidade, para vidas que reluzem sobre nossos olhos só são possíveis graças ao Amor de Deus e de Nosso Senhor e Mestre Jesus.

Após o desenlace do corpo, esta humilde serva de Deus que vos fala, juntamente com as Irmãs queridas, entramos em um sono profundo, uma dormência inexplicável, não saberia dizer o tempo, as horas, os dias, os meses, seria impossível. Mas, ao acordar, reconheci o ambiente, amparado por uma luz que a todo instante parecia nos proteger, nos iluminar. Deitada sobre um leito sem poder me mexer, fiquei ali mais algum tempo, com momentos de lucidez, onde por algumas vezes reconheci a face fraterna e iluminada do Irmão que se denominava Jerônimo e que nos encaminhara para este lugar.

Em uma determinada vez que abri os olhos, Irmão Jerônimo estendeu a mão, e me disse com sua voz carinhosa, suave e calma: “É hora de levantar, minha filha. Temos muito trabalho a fazer”. Fiquei sem saber o que pensar o que dizer, mas assim que levantei percebi que no leito, ao meu lado, estava minha irmã, Adirá, que ainda se encontrava em um sono profundo, agitado, e imediatamente perguntei ao Irmão Jerônimo o que poderíamos fazer para auxiliá-la; apesar de muitas serem as perguntas, onde estávamos? O que aconteceu? O que seria aquela vida?

Mas minha preocupação maior era com minhas irmãs. Irmão Jerônimo me disse que pouco se poderia fazer e que o bem maior a se realizar por ela, era que orássemos e pedíssemos ao Pai Celestial também que iluminasse seus caminhos, para que pudesse se restabelecer, e finalmente acordar naquela vida que, para mim, ainda era um mistério.

Sentindo falta de Lucrécia, olhava para os vários leitos que ali se encontravam e não a achava. Perguntei ao Irmão Jerônimo o que aconteceu e ele me informou algo que demorei a entender, por muitos anos. Disse-me que Lucrécia havia sido encaminhada para outro local onde receberia estudo e orientações para sua nova missão na Terra.

Em meio a tantas novidades, as perguntas e as dúvidas começaram a me assombrar. Após um dia inteiro de auxílio a vários Irmãos que ali estavam Irmão Jerônimo percebeu que meus pensamentos se atordoavam e que as tais dúvidas confundiam mais minhas ações, então pediu que eu descansasse para retomar os trabalhos no dia seguinte.

Mas antes de deitar, perguntei ao Irmão Jerônimo o que acontecera com João e Jesiel, grandes amigos e companheiros de jornada. Irmão Jerônimo me informou que nossos dois irmãos continuavam na Terra, cumprindo sua missão e evoluindo dentro de seus conhecimentos e seus pensamentos e suas ações.

Meus Irmãos, vamos deixar um pouco dessa vivência espiritual, pois muitas serão as revelações, muitos serão os acontecimentos que poderão cercá-los de valores e de sabedoria referentes ao Mundo Espiritual. E vamos buscar nosso Irmão João e nosso Irmão Jesiel.

João que vivenciava o poder do ódio e da vingança em seu coração formara um exército de homens que o seguiam para cometer sua vingança. João levou Jesiel, mas lhe ordenou que jamais pegasse uma espada em suas mãos, e que ele estaria ali para cumprir o que já deveria ter cumprido cuidar daqueles feridos e mutilados das batalhas que viriam.

João e seus homens esconderam-se em catacumbas e cavernas. Jesiel improvisou um pequeno hospital, e João e seus homens saíram, e todos aqueles romanos, judeus, não importava a raça, a cor, a situação, que fossem contra o Cristianismo, experimentaríamos o fio da espada desses homens; muitos foram os mortos, muitos foram os feridos e mutilados. Os feridos e prisioneiros eram levados à presença de Jesiel que cuidava de todos eles com muito carinho e amor, que aprendera a ter com Nosso Senhor Jesus Cristo.

Quando restabelecidos, esses prisioneiros eram levados à presença de João, que lhes dava uma escolha:

— Convertam-se ao Cristianismo ou aceitem a morte.

Os que se convertiam eram encaminhados por meio de seus homens à presença de discípulos e apóstolos mais próximos para ingressarem à causa cristã e com um aviso:

— Se traírem a qualquer instante o valor do Cristianismo e nossos caminhos se cruzarem novamente, a morte será certa.

Muitas foram às batalhas, muitos foram aqueles que morreram sob a espada de nosso Irmão João, muitas foram às vidas salvas por Jesiel, um Irmão e médico amigo que só queria salvar as almas; muitos foram aqueles que, forçados a escolher entre o Cristianismo e a morte, abriram seus corações e entenderam a mensagem de Jesus, e ingressaram de coração e alma na causa nobre cristã, mas muitos também foram aqueles que, por se sentirem julgados injustamente, negaram e fugiram, e logo após morreram sob o fio da mesma espada de nosso Irmão João.

Como todo homem de guerra, como todo homem que tira vidas, chegara o momento em que João fora descoberto, seus homens assassinados e ele e Jesiel presos por uma guarda romana em um vilarejo próximo a Jerusalém. Esses mesmos soldados, sabendo da história de João, o crucificaram de cabeça para baixo, mas sem lhe encravar os cravos nem nas mãos e nem nos pés, apenas o amarraram com cordas, inseriram um pequeno punhal sobre os membros, pernas e braços, realizando pequenos cortes e deixaram o pobre homem sangrar aos poucos.

Ao mesmo tempo colocaram Jesiel em uma cela, de tamanho inferior à metade de sua altura, onde a pobre criatura, contorcida, agachada, não recebia nem água e nem pão. João, durante todo o tempo, sofria a dor e o cansaço dos ferimentos e da crucificação, mas os seus olhos fitados em seu irmão que, à sua frente definhava a cada dia, sem água e sem pão. João, já sem forças, não se permitia morrer enquanto ainda sentia o brilho do olhar de seu irmão.

Voltando à Vida Celestial, como chamávamos na época a Vida Espiritual, eu, Irmão Jerônimo e outros auxiliares, cuidávamos de vários Irmãos que chegavam após a morte, sempre os reabastecendo sobre o poder da oração, apaziguando suas almas e seus espíritos, Adirá, como não poderia deixar de ser, já havia acordado de seu sono turbulento, apesar de ainda carregar marcas da revolta por uma morte tão cruel e dolorosa já se punha ao trabalho superior, auxiliando as criaturas menos favorecidas que chegavam a todo instante. Os massacres a nossos Irmãos cristãos eram diários, constantes, além das mortes que aconteciam em outros povos e recantos, os visitantes eram muitos, todos necessitados de orientação e cuidados.

Então Irmão Jerônimo me chamou e disse-me com firmeza e austeridade, que eu já tinha aprendido bastante para realizar um trabalho na Terra e esse trabalho seria o auxílio ao nosso Irmão João e Jesiel. Imediatamente prontifiquei-me e, como se fosse uma redoma de luz, descemos à Terra para o lado de nossos dois irmãos; a dor da cena que presenciei foi uma das mais difíceis da minha existência.

Irmão Jerônimo imediatamente pediu que eu colocasse minhas mãos sobre a cabeça de nosso Irmão João e que fizesse minhas orações ao Pai Celestial; ele próprio por outra vez fez a mesma coisa com nosso Irmão Jesiel. Poucos minutos depois que nosso Irmão Jerônimo orava ao lado do corpo ressequido, sem forças, de nosso Irmão Jesiel, percebi sua alma se levantando iluminada. Deu ele um abraço em nosso Irmão Jerônimo e imediatamente o nosso fiel instrutor orientou que Jesiel orasse para que suas forças continuassem restabelecidas.

Irmão Jerônimo aproximou-se de mim e de nosso Irmão João, e ao colocar suas mãos sobre a cabeça de João, percebeu que sua alma ao invés de levantar-se, como acontecera com Jesiel, simplesmente desdobrou-se ao lado de seu corpo e caiu ao chão com o mesmo aspecto, com os mesmos ferimentos, com a mesma estrutura física emagrecida e sofrida a qual víamos na cruz. Imediatamente o amparamos, e através do mesmo transporte iluminado Irmão Jerônimo nos levou ao local onde ficávamos sobre o auxílio Iluminado e Divino do Poder de Jesus.

Meus Irmãos encerra-se aqui a desencarnação deste grupo de amigos e Irmãos, por intermédio dos quais trazemos para vocês o grande poder da reencarnação, o grande milagre superior que Deus nos deixou de conseguirmos evoluir através das vidas recorrentes.

Capítulo 2

PLANO ESPIRITUAL — A PRIMEIRA VINDA NA ERA CRISTÃ

É importantíssimo e imperativo que cada um ao entrar em contato com esse estudo do processo de reencarnações que estamos aqui revelando a todos, por ordem e autorização Superior, torne-se uma leitura não somente emocionante e prazerosa, mas também educativa e instrutiva na maravilhosa ciência da Espiritualidade.

Vivíamos todos no trabalho constante de auxílio mútuo entre Irmãos em Deus e Jesus, a todos aqueles que se livraram do corpo da vida terrena e que se dirigia, orientados por espíritos superiores, como o de nosso Irmão Jerônimo até o espaço onde ficávamos, parecido com uma cúpula, com um centro de energia, onde tínhamos leitos para o descanso e o trabalho digno de auxílio, como lhes disse mútuo, um ajudando ao outro a reerguer-se e a crescer. Colocando a cada criatura, a cada irmão de pé, ensinando a cada um a erguer-se e deslumbrar-se perante a vida do corpo celestial.

João, nosso querido Irmão, por muito tempo ainda estava adormecido, sofrendo dores como num pesadelo sem acordar, recebendo diariamente as energias espirituais por meio dos Irmãos samaritanos, e muitas vezes do próprio Irmão Jerônimo. Em alguns momentos de lucidez conseguíamos dar água e algum alimento que muitas vezes nos perguntávamos uns aos outros, de onde viria, se tínhamos morrido e abandonado a Terra.

Adirá, minha querida irmã, já bem recuperada, mas ainda sofrendo tormento e dor da revolta contra aqueles que castigaram nossos corpos físicos, também participava ativamente das atividades, mas com certa dificuldade, pois tudo fazíamos intuitivamente, não recebíamos ordens, mas muitas orientações, que vinham por intermédio daqueles que considerávamos superiores, muitas vezes apenas um olhar já bastava para entendermos o que fazer.

Jesiel, assim como Adirá, recuperava-se muito bem e já se punha a fazer perguntas ao Irmão Jerônimo, tais como os doentes se recuperavam, se não havia ataduras, se não havia suturas, se não havia medicamentos, e o Irmão Jerônimo respondia, com muita paciência, e dizia a ele que, no tempo certo, tudo seria respondido, e que a base da reabilitação e do amparo de todos aqueles que ali estavam era o Amor Fraternal.

Há mais tempo em consciência do corpo celestial, por vezes me aproximava do Irmão Jerônimo pedindo orientações e explicações. Em uma destas oportunidades revelei minhas

saudades de nossa mãe Abra e de nossa Irmã Lucrecia, e ele, com seu olhar de ternura, me disse que em breve mataria essas saudades.

Passado algum tempo, Irmão Jerônimo me chamou, e disse-me que receberia uma visita, e no mesmo instante, como se fosse uma luz que acendesse, formou-se em minha frente o corpo celestial de nossa mãe Abra. Abraçamo-nos, e foi um momento impossível de não chorar, e se emocionar, não externar sentimentos de uma vida que já não existia mais; no entanto, Abra colocou suas mãos sobre minha cabeça e disse com toda ternura e amor:

— Minha filha, não chore. Estamos todos bem, cada um em seu lugar de merecimento; além da visita amorosa que venho fazer a vocês, venho aqui cumprir uma missão.

Nossa mãe se dirigiu até Adirá, a abraçou, externou o seu amor; foi até João e o abençoou, mas não proferiu uma palavra, pois ele ainda não falava, abraçou Jesiel. E após a sua breve visita, Irmão Jerônimo lhe fez um sinal. Ela despediu-se e foi em direção a ele, e eu querendo estar próximo o mais tempo possível perto de nossa mãe fui junto dele, quando Irmão Jerônimo se virou e disse-me:

— Betsabé, no momento iremos a um local, onde, creio, não está preparada para ir junto conosco.

Mas Abra, nossa mãe, olhou firmemente ao horizonte, ergueu os seus olhos como se tivesse em oração, se dirigiu ao Irmão Jerônimo, e pediu que eu pudesse acompanhá-los, que ela me daria a proteção necessária.

Irmão Jerônimo, conhecedor dos fatos e da vivência da Vida Celestial, pela qual todos nós passávamos, aceitou o pedido de nossa mãe para que eu fosse com eles. Curiosa, não pude deixar de perguntar aonde iríamos, e nossa mãe me informou:

— Querida filha, Tertúlio, o esposo do qual tanto sofri, do qual tantos vocês sofreram, desde o dia de minha separação da vida terrena, renegou o amor e a companhia que teve do nosso lado, renegou a consciência da passagem de Nosso Senhor Jesus na Terra, enclausurou-se em um mundo repleto de promiscuidades, na busca do poder, cheio de excessos, até que, doente sem ter ninguém para acolhê-lo, tornou-se recluso a um quarto de sua residência, e não suportando as dores, não suportando o temor que lhe aplacava os pensamentos e o coração matou-se. Por isso o corpo celestial de nosso Irmão Tertúlio se encontra em uma região atormentado, aterrorizado, desorientado, onde nós iremos tentar neste momento, após tantas orações, ajudá-lo.

Imediatamente, resolvi acompanhá-los nesta jornada interessante, mas também tão importante perante os ensinamentos do Nosso Mestre, que nos disse para nunca abandonar uma sequer ovelha do Rebanho de Nosso Senhor.

Assim como na viagem que fizemos quando auxiliamos João e Jesiel, uma espécie de círculo de luz nos envolveu, mas percebi que desta vez fizemos uma descida mais rápida e, ao chegar ao local desejado, encontrei um ambiente enegrecido, escuro, úmido, onde as

poucas plantas e vegetações eram doentes, ressequidas, sem vida; poderíamos resumir como um ambiente sem Amor, sem paz, sem luz. Caminhamos por alguns instantes e não pude deixar de observar criaturas defeituosas, doentes amontoadas, sem vida por toda a parte. Ao nos aproximarmos de uma dessas criaturas dignas de piedade e de compaixão, percebi, nos poucos traços delas que ainda apresentava que era o pobre Irmão Tertúlio, atormentado e enlouquecido começou a gritar para que nos afastássemos, pois a luz o queimava, o atormentava, gritava que sentia dor quando nos aproximávamos. Foi então que, com um sinal, Irmão Jerônimo orientou nossa mãe Abra, eu e Irmão Jerônimo que ficássemos mais distantes. Neste instante, nossa mãe com todo o seu amor e carinho aproximou-se lentamente de Tertúlio, colocou suas mãos sobre a cabeça dele e lhe disse com todo amor e ternura:

— Querido esposo, sou eu que estou aqui, vim lhe auxiliar, lhe ajudar, perdoe-se, peça perdão ao Mestre Jesus e a Deus, Pai Todo-Poderoso; aceite o auxílio generoso que estamos aqui a lhe entregar para que possamos lhe ajudar e levá-lo a um local mais seguro onde terá melhor auxílio, mais condições e mais conforto, para se recuperar de todo mal que fizestes a si mesmo.

Ouvindo essas palavras, percebemos que o pobre Irmão se acalmou e conseguiu estender suas mãos e, quando nossa mãe o tocou, fora como se uma energia superior invadindo aquele corpo ressequido, doente, deformado. Neste momento nosso irmão veio a levantar-se e pudemos nos aproximar, quando o Irmão Jerônimo, com toda a sua paciência e amor o tocou e nosso irmão socorrido adormeceu, realizando a mesma espécie de viagem conseguimos levá-lo até o local onde nós ficávamos. E nossa mãe se despedindo, sozinha, levou Tertúlio ao seu local de destino, onde seria cuidado para erguer o seu corpo celestial.

Meus queridos Irmãos, esta experiência que vos relato, da qual participei ativamente, me trás, através de uma dolorosa recordação, que as almas suicidas são as mais dignas de compaixão, de auxílio, porque são queridos Irmãos perdidos, desorientados, desamparados e fadados ao exílio da própria sorte, e graças ao amor e à oração daqueles que realmente amam ao próximo, como aprendemos nas primeiras escrituras e nos primeiros mandamentos, Tertúlio e outros tantos suicidas conseguiram continuar a trilhar o seu caminho de evolução com mais dignidade, com mais respeito e com mais amor por si próprios.

São tantas as maravilhas da Obra de Nosso Senhor que sempre que relatamos fatos ocorridos em nossa evolução nos emociona e nos anima a continuar pela Eternidade este trabalho, junto à família Humanidade em prol da evolução de nós todos.

Os Irmãos do referido grupo do qual estamos trazendo a vocês, no processo evolutivo de suas reencarnações, viviam e cresciam a passos largos na vivência espiritual, cada um em seu espaço no processo da vida celestial de acordo com seus conhecimentos, sabedorias e seu merecimento.

Adira, com o passar do tempo, tornou-se positiva, mais sensível no trabalho de auxílio ao próximo dedicando-se a todos que chegavam àquela localidade onde ficávamos trilhando o processo evolutivo, após o processo de desencarnação.

Recebíamos a visita de nossa mãe Abra que também trazia notícias de Tertúlio que se recuperava do processo sombrio em que se encontrava por motivo do suicídio.

Nosso Irmão Barnabé também se localizava em local distante de onde estávamos, mas nosso Irmão Jerônimo, sempre que possível, nos trazia notícias positivas dele e a respeito do seu trabalho altruístico e de grande valor realizado por nosso Irmão.

Nosso Irmão e amigo Jesiel, como não poderia deixar de ser, após o tempo que se passou já atuava construtivamente na recuperação de todos os Irmãos que se encontravam em momentos de sofrimento, momentos estes que, apesar de estarmos vivendo a vida celestial com corpos celestiais, muitos tinham dores, feridas e sofrimento. Dependia de cada um de nós na melhor construção desta vida, auxiliar estes irmãos.

Nosso Irmão João, segundo percebíamos de todo este grupo de amigos, era o que se encontrava em situação de maior atenção, principalmente de nosso Irmão Jerônimo que tinha conhecimento da missão e do gabarito espiritual deste nosso Irmão. Certa vez o Irmão Jerônimo se aproximou desta humilde serva de Deus e pediu que lhe auxiliasse em uma situação; dirigimo-nos até a presença de João e, ao chegarmos, encontramos um ser cabisbaixo, pensativo, dava para sentir o sofrimento que aquela alma passava. Irmão Jerônimo com toda sua humildade e simplicidade se dirigiu ao Irmão João, colocando suas mãos sobre sua cabeça, então eu percebi uma intensa luz que saía de suas mãos e banhava o corpo de nosso amigo, e após alguns segundos, percebi que as forças de João se restabeleceram. O sábio Irmão Jerônimo perguntou se nosso amigo, agora mais revigorado, gostaria de fazer uma viagem que lhe traria mais instruções e esclarecimentos sobre tudo que se passava, aceitando de pronto o convite, o levamos ao local desconhecido, que João imaginara ser próximo, pois a viagem seria rápida.

E mais uma vez realizamos o que eu poderia dizer ser uma viagem entre planos ou uma viagem astral. Ao chegar a nosso destino nos deparamos com vários leitos e varias almas com seus corpos celestiais em extremo sofrimento. João, sem entender o que se passava, aproximou-se dos leitos, leitos que, mesmo que esticássemos os olhares não se percebia o fim. Aproximando-se dos leitos um dos irmãos que estavam em tratamento, abriu os olhos e fitou a imagem de nosso Irmão João, aterrorizou-se e gritou implorando:

— Tirem esse homem daqui! Socorro me ajude! Ele me matou!

João afastou-se aterrorizado, não sabia o que dizer o que pensar ou mesmo fazer, o Irmão Jerônimo aproximou-se e explicou o que estava acontecendo:

— Caro amigo, aqui se encontram várias das criaturas, almas das quais através da guerra e da espada, tirastes a vida terrena. A maioria dos pensamentos destes irmãos, diariamente quase que o tempo todo, se aterroriza com sua imagem, sua voz e lâmina afiada de sua espada, trucidando e matando seus corpos na Terra.

João, assimilando as palavras de nosso Irmão colocou suas mãos no rosto, caiu de joelho e bradou em alta voz:

— Mestre Jesus, Senhor de todos os exércitos, Pai Celestial, Deus Criador do Universo, se eu soubesse que estava errado não teria feito. Pela espada defendi Seu Nome, o nome dos que O amava! Como estou arrependido, como estou arrependido! Perdoa-me, Senhor, ou se ainda puderes, acabe com minha existência de vez, pois não suporto ver o sofrimento dessas criaturas.

Chorando copiosamente sem termos como nem se aproximar de nosso Irmão, o Irmão Jerônimo mais uma vez emitiu a luz regeneradora através de suas mãos para que nosso Irmão recuperasse as forças, pois ainda teria que ver sentir e presenciar mais coisas para poder entender que caminho deveria seguir em seu processo evolutivo.

Após João recuperar os sentidos mais uma vez, viajamos a outro espaço e vimos a mesma cena torpe e cruel de várias pessoas em tratamento, porém, percebi uma diferença: os corpos celestiais que ali estavam não apresentavam mutilações, como se voltassem de uma guerra ou assassinato, mas da mesma maneira estavam em tratamento. João, mais uma vez curioso, se aproximou de vários leitos, olhou vários Irmãos. Em determinado momento, aproximando-se de um ente querido em tratamento, entretanto apresentando um estado melhor, João, sentado no leito, fitou João bem no fundo de seus olhos, segurou em suas mãos, ajoelhou a seus pés e, com todo amor de seu coração, proferiu as seguintes palavras que definiram o caminho de nosso Irmão João:

— Irmão João, finalmente o reencontro, graças ao senhor, forçado pela lâmina de sua espada encontrei o Cristianismo, me aproximei dos discípulos de Jesus e encontrei o caminho da paz do Senhor, estou aqui hoje me recuperando, mas sei que em breve estarei mais próximo de Nosso Senhor e isto tudo eu tenho que agradecer a ti, Irmão João, pois se não fosse pelo poder de sua voz, força e coragem, jamais teria me entregado ao Cristianismo e estaria no caminho do pecado até hoje, obrigado, obrigado!

João emocionou-se, entretanto percebi que em vez de suas forças esvaírem-se como anteriormente, seu olhar brilhou, sua alma se elevou e percebi que a força de seu corpo celestial conseguia absorver a essência da luz de Nosso Mestre Jesus que pairava sobre todos nós.

Retornamos ao nosso local de origem, o amigo João pensativo por muitas horas ficou recluso buscando orientação através de seus pensamentos e emoções e, no entardecer daquele mesmo dia, aproximou-se do Irmão Jerônimo e perguntou:

— Caro amigo, sei o que preciso fazer, mas não sei se mereço a oportunidade, por isso lhe farei um pedido: se for possível me conceda, preciso trabalhar em prol dos Irmãos mais necessitados, aqueles dos quais tirei a vida na terra.

Irmão Jerônimo, por meio de sua sensibilidade e sabedoria olhou nosso Irmão João e já lhe respondeu:

- Caro amigo é claro que resposta é sim, debes mesmo fazer o que pensas e sente, pois só assim resgatará os erros do passado, crescerá e irá trilhar a vossa evolução.

No mesmo instante João, com os olhos marejados em lágrimas, aproximou-se de mim, Adira e Jesiel e despediu-se:

—“ Meus amigos, eu irei ao encontro das criaturas das quais tirei a vida na Terra, auxiliá-los quanto minhas forças possam suportar, conquistar o caminho do bem, do amor e o caminho de Jesus. Dispensando-me de vocês neste momento, mas tenham a certeza de que estaremos sempre unidos pelo pensamento, e pelo amor que construímos entre nós, durante esta vida. Estejam em paz, pois vou em paz.

Os Irmãos Jerônimo e João fizeram sua viagem, e nosso amigo, com ânimo renovado, começou a trabalhar dedicadamente no auxílio das almas necessitadas, amparando, curando e orientando. E cada alma recuperada, para João, era a maior vitória em nome de Jesus.

Caríssimos amigos, amigas, Irmãos e Irmãs, nosso Irmão João é um exemplo do qual devemos sempre retirar as nossas orientações, pois não devemos nunca achar que defender o nome de Cristo e Seus ensinamentos por intermédio do poder, do preconceito, da explosão de alma esteja correto, pois não está. E todo aquele que assim o faz, verá em sua vida espiritual a necessidade de auxiliar a todos aqueles que sofreram, sob sua voz, poder, fanatismo, prepotência, perseguição, preconceito e exclusão, cruzará seu caminho novamente e terá com toda sua humildade que estender a mão ao auxílio para estas criaturas, a fim de resgatar sua dignidade, respeito, traçado no caminho da evolução espiritual.

Como vínhamos falando, vivíamos em nossa existência celestial, junto com os irmãos que estiveram um dia junto de nós na Terra. Alguns dos amigos podem estranhar porque não usamos a palavra espírito, encarnação, desencarnação, reencarnação, vidas cíclicas e outros conceitos e nomes usados atualmente por todos nós. A explicação é simples: não teríamos habilidade nem entendimento suficientes para na época entender esses conceitos, entender essas palavras e esses ensinamentos que fazem parte da geração atual, por isso nos referimos a "corpos celestiais" e "vida celestial". Em nossa mente entendíamos que havíamos morrido e ressuscitado em outra vida, assim como Jesus o fez; sabíamos que era uma vida diferente, onde vivenciávamos energias e sentimentos diferentes. E quando o nosso Irmão e mentor Jerônimo nos falava sobre o retorno à Terra, pensávamos em uma nova ressurreição em outra vida, com corpo material e não celestial e este era nosso simples entendimento.

Vivíamos em pleno trabalho cuidando, orientando e amparando a todos que chegavam e voltavam da vida material. Em um destes dias nosso Irmão Jerônimo convidou a mim, a nossa irmã Adira e Jesiel que buscássemos o nosso Irmão João para realizarmos uma viagem a um lugar especial. Primeiramente nos locomovemos ao espaço de trabalho que nosso irmão João, muito ocupado, sempre atento a todos a seus afazeres e a todas as atribuições daqueles que o auxiliavam. Quando interpelado pelo nosso Irmão e mentor se gostaria de seguir conosco nessa viagem, disse estar muito ocupado e sem tempo, entretanto nosso irmão Jerônimo sempre paciente e iluminado tocou seu ombro e disse ao caro amigo:

— Meu irmão há tempo para tudo; para trabalho, para o amor fraterno e há momentos para aprender. No momento lhe convido a fazer uma viagem da qual jamais se esquecerá. E aprenderá coisas importantíssimas para as futuras vidas que poderá ter.

João, sempre sedento por conhecimento e por instrução e por respostas, atendeu imediatamente ao pedido de nosso Irmão e então prosseguimos nessa viagem que, segundo nosso irmão Jerônimo, era especial.

Em meu humilde entendimento percebi que esta viagem demorou mais que as outras, com espaço de tempo maior do que costumeiramente já havíamos realizado. Chegando ao local de destino, percebemos uma paisagem maravilhosa e, muito distante, vimos uma enorme luz que irradiava intensamente. Irmão Jerônimo pediu que aguardássemos, pois ele traria a nossa presença um dos responsáveis pela brilhante luz que víamos ao longe. Passados alguns instantes, o Irmão Jerônimo chegou acompanhado por outro irmão, com corpo celestial muito iluminado a luz era tanta que chegava a ofuscar nossos olhos. O Irmão Jerônimo pediu a este nobre amigo que atenuasse a irradiação de luz de seu corpo para que pudéssemos nos aproximar dele e de toda a equipe que trabalhava sobre intensa luz que mirávamos ao longe; e atendendo ao pedido assim foi feito. Ao abrir os olhos, com mais calma, percebemos que no local de irradiação luminosa havia edificações, prédios e casas. Não sabíamos descrever, nos encaminhamos até o local e na chegada nos deparamos com um espaço totalmente diferente do qual habitávamos, parecia ao nosso humilde olhar, uma cidade com edifícios, prédios e casas diferentes dos que vemos na Terra, com formas e funcionamentos totalmente alheios ao nosso entendimento.

Irmão Jerônimo pediu que subíssemos as escadarias de um prédio situado no centro do aglomerado de edifícios. Ao terminar a subida estávamos numa espécie de platô ou varanda, não sabíamos descrever exatamente, e neste destino pudemos enxergar a grandiosidade do que estava sendo realizado ali. Percebendo em nossos olhos as perguntas e as dúvidas, o Irmão Jerônimo nos orientou:

— Meus queridos Irmãos, o que vocês estão vendo é a construção de uma das primeiras cidades onde os irmãos que migram de seus corpos físicos para os corpos espirituais ou celestiais, possam se desenvolver, habitar, estudar e evoluir.

Todos nós ficamos emocionados e felizes por perceber que a magnitude de Nosso Pai Celestial e de Nosso Mestre Jesus nos permitia, mesmo depois do desenlace de nossos corpos físicos, contemplarmos tamanha beleza, um refúgio maravilhoso para aqueles que queriam e estavam galgando sua evolução. Irmão Jerônimo então se dirigindo ao grupo com toda sua humildade e sabedoria, pois sabia que daquele grupo sairiam palavras intuídas pelo amor verdadeiro, amor fraterno, nos fez uma pergunta que para maioria de nós seria impossível responder:

— Queridos amigos, gostaríamos neste momento junto a vocês, dedicados companheiros de jornada, solicitar que se inspirem e que iluminem seus corações e suas mentes para que possamos dar um nome a esta maravilhosa cidade, onde dentro em breve provavelmente em uma próxima subida ao espaço celestial estarão aqui conosco.

Olhando uns aos outros sem saber o que responder um de nós que já estava de joelhos em oração, com lágrimas na face, orando ao Pai Celestial, levantou-se olhou ao horizonte e no mesmo instante, uma revoada de pássaros, aves maravilhosas que deixavam um rastro de luz subiu sob nossos olhares e então, o amigo João, olhando profundamente em nosso irmão Jerônimo disse o que estava pensando:

— Querido Irmão, se me permite gostaria de dizer a todos que não teria nome mais digno, mais iluminado do que chamarmos esta cidade de — "Solar das Aves".

Quando João terminou de proferir suas palavras todos estávamos emocionados e sentimos uma força em nossos corações que este nome tão belo seria eternamente falado e citado por muitos amigos e companheiros do Mundo Celestial. Irmão Jerônimo ergueu as mãos para os céus, proferiu uma oração sincera ao Nosso Pai Celestial e agradeceu a inspiração superior que fora derramada na mente e no coração de nosso Irmão João, tornou-se então oficial o nome desta cidade celestial de "Solar das Aves". Após a breve visita retornamos aos nossos espaços de trabalho. João retornou ao seu trabalho incansável e dedicado, instruindo e cuidando. Todos os irmãos que buscavam seu conselho e também nós retornamos aos nossos espaços de trabalho, onde realizávamos o mesmo trabalho de assessores de nosso Irmão Jerônimo, mas ao chegar, eu e Adira ficamos emocionadas, pois encontramos nossa mãe Abra que nos aguardava com notícias:

— Minhas filhas, eu venho aqui me despedir de vocês; vosso pai Tertúlio já desceu a Terra para continuar sua evolução, e agora é chegada minha vez, estou retornando, mas não fiquem tristes, eternamente estaremos ligadas pelo amor que Jesus e Nosso Pai Celestial e tenho a certeza de que em breve estaremos juntas novamente.

Nossa mãe se juntou ao nosso Irmão Jerônimo e os dois foram fazer uma visita de despedida ao nosso Irmão João. Junto de João, nossa mãe lhe informou seu retorno a Terra. Ele mesmo ficou indignado e perguntou a Abra porque estava retornando, principalmente para auxiliar aquele que havia lhe traído, trazendo tanta infelicidade e desamor e externou mais uma vez todo amor que tinha por ela, mas ela com toda humildade em seu coração colocou suas mãos no rosto de João e disse talvez as palavras que marcariam por longos anos o sentimento de nosso Irmão João:

— Meu querido amor, jamais quis nos separar, mas temos que primeiramente cumprir os nossos compromissos celestes junto a Jesus, Nosso Pai Eterno, e nossos irmãos de jornada. Um amor como nosso não se quebra, não se desuni e não depende da carne para evoluir, portanto estarei sempre com você, não somente na vida celestial, mas também na vida material sempre nos encontraremos, sempre estaremos juntos unidos por este amor, fique em paz, irei cumprir a missão para a qual me candidatei com todo amor de meu coração e te aguardarei, não importa quanto tempo for, para que os nossos olhares, nossos corpos celestiais estejam unidos mais uma vez.

E assim partiu a nossa mãe junto com Irmão Jerônimo e não a vimos mais, não no mundo celestial.

Querido irmãos, começa assim o retorno à vida material deste grupo de amigos que tantas encarnações acompanhamos com todo amor em nosso coração.

Capítulo 3

FIM DA PERSEGUIÇÃO AO CRISTIANISMO

Vamos deixar um pouco a nossa humilde participação na história de nossos irmãos que vivem a vida celestial e voltar ao plano das formas ao lar de Jonas, mercador judeu, de muitas posses e heranças familiares, e de sua esposa Ester, que espera para dar à luz nossa irmã Abra que retorna à Terra. No dia do nascimento, do retorno a vida terrena de nossa irmã Abra, a felicidade tomou conta daquele lar, uma casa rica e de grande poder na comunidade judaica, estamos no ano de 250 d.c., ao nascer, seus pais, Jonas e Ester, os mesmo que outra hora sucumbiram no vale dos leprosos uma morte terrível coberta de traição. Jonas e Ester olhando para a filha deram-lhe o nome de Dinorá, reluzente com olhar vivo de uma criança saudável.

A infância de nossa irmã Dinorá transcorrerá com muita felicidade, conforto e com educação religiosa. Nossa querida irmã encontra-se com seis anos de idade, e na proximidade da chegada de seu terceiro irmão, com o nascimento de seu segundo irmão quando tinha ainda três anos de idade.

Neste instante, queridos Irmãos, retornamos ao relato das encarnações deste grupo de irmãos á vida celestial, onde encontramos nosso Irmão João contente e feliz com suas realizações junto aos irmãos mais sofridos. Este amigo recebe a visita de nosso irmão Jerônimo, que ao mesmo tempo conservava grande autoridade e humildade, chama nosso irmão para uma conversa e explica-lhe que é chegado o momento de retornar à Terra e cumprir na vida, junto ao seres que se encontram em seus corpos físicos para realizarem suas missões e buscarem as suas evoluções. A primeira pergunta de nosso Irmão João, saudoso por aqueles que amam, indagou se encontraria nossa Irmã Abra e Barnabé e se Jesus lhe permitira ter como pais amados os mesmos, Dionísio e Lucíola de outra hora, estes dois amigos como um raio de luz apareceram para nosso Irmão João que, emocionado, ajoelhou a seus pés e chorou copiosamente. Irmã Luciola, sempre bondosa e amável, levantou seu filho e disse-lhe com todo carinho:

— Filho querido, não estaremos na Terra com corpos físicos presenciando a sua jornada, mas estaremos sempre junto de ti, principalmente eu, uma mãe espiritual que tanto o ama; eu e seu pai Dionísio jamais abandonaríamos você e seu irmão Jesiel.

Após os abraços e cumprimentos Irmão Dionísio e Lucíola seguiram sua jornada. Jerônimo se aproximando de João lhe ofereceu as explicações necessárias:

— Caro amigo João, parte das perguntas que me fizeste já foi respondida pelos seus próprios pais. Quanto aos nossos irmãos Abra e Barnabé, com certeza vocês cruzarão seus caminhos nesta jornada que se aproxima, mas ainda precisamos de tempo para preparar as condições necessárias para que possa regressar junto aos irmãos encarnados.

João, sempre afoito e atirado, pediu encarecidamente ao nosso Irmão que isso não demorasse, pois sentiu que nossa Irmã Abra precisava de sua ajuda, e principalmente sentia a necessidade de já estar na Terra antes que os filhos de Abra retornassem à vida terrena. Irmão Jerônimo confiou informações que outrora não faria a qualquer outra criatura despreparada a receber informações de tanta importância e disse:

—“Caro amigo João, podemos sim antecipar, atendo a seu pedido fraterno, a sua volta à vida material junto àqueles, que tanto ama, mas isso poderia lhe custar um sofrimento a mais, um caminho mais tortuoso, mais difícil de se trilhar sem cometer erros possíveis daqueles que tem vida corpórea.

João meditou por alguns instantes e não teve dúvidas em solicitar ao Irmão Jerônimo e se possível, se Deus permitisse e se Jesus Nosso Senhor e Suas autoridades celestiais assim pudessem que isso ocorresse o mais rápido possível.

O Irmão mentor serrou os olhos como se meditasse por alguns instantes, e quando voltou a abrir olhos disse:

— Caro amigo, se despeça do grupo que auxilia, dê autoridade a um irmão de jornada para que continue seu trabalho, pois retornará à Terra imediatamente!

O Irmão, prestes a retornar ao plano terreno ficou feliz, mas ao mesmo tempo cheio de dúvidas, inseguro e atendendo às ordens, imediatamente, pois aprendera em outros tempos que as ordens de seres superiores não devem ser contestada e sim, cumprida.

Jerônimo levou João para despedir-se dessa humilde serva de Deus, que na época ainda usava o nome de Betsabé, de Adira, minha querida irmã, e de Jesiel, seu irmão na última jornada na Terra. Após os cumprimentos, todos já saudosos, por reencontrar nossos irmãos João e Jerônimo fizeram a jornada, todos preparativos providenciados. Nosso irmão, em vias de reencarnar, entrou em estado de inconsciência celestial para que pudesse ocupar seu lugar entre os homens e as mulheres no campo das formas.

Retornamos então, meus amigos, ao plano terreno, mais precisamente em uma gruta escura próxima à estrada de Damasco onde percebemos um casal maltrapilho, afoitos, bandidos confessos, ladrões, deturpadores dos conceitos nobres instaurados na sociedade. A irmã que avistava a pobre criatura preste a colocar no mundo uma criança no mundo, sem recurso algum, apenas com um companheiro imundo e maltrapilho que gritava desorientado para que aquele momento de terror acabasse. A pobre irmã sendo auxiliada por uma senhora de muita idade, também maltrapilha, no mesmo meio que o casal vivia, deu à luz um menino, e no mesmo instante enrolou a criança em panos e colocou em um cesto de palha e pediu a senhora que a jogasse fora, pois não queria ter o peso de criar um filho. A senhora recusando-se, o companheiro daquela criatura sofredora agarrou o cesto em suas mãos levou-o até a estrada de damasco e no pé de uma árvore depositou o cesto e deixou as últimas palavras:

— Fique aí, criança indesejada! Destino-te à própria sorte dos deuses. Se for para viver receberá ajuda, ou se for para morrer morrerá em breve.

Afastando-se da criança indefesa, sumiu em meio à escuridão. Passado algumas horas, uma carroça cheia de mercadorias, conduzida por um já de idade avançada, chamado Jacó, passando próximo ao cesto, escutou o choro da criança e desceu de seu transporte, aproximou-se e, quando viu o belo menino, olhou para todos os lados buscando uma alma à qual pudesse entregar a criança, pois, em consequência de idade, sabia das impossibilidades de criar uma criança tão nova. Não tendo outra opção, o pobre velho ajoelhou-se e fez uma oração:

— Senhor e Mestre Jesus, Tu que és nosso salvador, oriente essa pobre criatura, pois este velho já não tem tanta vida para cuidar de uma criança tão nova. A minha esposa, também de idade avançada, não suportará o trabalho que o cuidado com esta pobre alma nos dará. Agradeço, Senhor, por ter tentado colocar um filho em nossas vidas, mas sinto não ter forças para realizar esta missão. Desculpe-me, Jesus, mas preciso abandonar esta pobre criatura, com toda dor em meu coração, sinto que é o necessário a se fazer.

Mediante esta oração, Jacó direciona suas mãos trêmulas na frente do menino, que se acalmou e adormeceu. Ao levantar-se, uma imensa luz brilhou sobre seus olhos e sem poder conter o impulso tapou as vistas e gritou:

— Senhor, Senhor, me perdoe! Não faço isso por mal, por que me castigas?

A luz foi diminuindo de intensidade, o nosso Irmão descobriu os olhos e observou o que para ele era a figura de um anjo, uma mulher. A intensidade de luz era tanta que pela visão de nosso Irmão esta entidade de luz aparentava ter asas. Então o anjo proferiu as seguintes palavras:

— Irmão Jacó, Jesus coloca a vida deste Irmão, desta criança, um menino que, abandonado ao acaso, necessita de um lar e orientação religiosa. E Jesus deseja que seja o lar de nosso Irmão e de sua esposa Safira, para cuidar desta criança.

Pobre Jacó, em sua humilde sabedoria, ainda indagou ao anjo:

— Meu senhor, não tenho mais forças para isso, sei que em breve eu e minha esposa ressurgiremos na outra vida junto ao Nosso Mestre Jesus. Não teria tempo de cuidar desta criança o suficiente para entronizá-la no caminho dos ensinamentos do Cristo, no caminho do Bem e da Verdade.

E o anjo, como pensava ser nosso irmão Jacó, proferiu também as palavras que ficariam marcadas eternamente no coração dessas almas e na alma da criança que ali estava.

— Irmão Jacó, para que saiba sempre, porque outras vezes se Jesus assim permitir virei falar com o senhor, meu nome é Lucíola, estou em forma celestial, amparando não só seu lar como a esta criança. Não lhe faltará nada, Jesus nunca lhe abandonou e nem a nenhum cristão, principalmente por intermédio de um ato de bondade e de Amor, jamais lhes faltará nada de necessário, a ti e à sua esposa, e quando sentires que a hora derradeira da ressurreição da vida celestial chegar, tens um grande amigo, um apóstolo de Jesus de nome

André que irá lhe auxiliar e tomar conta da criança; tenha Fé em Nosso Senhor, busque forças em seu coração e em sua alma e sentirá que o certo é abraçar esta criança com carinho e amor de pai.

No mesmo instante, meus Irmãos, Irmã Lucíola se fora aos olhos de Jacó, mas seu corpo celestial e sua presença sempre foram constantes na vida daquela criatura e daquela criança e sabemos que era nosso Irmão João que retornara à Terra. Jacó abraçou a criança, emocionado, e orou a Jesus agradecendo a oportunidade de ser pai antes que sua vida terrena lhe fosse tirada, pois já tinha idade avançada. Olhou para o jovem e ali mesmo, no momento mais sublime de sua vida, deu-lhe o nome de Jeremias.

Colocou a criança na carruagem, bem guarnecida e aquecida, e retomou sua viagem até as proximidades de Jerusalém, onde morava em pequeno casebre humilde e sem recursos junto de sua esposa Safira, os quais eram servos trabalhadores, e poderíamos dizer empregados tratados, quase como escravos, mas empregados na casa de Jonas, o mercador.

Meus Irmãos, mais uma vez os destinos reencarnatórios deste grupo de grandes amigos começam a se entrelaçar, gerando caminhos na estrada de evolução, regados por conquistas e ações realizadas por nós através do livre-arbítrio, que é inviolável.

Gostaríamos de dizer aos nossos Irmãos que, além de se aterem à leitura desta história de amigos em processo de reencarnação, que prestem atenção e entrem em sintonia com os fatos científicos espirituais da maior lei que nosso Pai Celestial nos deixou, a lei de ação e reação a lei da reencarnação.

Jacó, nosso querido Irmão, chegando a seu lar, mostrou a criança à sua esposa Safira, que, emocionada, ouvindo a história do porquê havia trazido aquele pequeno ser em seus braços, rendeu graças ao Nosso Senhor Jesus, ao Nosso Pai Celestial pela oportunidade de ser mãe.

Meus queridos Irmãos, em plena época de perseguição ao Cristianismo, que era uma perseguição dupla, pois nossos Irmãos judeus não aceitavam Jesus como Messias Prometido pelos profetas. O império dominador de Roma perseguia, matava e execrava todo aquele que se intitulava cristão, um seguidor de Jesus. Jacó e Safira eram cristãos e escondidos no silêncio todas as noites e, quando possível, reunidos em grupos nas cavernas, grutas, catacumbas ou casas mais isoladas estudavam as palavras de Jesus, ouviam as palavras de seus missionários, discípulos e apóstolos. Jacó e Safira, principalmente, ocultavam a sua adoração a Jesus, pois residiam em terras de judeus, dos nossos Irmãos Jonas e Ester.

Jacó imediatamente se dirigiu a casa de André, amigo de longa data, mas que era mais moço e, lembrando-se das palavras de nossa Irmã Lucíola, que quando lhe faltasse a vida material entregasse a educação de Jeremias ao amigo André, que além de ser médico ofertando auxílio às criaturas menos favorecidas, também era um discípulo de Jesus, um grande pregador e evangelizador do Cristianismo.

André, ao chegar à casa de Jacó e Safira, olhou a criança, o jovem Jeremias, e as lágrimas corriam em seu rosto. Emocionado, ajoelhou e orou a Nosso Senhor Jesus, agradecendo ter

ao seu lado mais uma vez um irmão querido, ele sabia e sentia em seu coração uma grande amizade, um amor e uma união de grandes irmãos. Após a breve visita, André disse a Jacó que orientasse desde pequeno a criança e, se precisasse de seu auxílio, que o procurasse, mas que nunca deixasse a criança longe da evangelização do Cristo, ensinando-lhe não só as palavras dos antigos profetas, mas também as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A pequena Dinorá na casa de nosso Irmão Jonas e Ester completava seus sete anos com saúde, paz e orientação espiritual judaica, tão necessária em todos os lares que adoravam e Nosso Pai Eterno, Nosso Deus Criador. Jonas foi informado de que Jacó e Safira tinham em seu lar uma criança recém-nascida e, sabendo de suas idades avançadas, logo entendeu tratar-se de uma criança que eles haviam pegado para criar e, como trabalhavam e moravam em suas terras, Jonas pediu que Jacó viesse à sua presença para dar-lhe explicações. Ester, ouvindo as ordens que seu esposo dera ao empregado aproximou-se, e como era de respeito na época, pediu permissão para falar e disse ao seu esposo:

— Querido marido, penses bem no que vai falar ao nosso servo Jacó, um homem que nos auxiliou a enriquecermos, um ser de confiança que se tornou durante tantos anos mais que um simples empregado, tornou-se um amigo um servo a quem confias às compras, às vendas e a administração dos outros empregados em nossas terras.

Jonas, olhando para sua esposa, pensativo por alguns minutos, disse:

— Minha senhora, sabe que tenho adquirido na sinagoga, junto aos grandes mestres e sábios, a inteligência de interpretar da melhor maneira possível perante Nosso Pai Eterno os fatos que ocorrem em nossas vidas. Fique tranquila; saberei o que falar a Jacó.

Jacó, chegando à presença de seu superior, por questões de respeito curvou a cabeça, Jonas se aproximou e lhe falou austeramente:

— Jacó, levante sua cabeça!

Ele, receoso, levantou a cabeça, pois temia ser mandado para fora por causa da presença de Jeremias, mas para sua surpresa Jonas lhe disse com muita firmeza e verdade em suas palavras:

— Jacó, tu já foi para nós um simples empregado, mas hoje eu e Ester já consideramos você e sua esposa como amigos, vocês nos ajudaram muito. Vejo que agora tens mais uma boca para sustentar, por tudo isso e por saber que enquanto houver vida em seu corpo, minha riqueza e minhas terras também estarão melhores, estou lhe promovendo a administrador geral dos meus negócios, das minhas terras e das minhas plantações, terá 10% de todos os lucros que tenho. Tenho certeza de que isto lhe auxiliará junto a esta criança, que penso que Deus colocou em sua vida por alguma finalidade.

Jacó, agradecido, saiu às pressas para dar a notícia à sua esposa, que alegremente o recebeu e todos seguiram suas vidas. Jacó pôde ter uma casa melhor, mais ampla e limpa para cuidar do pequeno Jeremias. Jonas e Ester ao mesmo tempo ficaram felizes, pois viram o

bom e velho trabalhador, que se tornara um amigo de jornada, crescendo em sua vida material.

Passaram-se sete anos, Jeremias, uma criança alegre, feliz e saudável e Dinorá já era uma jovem próxima aos seus, quatorze anos. Como era comum entre as famílias judaicas, Jacó e Safira se encaixavam neste perfil, pois, apesar de cristãos, mantinham as aparências perante aos seus superiores participando das orações na sinagoga e, ao mesmo tempo, todas as noites passavam orando e estudando todo o possível que era ligado ao Nosso Mestre Jesus Cristo e Senhor, que passou pela terra e deixou Seus ensinamentos. Em uma dessas idas à sinagoga os homens adentravam ao interior do templo onde ouviam o sumo sacerdote em leituras aos pergaminhos sagrados; as mulheres tornavam-se reclusas em ambiente separado e ficavam em oração; as crianças e os mais jovens aguardavam no pátio exterior da sinagoga.

Dinorá e seus irmãos já constavam em número de sete; junto com Jeremias aguardavam no pátio exterior, brincando e sorrindo, falando de Deus também e, por vezes, alguns homens mais velhos se aproximavam e falavam dos antigos profetas, das palavras de Deus a Moisés e outras tantas coisas passíveis do entendimento das crianças menores. Nesta ocasião, já em sua idade de dezessete anos, aproximou-se um jovem do grupo de crianças, olhou para Dinorá e sentiu um amor, uma paixão, uma amizade superior os dois começaram a conversar após alguns minutos Dinorá perguntou:

— Qual é seu nome?

E o jovem de indumentária judaica, quase como um adulto prestes a ingressar na sinagoga, lhe disse chamar Péricles da casa de Antúrios, o centurião romano. Dinorá se assustou, arregalou os olhos e lhe perguntou:

— O que faz um romano com indumentária judaica às portas da sinagoga?

O jovem, com todo amor e respeito, respondeu-lhe:

— Minha mãe, que é judia, e meu pai, centurião do imperador romano.

Dinorá mais uma vez estranhou e perguntou:

— Como pode isto ser possível?

Respondendo ao questionamento da jovem o rapaz prosseguiu:

— Minha amiga, um de meus ancestrais certa vez recebeu uma dádiva do seu Deus, ou, como poderia dizer, do Nosso Deus, pois agrego uma parte judaica, desde então como se fosse uma sina ou predestinação todos os homens da casa de Antúrios, casam-se e unem-se com mulheres hebraicas ou judaicas.

Dinorá, curiosa, indagou:

— E você, o que segues? Segue a cultura politeísta dos romanos ou a cultura monoteísta dos judeus?

O jovem indeciso, ainda moço em aprendizado, respondeu-lhe como podia:

— Venho à sinagoga todas as vezes que minha mãe me trás e, ao mesmo tempo, participo de estudos em grupo obrigados pelo meu pai a respeito dos deuses, filosofia e crenças romanas.

Dinorá em seus pensamentos achou interessante, e ao mesmo tempo, corajoso da parte do jovem entremear duas culturas tão diferentes, mas aceitou uma aliança de amizade com o jovem que se sentou e conheceu a todos, inclusive Jeremias, que não era irmão de Dinorá, mas era tratado como se fosse muito mais que um amigo.

Meus queridos Irmãos, graças à reencarnação, o caminho dos espíritos se interligam por meio das vidas sucessivas, sempre se cruzam, as criaturas e irmãos sempre se encontram, portanto o jovem Péricles nada mais é que nosso Irmão Tertúlio, que reencarnou e, mais uma vez, encontra nossa Irmã Abra reencarnada como Dinorá.

Todos os nossos Irmãos de nossa história viviam em paz e harmonia, vivendo e aprendendo os ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Jeremias e Dinorá que moravam na mesma propriedade, que era dos pais dela, aprenderam, acima de tudo, a ter uma grande amizade um pelo outro.

Passaram-se mais oito anos, Dinorá já estava com 23 anos e Jeremias com 15 anos. Estavam eles como sempre na sinagoga quando o jovem Péricles, já com 26 anos, se aproximou como sempre de Dinorá e foi logo dizendo algo sobre os seus pais e sobre seus estudos da fé judaica e das coisas que aprendia sobre a cultura romana.

Dinorá, por sua vez, sentia em seu coração a necessidade de corresponder ao jovem Péricles cada vez mais apaixonado pela moça. Foi então que neste dia o jovem Jeremias enciumado pelo amor que sentia pela quase irmã Dinorá, deu um empurrão em Péricles, que por sua vez em um único golpe o derrubou.

Quando isso aconteceu, naturalmente Dinorá apoiou e amparou o jovem Jeremias e foi logo se explicando:

— Desculpe-me Péricles, mas não posso permitir que agridas Jeremias, sei que ele foi agressivo, mas não foi por mal, ele só quer me proteger.

Péricles por sua vez também se explicou:

— Eu também não fiz por mal, só quis me proteger; este Jeremias é bem mais moço que eu, mas no entanto tem um físico avantajado e forte. Permita-me convidá-lo a treinar no domo que meu pai tem.

Dinorá não permitiu que Jeremias fizesse nada, pois o mesmo ainda era muito moço para reagir a tal situação, mas Jeremias se manifestou:

— Eu aceito conhecer o domo de seu pai, quando quiser.

Meus irmãos, domo eram arenas de treinamento de gladiadores romanos. E Dinorá desta vez não interferiu nas atitudes de Jeremias.

Chegando a sua casa, seu pai Jacó lhe informou que os pais de Péricles iriam visitá-los e que gostaria que Dinorá se apresentasse adequadamente. Naquele mesmo dia os pais de Péricles pediram a mão de Dinorá em casamento para seu filho e os pais de Dinorá aceitaram.

Mais uma vez os caminhos de Abra e Tertúlio se cruzam e, desta vez, com a ajuda de espíritos elevados, deverá Tertúlio entender o Poder e os caminhos de Deus?

Jeremias, por sua vez, quando soube do matrimônio se revoltou e ficou com a raiva entronizada em seu coração. Mas, ao chegar a sua casa ele não teve como falar com seus pais, que já eram de muita idade e poderiam não aceitar a situação, no entanto, o nosso jovem Jeremias tinha um mentor maravilhoso que era o amigo André.

Procurando André, recebeu talvez as palavras mais sábias que já escutara em sua vida:

— Meu jovem, muitas vezes nós achamos que estamos na Terra para crescer as nossas riquezas e procriar, constituir família, mas na verdade todos nós estamos na Terra para representar Jesus o Cristo de Deus.

Jeremias emocionou-se e sentiu em seu coração uma força muito grande, inexplicável para um jovem em sua idade.

Dinorá, por sua vez, não podia explicar nada para ninguém, nem a felicidade de estar junto de Péricles, nem mesmo o grande amor que sentia por Jeremias. O tempo passou e a união de Péricles e Dinorá se concretizou. Jeremias já na idade de 18 anos, não quis ir nem à cerimônia de casamento de Dinorá, mas ficou orando com suas mãos envoltas na pequena cruz que seus pais tinham.

Nesse momento, meus Irmãos, vamos voltar à vida celestial junto de nosso Irmão Jerônimo, onde eu Betsabé, e minha irmã Adira, vivíamos bem junto a nossos irmãos de vida celestial.

Irmão Jerônimo nos procurou e informou que iríamos voltar para a Terra em breve, e que estaríamos com nossa mãe Abra. Ficamos as duas muito contentes e mais ainda por sabermos que Jesiel estaria junto de nós como irmão.

Viviam bem, Dinorá e Péricles, recém-casados, mas Jeremias sempre inconformado por não ter juntado de si a sua amada, tornara a encher seu coração com indagações e rancor.

Passados seis meses de casamento, Jeremias, um irmão querido, já absorvia em suas mãos todos os trabalhos de seu pai e sua mãe, que já eram muito velhos, quase que moribundos, sofrendo todas as dificuldades de uma velhice, a exemplo de hoje: escleroses, corpo retorcidos, e ainda tinham uma sobrevida razoável, graças ao filho Jeremias que sempre os auxiliava, limpando-os, colocando-os no colo sob o sol e alimentando-os na boca.

Mas Jeremias não se conformava com a situação que se encontrava Dinorá, a mulher que tanto ama, então teve a ideia de seguir para a casa de Dinorá e Péricles. Chegando lá indagou a Péricles:

— Certa vez me ofereceu treinar no domo de vosso Pai, poderia ser agora?

Péricles, por sua vez, não tinha a amizade de Jeremias e sabia por que. Então, na tentativa de conquistar a amizade dele aceitou e foram conhecer o domo de seu pai.

Jeremias se encantou com as lutas e técnicas, mas escondia algo no olhar e Péricles percebia. Passaram-se seis meses e o treinamento terminou; foi então que Jeremias junto a Péricles no domo lhe pediu um desafio e, como se tratava de arena de treino, não se importou.

No entanto, quando foram pegar as espadas e os escudos que eram de madeira, Jeremias perguntou:

— Podemos fazer este desafio com espadas e armas de verdade?

Mais uma vez, Péricles concluindo que se tratava de um treino deixou.

Jeremias que, sabemos, era o espírito do bom e velho amigo João, ao tocar na espada, sentiu em seu coração e em sua mente uma dor como se fosse uma chama queimando. Em sua mente *flashes* de mortes, cabeças e membros decepados e muito sangue, imediatamente largou a espada, mas como estava decidido no que queria fazer, pegou a espada e foi ao combate.

Após alguns minutos de luta com poucos arranhões, Péricles percebeu que a luta era verdadeira, Jeremias parecia ter uma força de muitos homens, e em um golpe forte e certo, Jeremias derrubou Péricles, que caído sentia o fio da lâmina da espada de Jeremias em sua garganta, e ele lhe disse:

— Poderia tu matar agora se quisesse, mas sinto em meu coração que Dinorá e você têm um destino a cumprir, portanto aproveito a situação e peço que façam um juramento, por Deus ou por deuses, pois até hoje não sei se és judeu ou romano.

Peço que jures que jamais tornará a vida de Dinorá infeliz e que irá sempre amá-la com todo seu amor.

Péricles, totalmente sem ação, sem saber o que fazer, proferiu talvez as palavras mais inesperadas para Jeremias:

— Jeremias, não juro por Deus nem por deuses, pois nenhuma delas é minha única fé, juro por Jesus Cristo, a quem salvou e abençoou a vida de um ancestral, e por isso somos cristãos até hoje, e mais, juro pelo meu amor, grande amor que tenho por Dinorá que sempre a farei feliz.

Jeremias, ao ouvir estas palavras, deixou cair ao chão à espada, ajoelhou-se e confessou a Péricles também ser cristão, e os dois juntos, naquele momento, oraram e renderam graças a Jesus.

Ao retornarem a casa de Péricles e Dinorá, se despediram como grandes amigos, o que confortou o coração de Dinorá e ao mesmo tempo a deixou surpresa.

Péricles contou-lhe o que acontecera, mas omitiu a parte do Cristianismo, pois sua esposa sendo judia poderia não entender. Mas Dinorá era quem tinha mais notícias a Péricles e carinhosamente lhe falou:

— Meu querido, agora eu vejo que seu coração está em paz, pois fizestes amizade com Jeremias, posso lhe contar que estou grávida e que, em breve, teremos filhos.

Péricles ficou contente e deu até um jantar especial naquele dia, onde convidou Jeremias e André, além de muitos outros amigos.

Ao retornar do jantar Jeremias ainda tinha em mãos a espada que Péricles acabou lhe dando de presente enrolado em peles de animais. Ele e André caminhavam com calma falando sobre várias coisas, inclusive sobre Jesus. Ao chegarem a sua casa, perceberam tamanho silêncio. Ao adentrarem deparou-se com Jacó e Safira, já desencarnados.

Extrema revolta tomou conta do coração de Jeremias, que apunhou a espada e saiu atrás de possíveis assassinos. André, por sua vez, acolheu os corpos dos amigos queridos e percebeu que não havia sinal de violência alguma, e que os queridos irmãos partiram por que era chegada a hora.

Jeremias, por sua vez, ouviu barulho no celeiro e entrou. Deparou com dois maltrapilhos, quase mendigos, já de certa idade, sendo um homem e uma mulher; imediatamente amarrou os dois e os dependurou como se pendura caça, saindo gritando por André. Como ele não aparecia, resolveu fazer justiça com as próprias mãos.

André, por sua vez, orando ao lado dos Irmãos entrou em espécie de transe, e neste momento teve uma visão, um anjo apareceu e lhe disse:

— Irmão André, eu sou Lucíola; peço-lhe que cuide de Jeremias, e os cuidados começam agora. Corra André. Corra!

E André atendendo ao anjo, chegou a tempo de segurar a mão de Jeremias que já ia golpear e matar o casal de mendigos.

André explicou a Jeremias que seus pais morreram por velhice, mas Jeremias estava muito revoltado e continuava tentando matar o casal. Foi então que o anjo apareceu novamente a André e lhe falou:

— André, diga a Jeremias que os pais que lhe criaram se foram, mas que em sua frente estão os pais que lhe trouxeram ao mundo.

André não sabia como falar isso a Jeremias, então se ajoelhou e pediu a ele que fizessem uma oração. E unidos proferiram, a oração do *Pai-Nosso*, deixada por Jesus.

Após orarem, Jeremias tranquilizou-se e André lhe falou:

— Meu Irmão Jeremias, se confia em mim, se acredita em Jesus Cristo como eu acredito, entenderá tudo que vou lhe falar.

E André contou a Jeremias tudo que o Anjo lhe havia dito. Jeremias ficou sem palavras, se levantou, desamarrou o casal, os alimentou e lhes deu provisões pedindo que os dois seguissem seu caminho.

Mas antes de saírem Jeremias lhe disse:

— Meus irmãos, que a PAZ de Deus os acompanhe, mas se posso lhes dar um conselho: saiam dessa vida e passem a serem pessoas honestas e orem, orem muito a Deus, e passem a praticar o bem, ao invés de roubar dívida com próximo. Vão em PAZ e que Deus os abençoe.

Mais uma vez a Lei da reencarnação vem nos mostrar que muitas vezes nem precisamos desencarnar para recebermos e colhermos o que plantamos, como aconteceu com este casal de Irmãos que deram desprezo e falta de amor, e receberam reconhecimento e muito Amor. E o que podemos dizer dessas duas almas é que, após as palavras de Jeremias e seu auxílio, passaram a ser pessoas de bem e desencarnaram com dignidade e respeito possíveis e passíveis de sua evolução.

Neste momento, gostaria de fazer alguns esclarecimentos referentes a esta história que estamos contando a todos vocês. Uma parte importante, se os Irmãos perceberam, não estamos relatando aqui e nem poderíamos; todas as reencarnações deste grupo querido de irmãos, do qual esta que vos fala fez e faz parte, nem poderíamos ter dito, pois seria incabível fazermos isto, só estamos relatando as encarnações que os Irmãos Superiores nos permitirem. Outro fato importante é de que todos se atenham na mensagem e em seus ensinamentos, e não somente na história.

Nosso querido Jeremias estava em grande sofrimento pela perda de seus pais, mas estava confortado pelo Irmão André, e a família de Jonas e Esther, que passaram com o tempo a serem grandes amigos, bem como Péricles e Dinorá.

André e Jeremias sepultaram os irmãos Jacó e Safira, e no momento do sepultamento nosso Irmão André proferiu uma prece:

— Eu, André, da casa de Gaspar, o trato e da casa de Anita judia, peço a Deus e a Nosso Senhor Jesus Cristo que amparem nossos Irmãos Jacó e Safira na jornada que iniciam e que, como bons Cristãos, possam ressurgir em glória e Amor. Que a Paz de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja para sempre com eles. E que Jesus ilumine os caminhos de Nosso Irmão Jeremias para todo o sempre.

Emocionado, Jeremias abraçou o mentor e Irmão André, e ficaram ali ajoelhados durante um tempo, até que suas almas se abrandassem.

O que os nossos irmãos não perceberam era que naquele momento a nossa Irmã Lucíola impunha suas mãos angelicais sobre eles, distribuindo as suas boas energias de Amor.

Neste mesmo dia, em que na casa de Jonas todos estavam felizes com a chegada do filho ou da filha de Dinorá, sua esposa Esther se manifestou com alegria:

— Meus amigos, como todos sabem, eu e meu esposo já somos de idade, mas quero dizer a vocês que Deus nos abençoou nos dando mais um filho que, possivelmente, se Deus permitir, o terei na mesma época em que minha filha Dinorá terá o seu.

Todos ficaram felizes, mas ao mesmo tempo apreensivos, pois a matriarca da casa de Jonas já tinha muita idade.

Dinorá, por sua vez, não externou preocupação e abraçou a mãe com todo carinho e Amor.

O tempo passou, Jeremias venceu o sofrimento da perda e a cada dia se engajava mais no Cristianismo e no auxílio do próximo junto a André.

Chegou finalmente o dia do nascimento do filho de Dinorá, o pai Péricles aguardava ansioso pelo filho varão, os avós também ficaram ansiosos, mas Esther também entrou em trabalho de parto, a parteira teve trabalho em dobro.

Primeiramente nasceu o filho de Dinorá. Logo, a parteira, ainda sobre o choro da criança, trouxe-a para o pai e o avô vê-la; era uma menina, todos ficaram felizes, a parteira voltando ao quarto, os homens na sala ouviram novos gritos, como se Dinorá passasse mal ou coisa assim. Péricles imediatamente correu e bateu a porta, mas logo os gritos param, e se ouviu novamente um choro de criança, mais uma vez a parteira sai, e diz a Péricles:

— Meu senhor, sua esposa deu à luz duas meninas, está muito cansada; amanhã poderá vê-la. Por agora se sinta feliz, pois tens duas filhas lindas e saudáveis.

A parteira logo correu, pois nossa Irmã Esther já dava seus gritos ao colocar o filho no mundo. Em poucos instantes a parteira mais uma vez volta à sala e mostra ao Irmão Jonas o filho homem que havia nascido. No entanto, rapidamente, a parteira volta ao quarto, pois a nossa irmã Esther não estava bem.

Passaram-se três dias, Dinorá se recuperava bem, mas sua mãe Esther se enfraquecia e nem amamentar o filho, que dera o nome de Felipe, ela conseguia.

Neste terceiro dia nossa Irmã Dinorá levantou-se e foi até o quarto de sua mãe ver como estava. Ao adentrar ao quarto, as lágrimas correram em seus olhos, pois percebia no corpo da mãe e em seu olhar a fraqueza de um ser moribundo, e em poucas palavras ouviu sua mãe:

— Minha filha querida, suportei o tempo que pude e agradeço a Deus por você ter vindo aqui neste momento, entrego a educação e a sobrevivência de seu irmão Felipe em suas mãos, sinto que Deus me chama e que não poderia continuar esta vida; sei que é duro pedir-te isso, mas você é a única em quem poderia confiar tão importante missão.

E Dinorá em lágrimas respondeu à mãe:

— Querida mãezinha, é claro que cuidarei de Felipe como se fosse meu filho, com todo carinho, mas ele sempre saberá que nossa mãe foi uma mulher de coragem, devota a Deus e principalmente amorosa e zelosa pelos filhos. Mas Deus há de deixar à senhora, mãezinha, mais um tempo conosco; deixe Senhor, deixe Senhor...

E abraçou sua mãe que, naquele exato momento desencarnou, mas com um leve sorriso e com um semblante de paz estampado em sua face.

A notícia do falecimento de Esther foi dada a todos, que comovidos foram ao seu enterro.

Dinorá amamentou por três anos as suas filhas, que ela e Péricles deram o nome de Dara e Dina. Dara, meus Irmãos, fora a que nasceu primeiro e traria em seu corpinho o espírito dessa irmã que voz fala, ou seja, da anterior Betsabé. Dina foi a segunda a nascer e nada mais do que o espírito da minha anteriormente irmã Adira, e nossa mãe, além de nos amamentar amamentou também Felipe, o Irmão que perdera a mãe ao nascer.

Mas uma coisa preocupava muito a nossa mãe. Eu, Dara e Felipe, já dávamos alguns passos e nossa irmã Dina ainda não, mas aguardava sempre orando que isto acontecesse, pois ainda éramos muito crianças.

Jeremias, por sua vez, adorava os três, como se fossem filhos dele. Ele e nosso pai, Péricles, distribuía amor e atenção a todos nós.

Mas Jonas, o viúvo, nosso avô, pai de Felipe, não se conformou com a perda de sua esposa, e tomou caminhos escuros em sua vida, por meio dos vícios em jogo, bebidas e promiscuidade.

Meus Irmãos, os caminhos que traçamos em nossas vidas são escolhas irreversíveis, como vimos nos destinos cruzados de irmãos queridos. Um amor de mãe é eterno, sagrado e sincero, quanto mais de uma mãe desencarnada que deixa o filho com outra mãe e irmã.

Os caminhos destas três almas amigas irão se cruzar em outras vidas, como veremos, mas o mais importante é que essas três almas irão desenvolver um amor eterno entre si.

Meus queridos irmãos em Cristo Jesus, nós estamos tentando por meio desta história trazer para vocês um pouco da experiência das vidas que todos nós tínhamos pelas reencarnações que vivemos.

Pedimos a todos os Irmãos, que além de se emocionarem e perceber todo o amor que reuniu esses irmãos por tantas vidas se apercebam dos aspectos científicos que transformam por meio das ações de cada um os caminhos de nossas evoluções.

Todos na casa de nossa irmã, e no caso mãe, Dinorá, trilhavam os seus caminhos com harmonia, amor e paz possíveis a cada um. Dina, minha querida irmã, ainda não andava e já completávamos, eu, ela e Felipe o terceiro ano de existência.

Vamos nos dirigir neste momento a nossa atenção ao Mundo Espiritual, ou como dizia nosso irmão Jerônimo, Mundo Celestial.

Jesiel continuava seu trabalho no auxílio aos Irmãos que deixavam a vida na Terra, mas achava algo estranho que aos poucos a quantidade de Irmãos que ficavam aos seus cuidados só diminuía e nem se reciclava; então na primeira oportunidade que teve perguntou ao Irmão Jerônimo o que estava acontecendo, e ele como sempre respondeu:

— Querido amigo, não mais usaremos este tipo de espaço para receber nossos Irmãos que saem da Terra, os queridos Irmãos que chegam aos meus cuidados já estão sendo enviados a outro local, preparado por entidades superiores, como cidades preparadas ao recebimento desses Irmãos.

O nosso querido Irmão Jerônimo, mestre em ler pensamentos e perceber as emoções, viu logo a curiosidade de Jesiel e convidou para conhecer o local, mas fez uma ressalva:

— Meu jovem, como seu corpo celestial não fora preparado para este tipo de visita, solicito que feche os seus olhos e ore a Jesus, e, ao chegar, só abra os olhos quando eu autorizar.

Fazendo isto, Jerônimo, nosso irmão querido, levou Jesiel para conhecer o tal lugar. Chegando lá obedeceu às ordens do superior e aguardou a autorização para abrir os olhos.

— Agora pode abrir seus olhos, meu jovem.

Jesiel, ao abrir os seus olhos, percebeu que ele e o seu superior estavam envoltos em uma redoma de luz, que de alguma forma o protegia da imensa luz que estava do lado de fora e,

aos poucos, seus olhos puderam vislumbrar uma cidade com várias edificações que transmitiam uma luz imensa, foi então que veio a explicação do professor amigo:

— Jesiel, o que vê em sua frente são as novas moradas dos Irmãos que saíram do corpo físico na Terra, aqui serão acolhidos, instruídos e principalmente amados por todos os trabalhadores desta Seara. Esta cidade foi nomeada por nosso Irmão João como: ‘Solar das Aves’.

Jesiel ficou muito feliz em ver tudo aquilo, mas nem teve tempo para pensar, quando foi interpelado pelo nosso Irmão Jerônimo:

— Meu jovem, prepara-te para voltar da mesma maneira que vieste, mas só que agora entrarás em sono profundo, pois é chegada o momento de voltar à Terra.

E assim foi feito.

Voltando à vida dos nossos Irmãos na Terra, Dinorá dormia junto de seu esposo e um lindo sonho a avisou da chegada de Jesiel. Dinorá estava em um jardim florido e colorido, feliz, sorridente quando uma entidade de forma angelical se aproximou e lhe disse:

— Querida Dinorá, não se assuste, meu nome é Lucrécia, vim aqui para lhe dar uma boa notícia: serás mãe de novo e, desta vez, de um filho homem, um ser que já traz em sua alma marcas de amor e paz por você e todos em sua casa; receba-o com amor e caridade e o coloque no caminho de Deus.

Dinorá ficou muito feliz e perguntou:

— Por acaso eu te conheço? Senti muita alegria ao ver sua imagem e ouvir suas palavras.

Lucrécia, por sua vez, não podia dizer muito, entretanto declarou:

— Em um tempo distante, compartilhávamos o amor de mãe e filha; hoje faço o possível para auxiliá-los principalmente o filho que lhe está no ventre e suas duas filhas, Dina e Dara com uma atenção especial a nossa Irmã Dina.

Após estes fatos, Dinorá acordou e foi logo acordando Péricles que ficou muito contente com a notícia.

O tempo passou e, no dia do nascimento do filho homem do casal, o avô, corroído pelo desgosto e pela raiva, não quis nem ficar em casa, saiu indo ao submundo local para se embriagar e ficar com prostitutas. Já com idade avançada o Irmão Jonas nem se atinha de que se afundava em dívidas.

Enquanto o parto ocorria, o velho Jonas havia bebido tanto que entrou em coma alcoólico e desencarnou. As pessoas próximas pegaram o seu corpo e foram à sua casa. Chegando lá Péricles os recepcionou, e ficou sem saber o que fazer e, mais uma vez o amigo Jeremias

tomou providências para o sepultamento de Jonas enquanto Péricles se responsabilizava pelas ações no conforto da esposa e do filho que acabara de nascer.

Somente após três dias, quando Dinorá já estava mais forte, foi que Péricles, Jeremias e André deram a notícia do falecimento de seu pai. Ela ficou tão triste, em uma tristeza tão profunda que até lhe secou o leite tão importante ao filho nato.

Pegando a criança em prantos, pelos dois motivos, a morte do pai e a ausência de leite para o filho, que deu o nome de Jonas em homenagem ao pai, nome este que não foi contestado por ninguém.

O jovem Jonas precisou de uma mãe de leite que foi uma das servas da casa de Dinorá e Péricles, todos passaram a viver em harmonia cuidando dos afazeres da casa e das propriedades, e cuidando acima de tudo da entronização, principalmente dos mais jovens na doutrina judaica.

Passaram alguns anos, nós, eu Dara, Dina e Felipe, já estávamos com sete anos e Dina realmente não andava. Todos viviam preocupados com ela, levando-a para lá e para cá no colo para não se machucar.

Os nossos irmãos André e Jeremias, sempre que oravam, evocavam ao poder de Nosso Senhor Jesus Cristo, para nossa irmã Dina, crentes que a cura viria logo.

Passaram-se mais alguns anos, já estávamos na idade de 15 anos, Dina tornara-se uma jovem bela, mas amargurada pela dificuldade de não poder se movimentar. A impaciência e a rebeldia faziam parte de sua personalidade, uma maneira que só eu, Dara, é que conseguia lidar com ela.

Felipe, nosso tio, mas da mesma idade que tínhamos, tornara-se um irmão para nossa mãe, sem igual, compassivo e amigo, grato por ela ter sido a mãe e irmã de todos os tempos, era o único capaz de acalantar o seu coração e conseguir amenizar suas preocupações, principalmente com Dina que só lhe tratava com ignorância e falta de consideração.

Péricles e Jeremias tornaram-se grandes amigos, principalmente por partilharem secretamente juntos à fé no Cristianismo.

O jovem Jonas crescia como um bom irmão sempre atento a tudo e a todos, vivia tentando um jeito, uma maneira de ajudar Dina, inventando coisas, criando situações, e talvez por causa da pouca idade não tivesse ainda bons resultados.

Com o tempo, o jovem Jonas se afeiçoou a Jeremias de maneira que Péricles que era um pouco ausente em decorrência dos negócios se emocionava quando os via conversando, sentia que Jonas tinha Jeremias como um irmão mais velho.

Em uma destas conversas, Jonas externou uma vontade de ajudar Dina a se locomover para ela ir onde quisesse a hora que quisesse, e mostraram a Jeremias uns desenhos, rabiscos na

verdade, de algumas de suas ideias, e um desses rabiscos deu uma grande inspiração a Jeremias que fez um trato com o jovem Jonas:

— Se você me ajudar, eu farei uma de suas ideias realidade.

E após o trato os dois trabalharam incessantemente por meses, todas as noites e após seis meses conseguiram terminar o que seria o maior presente que Dina recebera em toda sua vida.

No dia da entrega Jeremias deixou que Jonas fizesse as honras e este se pronunciou perante toda a família:

— Bom, não sou muito coerente e nem correto com as palavras, mas Dina esse é um presente que eu e Jeremias fizemos para você.

Jonas tirando o pano que cobria a peça deixou todos espantados, tratava-se de uma cadeira de madeira, pouco inclinada de certa forma baixa e com rodas. Ninguém sabia dizer para que servia, mas então Jeremias se aproximou da menina e a colocou na cadeira, e lhe ensinou como rodar as rodas com a mão, a alegria era estampada no rosto de Dina, que pela primeira vez desde o dia do seu nascimento, chorou de emoção abraçando Jeremias e Jonas.

Todos ficaram mais felizes em casa, pois Dina podia se locomover e isto era um grande passo.

Passaram-se os anos, já íamos fazer os três, eu Dara, Dina e Felipe, 18 anos, quando Dina se acometeu em um mal estar e caiu de cama, com febre forte e dificuldades para respirar, se fosse aos dias de hoje diríamos que era uma pneumonia, por motivo de ficar muito tempo que ficava deitada ou sentada, ninguém sabia o que fazer. André, o mais sábio de nós, lhe ministrou chá de várias ervas, mas sem grandes resultados.

Foi então, meus Irmãos, que o destino de Jeremias se fez presente em nossas vidas.

O nosso Irmão Jeremias adentrou o nosso quarto, meu Dara e de Dina. Eu era quem mais ficava com ela, pois sendo gêmeas e irmãs, tínhamos muito mais em comum que os outros, Jeremias então pediu para se aproximar do leito, e eu autorizei. Ao se aproximar, ajoelhou-se ao chão e me disse o que, para mim, naquela época, foram as palavras mais importantes de minha existência:

— Minha filha Dara, vou lhe revelar o maior segredo de minha vida, pois vou precisar de sua ajuda nesse momento para salvarmos a vida de Dina.

Jeremias tirou a pequena cruz que seus pais lhe deixaram, e mostrou para mim dizendo:

— Eu sou Cristão, e Cristo Jesus foi o único que operou milagres na Terra em nome de Deus; peço a você que faça uma oração junto comigo, agora, para que Ele, Jesus, possa curar Dina.

Fiquei espantada, pois sabia do que se tratava, sendo eu judia, mas faria tudo por Dina. Corri até a porta e a tranquei, e me ajoelhei ao lado de Jeremias que começou a orar:

— Senhor e Mestre Jesus, pedem que mova seus olhos para esta criança que tenho como filha, e que amo como filha, ergue minhas mãos aos céus e lhe rogo que seu poder, que curou tantos cegos, leprosos e coxos quando esteve entre nós, passe pelas humildes mãos e cure esta criança. Sei Senhor, que não sou digno de nada, mas rogo por esta criança, que já sofreu tanto, por favor, Senhor não a desampare. Coloque em suas mãos toda a minha fé, se preciso Jesus, transfira para mim esta cruz que esta criança carrega, mas tira dela este pesado martírio.

Nesse momento Jeremias proferiu uma oração, que só mais tarde vim, a saber, que era o Pai Nosso que Jesus havia deixado para nós, e tocou o peito de Dina, que deu um último suspiro e desmaiou.

E a pobre alma sem saber o que fazer sai gritando chamando por nossa mãe, que ao adentrar ao quarto, viu Jeremias com a pequena cruz na mão e Dina, desfalecida na cama, e como nunca vi nossa mãe fazer, ela gritou:

— Socorro, socorro!

E logo outros servos e um guarda romano, sempre deixado em casa pelo meu pai, adentraram ao quarto e ouviram as mais dolorosas palavras que já tinha ouvido de nossa mãe:

— Jeremias, o que você fez? Foi alguma feitiçaria? E mais, você é cristão, você desonra a casa de meu pai. Vocês levem Jeremias e o guardem em prisão, que eu já vou.

A cena daqueles homens levando Jeremias foi das mais tristes que eu já vi em toda minha existência.

Logo que arrumou tudo em nosso quarto, nossa mãe foi ao encontro dos homens e de Jeremias e disse:

— Jeremias, você desonrou a casa de meu pai; sabes que se lhe entregar às autoridades romanas serás morto, pois Roma persegue os cristãos como nunca; então lhe proponho um trato. Pelo sacrilégio que fizestes e pelo malfeito à minha filha, levarás 50 chicotadas e sairás de nossa casa logo que se recuperar.

Jeremias, com lágrimas nos olhos, disse com voz trêmula e cambaleante:

— Para mim não importa o castigo ou que aconteça comigo, pois levantei minha fé em Jesus, e falhei, portanto sei que mereço sofrer.

E assim Dinorá deu as ordens que foram cumpridas pelo soldado romano com maestria e monstruosidade, pois, na ponta das chibatadas, colocaram lâminas cortantes, para que cortes profundos fossem feitos nas 50 chibatadas.

E assim Jeremias sofreu o martírio se transformando em uma poça de sangue que, com a ajuda de André, não chegou à morte por sorte.

Passaram-se três dias, Dina continuava desacordada sem manifestar nada; todos fazíamos a refeição matinal, quando atônitos, sem ter como proferir nenhuma palavra, vimos Dina em pé a porta, que dizia:

— Mamãe, eu estou andando! Estou andando!

Todos abraçaram Dina, felizes, pois além de curada do mal que a abatia, havia também sido curadas as suas pernas, que não funcionavam desde que nasceu.

Percebi em minha mãe um olhar arrepiante, imediatamente se levantou e saiu correndo dirigindo-se a casa de Jeremias que ainda fraco custou a levantar-se com a ajuda de André.

Ao colocar-se na frente de Jeremias, Dinorá caiu ao chão ajoelhando-se e disse:

— Perdão, perdão, perdão! Minha filha está curada graças a você. Perdão, perdão e fico grata por tudo, perdão.

E ficou ao chão aos prantos e Jeremias ainda fraco lhe disse:

— Minha querida, não fui eu que curei sua filha, foi Jesus.

Dinorá olhou bem nos olhos de Jeremias, tirou de entre suas vestes o chicote e lhe suplicou:

— Jeremias, aqui está a arma pela qual lhe fiz sofrer, toma em tua mão e faz o que fiz contigo, para que eu possa sentir o que sentistes, a dor cruel da ignorância de pessoas sem fé.

Jeremias pegou o chicote e o jogou longe, e disse a Dinorá, talvez as palavras mais importantes de sua vida.

— Minha querida, jamais tocaria em um fio de cabelo seu; o amor que sinto por ti é eterno, sublime e intocável, mesmo antes de vir aqui pedir perdão eu já havia a perdoado, pois sei, entendendo e compreendendo os motivos de suas ações, levanta-te, volte para a sua casa e absorva toda a alegria de Jesus, acima de tudo Jesus, proporcionou a você e a sua família, depois conversamos.

E assim Dinorá o fez e reencontrou, eu Dara, Dina e todos os outros com uma contagiante felicidade, que confortou seu coração sofrido.

Meus Irmãos, Jesus, Jesus, Jesus, Ele é nosso Salvador, vemos nessa parte da história um exemplo de fé e de perdão, talvez os sentimentos mais importantes em todas as nossas existências reencarnatórias.

Perdoem e perdoem-se sempre, pratique com amor os ensinamentos de Jesus em suas vidas e não se arrependarão jamais.

Teria algum motivo ou razão para uma pessoa, um ser tão belo e amável como nossa irmã Dinorá agir de maneira tão cruel, junto a um irmão que só queria ajudar em nome de Jesus?

Bem, para entendermos isto precisaremos voltar um pouco na nossa história. Vamos retornar ao momento da desencarnação de nosso velho amigo e Irmão Jonas, mas olharemos os fatos na visão espiritual da existência.

Jonas, nosso velho amigo, em decorrência do coma alcoólico desencarnara em um local repleto de maldade, portanto seu espírito, ao se desligar do corpo, se colocou ao chão, pois os efeitos do álcool se apresentavam também no seu corpo espiritual. Quando conseguiu se levantar, as pessoas já levavam seu corpo a sua casa; durante o caminho entre tropeços e quedas, ele se perguntava e ao mesmo tempo afirmava:

— Eu morri? Será que morri mesmo? É, morri. Morri mesmo. Onde essas pessoas estão me levando. Acho que é para minha casa; que bom lá, vou ficar lá, lá estarei protegido, nem sei o que vai acontecer lá, mas ficarei lá.

Chegando a sua casa, as pessoas que o levaram deixaram seu corpo lá, mas também o espírito de Jonas lá ficou, acompanhou todo o processo de velório e enterro, derramou lágrimas de emoção vendo seus familiares fazendo tudo de acordo com os costumes judaicos. Mas Jonas não se sentia bem, sentia dores e toda vez que tentava se comunicar principalmente com Dinorá, caía ao chão como que ficasse sem forças. Aos poucos Jonas foi nutrindo certa raiva por Jeremias, pois em suas andanças pela propriedade ele viera a descobrir que Jeremias e André eram cristãos e não suportava a ideia de cristãos frequentando sua casa.

Dinorá, por sua vez, tinha uma grande amizade por Jeremias e André, mas também marcas de um grande sofrimento pelo Cristianismo em outras vidas e ao mesmo tempo fora criada na fé judaica, portanto tinha encravada em sua alma uma grande reserva em relação aos Cristãos.

Bem, meus queridos Irmãos, chegamos ao dia da cura de Dina. No momento exato em que Dinorá entra no quarto da filha, todo o sentimento contra os cristãos vem à tona no momento em que ela vê Jeremias com a cruz na mão e sua filha quase como morta na cama. Neste instante nosso irmão Jonas sente uma força emanar de sua filha e consegue se aproximar e consegue influenciar a nossa Irmã com palavras duras cruéis:

— Não permita que esse homem desonre minha memória e nossa casa, não permita! Não permita!

E como já vimos, Dinorá disse ao amigo Jeremias palavras duras e cruéis. Logo em seguida continuou nosso Irmão Jonas:

— Não o deixe impune, mande açoitá-lo ou o entregue aos romanos; vamos, minha filha, não permita que ele vá embora sem punição.

Dinorá, deixando que seus piores sentimentos fossem aflorados pela influência do espírito de seu pai, fez o que fez e cometeu uma ação cruel que a acompanharia por muitas encarnações.

Seria nosso Irmão Jonas, um obsessivo? Não meus Irmãos, claro que não. Jonas, apesar de no fim de sua vida ter se tornado alcoólatra, e ter entrado para o submundo da prostituição, era bom pai, queria o melhor para sua filha e jamais faria mal para ela, só queria ajudar, dentro do seu entendimento.

Ao saírem todos do quarto, Jonas sentiu novamente a fraqueza que lhe era peculiar, mas desta vez foi mais forte e desmaiou. Passados alguns instantes, abrindo os olhos, percebeu uma luz enorme que lhe ofuscou a visão. Após alguns instantes conseguiu enxergar um ser que parecia um anjo; este anjo lhe deu a mão e levantou, e Jonas foi logo perguntando:

— Estou no Céu. Onde estão os profetas? Vou ver Moisés?

E o anjo lhe informou:

— Não, meu amigo, eu sou como você, não tenho corpo na Terra. Só que em vez de buscar a escuridão, busquei a Luz, por isso me vêes com diferença, ainda está no quarto de sua neta, vim aqui para te levar para um lugar melhor, mas antes quero que veja o que está acontecendo.

O anjo, ao sair da frente de Jonas, deslumbrou ao seu olhar uma cena que o fez cair ao chão e implorar:

— Senhor Deus, me perdoe, me perdoe.

Jonas se deparou com a cena de cinco entidades que estavam ao redor da cama de Dina, sua neta, das mãos desses que ele chamava de anjos, saíam luzes, e ele via aos poucos, as ressequidas pernas de sua neta tomando formas e o anjo disse a ele:

— Caro irmão, só é possível a intervenção de Deus para com sua neta, graças ao cristão Jeremias que, com toda sua fé em Jesus, deu tudo de si para conseguir que mais uma vez Jesus fizesse um milagre.

Jonas, arrependido em prantos, não sabia o que fazer, nem o que pensar, o anjo estendeu-lhe a mão e o levantou como se fosse levá-lo, mas ele não quis:

— Não, não posso ir, tenho de reparar esse mal que causei a Jeremias e a todos. Permita-me acompanhar tudo e ajudar, por favor.

O anjo pôs suas mãos sobre Jonas e ele se sentiu mais forte e revigorado e disse que o acompanharia junto aos fatos. Querendo ajudar as entidades ali presentes, perguntou ao anjo o que poderia fazer, e o anjo com todo amor e ternura lhe disse:

— Ore meu irmão, ore.

Jonas imediatamente entrou em oração e logo percebeu sua neta retomando as forças e, acordando, quando a viu andando, ele desmoronou de emoção.

Quando Dina entrou no salão de refeições, imediata e intuitivamente o mesmo Jonas que outrora influenciara sua filha a cometer um ato hediondo por ignorância, influenciou desta vez para o bem:

— Filha querida, pratique a humildade e o arrependimento; procure o Jeremias e saberá o que fazer. Use o Amor de Deus a seu favor e serás feliz.

E todos já sabemos o que fez nossa irmã, e para mim uma mãe, Dinorá.

Após esses fatos o Anjo deu a mão a Jonas e disse que tinha de partir. Cabisbaixo, sobre a orientação do anjo, perguntou:

— Tens nome?

E o anjo com o olhar cheio de ternura respondeu:

— Meu nome é Lucrecia.

Dina, minha irmã querida da época, foi curada, suas pernas e sua saúde em geral estavam bem, todos em nossa casa ficaram felizes e gratos a Jeremias pela cura permitida por Jesus.

A partir deste momento a vida de todos iria mudar. Péricles se confessou cristão e emocionou a todos na primeira reunião cristã em nosso Lar, tão belamente dirigida pelo nosso Irmão André.

No mesmo dia Jeremias entregou a cada um uma pequena cruz, símbolo do Cristianismo, na época em que ele entalhara com as próprias mãos.

Desse dia em diante todos passamos a acreditar em Jesus e em Seus ensinamentos, que nos eram passados pelo bom e velho André, que tinha uma imensa sabedoria e iluminação nas palavras de Deus e de Jesus.

Passaram-se seis bons e adoráveis anos, todos aprenderam muito, eu Dara, Dina e Felipe, já estávamos na idade adulta. Felipe nunca se encantou por nenhuma mulher, dedicava-se ao

trabalho junto ao cunhado Péricles e à atenção e o carinho por sua irmã Dinorá que fora para ele como uma mãe. Eu, por minha vez, nesta encarnação aqui relatada, também não me dava ao luxo de namorar e não me encantei por ninguém; tinha amigos, principalmente das comunidades cristãs que passamos a conhecer após aceitarmos Jesus.

Já minha irmã Dina, após poder retornar a sua vida terrena, já aos 18 anos, quis desfrutar o máximo que pôde de namoros e amizades mais íntimas com os rapazes da época. Mesmo sob o julgo de nossa mãe que a repreendia sempre sobre esse assunto ela não se importava, mas não quis nunca nada sério com nenhum dos rapazes que a conquistavam. Muitos, inclusive entristecidos pelo desprezo que recebiam após algum tempo de namoro com minha irmã, me procuravam para conselhos; na grande maioria eu consegui apaziguar os seus corações, mas muitos também se magoaram e eu orava por eles.

No dia mais triste de minha vida, do qual vou relatar agora, um servo correndo se aproximou de meu pai e trouxe avisos urgentes, de que uma guarda romana se aproximava de nossa casa, com denúncias de que lá moravam cristãos; ficamos todos com muito medo, pois Roma fazia a sua mais nefasta perseguição e matança aos cristãos. Nesta mesma hora Jeremias e André estavam conosco, e Jeremias como numa inspiração superior, disse-nos:

— Acalmem-se todos, já sei o que fazer, fique todos na porta da casa. Dina corra para dentro, recolha todas as cruzes que estão nos quartos e esconda entre os sacos de sementes no porão, entre pela porta da sala de alimentação e saia pela porta do jardim e junte-se a todos lá fora. Péricles, não faça nenhuma bobagem, converse com eles sempre dizendo não haver cristãos aqui, lembre-se do exemplo do Apóstolo Pedro que negou Jesus para sobreviver. Eu irei até minha casa correndo e já volto.

Todos fizeram como Jeremias mandou. Este foi a sua casa, pegou sua cruz e a espada que Péricles lhe tinha dado e partiu às pressas à casa da fazenda; enquanto corria pela plantação avistava ao longe os soldados romanos chegando.

Os soldados, ao chegarem à porta da grande casa, foram logo sob a voz de seu comandante, dizendo a que vinham:

— Recebemos denúncias de que aqui se encontram cristãos. O que tem a dizer?

Intimou Péricles, e este se defendeu negativamente, como disse Jeremias para ele fazer.

A guarda, por sua vez, típico de violência, já alterava a voz, e já começaram a expressar violência.

Quando um dos guardas pegou no braço do pequeno Jonas, que se tornará um jovem belo e iluminado, Jeremias já se aproximava, mas ainda tinha alguma distância a percorrer, foi então que André se manifestou:

— Senhor! Não sou desta casa, estou de visita, mas sou cristão!

E na mesma hora empunhou a cruz em suas mãos. O guarda soltou o moço Jonas e imediatamente decapitou André, cena presenciada por todos e por Jeremias que finalmente chegara.

O comandante, na mesma hora, olhou para todos e perguntou:

— Conhecem esse homem?

E todos nós, com lágrimas nos olhos, dissemos não.

Jeremias, por sua vez, percebendo que a violência não pararia por ali quis se manifestar, mas a cena do mentor amigo e quase pai, morto, o chocou demais para falar.

Mas o que Jeremias e todos ali não viram foi que no exato momento em que a lâmina do soldado iria tocar o pescoço de André, numa fração de segundos, ele ouviu uma voz:

— Barnabé, Barnabé!

E nessa hora seu espírito fora tirado de seu corpo pelo toque amigo e fiel de Irmão Jerônimo, e André já em espírito nem viu seu corpo caído, pois estava de costas olhando a luz do irmão querido que imediatamente disse-lhe:

— Alguns velhos amigos vieram aqui te receber e logo se sentirá em casa.

E André viu os irmãos Dionízio e Lucíola, que em outra vida foram grandes irmãos e amigos, e o encaminharam ao local de destino, deixando ali Irmão Jerônimo que acompanhava tudo de perto.

Jeremias restabeleceu suas forças e percebeu que os soldados iriam invadir a casa de Dinorá. Então, lembrando o exemplo do amigo que já estava morto, enfiou a espada no chão que, com o cabo para cima parecia uma cruz, e pegou sua cruz de madeira levantou suas mãos aos céus e gritou:

— Eu sou cristão, e em nome de Jesus o Cristo deixe-os em paz; eles são judeus e não cristãos.

No mesmo instante o comandante da guarda se aproximou de Jeremias, tirou a espada da Terra e a enfiou em seu coração, atravessando o seu corpo, fazendo com o que a lâmina transpassasse todo ele, e ali deixou enterrada. Jeremias caiu ao chão, e da mesma maneira Irmão Jerônimo tentou tirar seu espírito do corpo, para que não ficasse marcado em sua alma, uma dor tremenda que lhe custaria trazer feridas espirituais deste ato e de encarnações anteriores.

Mas Jeremias não quis. No íntimo de seu espírito queria proteger a todos, e mesmo com seu corpo ali caído já morto, com os olhos estáticos ao tempo, seu espírito continuava preso ao corpo, no intuito de acompanhar tudo e, se necessário, levantar-se para proteger a todos.

Mais uma vez o comandante da guarda perguntou:

— Conhecem esse homem?

E pela segunda vez todos respondemos que não. Então os soldados invadiram e vasculharam a casa. Após tudo olhado, passou a orientação aos soldados que pendurassem os corpos em lanças e colocaram na porta da fazenda como exemplo e assim fizeram.

O espírito de Jeremias continuava preso ao corpo atento a tudo, e sentindo todas as dores de como se estivesse vivo, somente depois de enxergar as costas dos soldados que iam pela estrada e perceber que todos estavam bem é que suas vistas se escureceram, e ele entrou em um sono profundo, e assim Irmão Jerônimo pôde levar seu espírito embora com auxílio de ajudantes espirituais.

Todos ficaram com tanta tristeza e dor que nem sabíamos o que fazer, fomos forçados a deixar os corpos na porta por algum tempo, caso eles, os soldados, voltassem; todos chorávamos muito.

Passaram-se algumas horas e um sacerdote do templo, com sua guarda, veio a nossa casa em nome da comunidade Judaica saber se estava tudo bem. Em meio a conversas que Péricles se desdobrava para atender, o sacerdote perguntou a todos nós:

— Conheciam aqueles homens?

E mais uma vez, a terceira, todos respondemos, não. Todos ao mesmo tempo pensamos nas últimas palavras de Jeremias a todos nós: “lembrem-se do exemplo de Apóstolo Pedro”.

Quando o sacerdote se foi, sentimos que nosso martírio havia acabado, e então retiramos os corpos da porta, os lavamos, preparamos o funeral e enterramos nossos dois irmãos com dignidade e respeito.

Meus irmãos, muitas ações do Cristianismo Primitivo foram condutas de grande coragem, mas também de atitudes que marcaram almas pela eternidade, como do nosso Irmão Jeremias.

Qual o exemplo que podemos tirar que possa nos elevar os pensamentos a Jesus, por intermédio de nossos Irmãos que deram suas vidas pelos outros em nome do Amor e da Fraternidade, a exemplo dos nossos Irmãos André e Jeremias? Os atos de coragem, de respeito, e acima de tudo de Fé na Vida Eterna, a Vida Espiritual.

André, ao chegar ao local para onde seu espírito fora encaminhado, apesar de cansado e fraco não pôde deixar de se emocionar com a beleza do lugar, edificações belas e grande Luz, e via outros irmãos a andar e trabalhar pelo local, mas logo adormeceu. O mesmo não aconteceu com nosso Irmão Jeremias, que chegou ao mesmo local inconsciente e sofrendo dores muito fortes, principalmente no peito no qual fora o seu ferimento.

Na Terra, na casa de Dinorá e Péricles, todos tinham muitas saudades de nossos Irmãos que tiveram morte tão trágica, mas sempre em suas orações pediam por eles. O tempo ia passando, e a trágica experiência trouxe alguns benefícios, principalmente para Dina que se tornou uma cristã fervorosa e devota da causa do Cristo, mesmo sob a mais forte perseguição romana de todos os tempos.

André finalmente acordou. Ao seu lado estavam Jerônimo, Dionízio e Lucíola, que logo viram a vontade de fazer tantas perguntas, a vontade do irmão ainda convalescendo a passagem do plano das formas ao Plano Espiritual, então Irmão Jerônimo foi logo esclarecendo.

— Caro amigo e irmão, fique calmo e tranquilo, tudo está bem, você está em uma Cidade Espiritual a qual chamamos de ‘Solar das Aves’; está em uma espécie de casa de apoio como um posto de saúde, parecido com o que o próprio Irmão administrava na Terra. Não se esforce demais, tem que se habituar à forma espiritual menos densa e que necessita bem menos de necessidades materiais como o corpo. Com o tempo irá se acostumar e poderemos conversar mais.

Enquanto falava, outro Irmão ia passando uma espécie de luz que emanava de suas mãos sobre o corpo de André, e o Irmão Dionízio ressaltou:

— Eu e Lucíola queremos lhe agradecer pelos cuidados com nosso filho querido, Jeremias, que se retrata de uma alma lutadora, mas ainda desorientada, obrigado, meu Irmão.

E nosso Irmão André, antes de adormecer novamente, observou que no leito ao lado do seu estava o amigo Jeremias e percebeu que precisava de mais cuidados que ele. Envoltos em pensamentos de auxílio ao amigo de longas datas, o Irmão que lhe passava energias disse-lhe:

— Meu Irmão, terá muito tempo ainda para auxiliar o companheiro de jornada, não se preocupe, por agora descanse, amanhã já poderá se levantar.

No dia seguinte, André levantou-se do leito e imediatamente foi ao leito do amigo Jeremias que ainda se encontrava inconsciente, queria ajudá-lo, mas não sabia como, então Irmão Jerônimo se aproximou e disse-lhe:

— Queres auxiliar nosso amigo? Pois bem, faça o que lhe digo: entre em oração mentalmente, pense no Amor do Cristo por todos nós e peça que, por suas mãos, passem a força para ajudar o Irmão Jeremias.

Assim fez André que, ao se concentrar e fazer de coração o que pedira Irmão Jerônimo, começou a emanar de suas mãos uma luz em forma de energia, que era quente e suave, e essa luz penetrava o corpo espiritual do Irmão Jeremias que, após alguns minutos recebendo as energias do nobre amigo, abriu os olhos e foi logo dizendo:

— André, meu amigo, onde estamos?

E logo foi interrompido pelo Irmão Jerônimo que lhe deu as mesmas instruções que outrora dera a André, adormecendo para recuperar suas forças. E chamando o Irmão André em particular lhe declarou:

— Todos aguardavam a recuperação de Jeremias, e sabíamos que você seria um instrumento de grande valor para isso, portanto, faça-lhe um convite para que tome conta e fique trabalhando na nossa casa de saúde, aceita?

Imediatamente André aceitou, e assim foi feito.

Passaram-se alguns anos, e André junto com Jeremias, que logo se recuperou após o auxílio do amigo, trabalhavam incessantemente na casa de saúde do “Solar das Aves”, que era uma cidade completa, repleta de espaços para trabalho e convivência entre os espíritos desencarnados.

Aos poucos André e Jeremias foram readaptando-se aos conceitos e estudos sobre a vida espiritual. Lembraram-se da vida anterior quando, juntos lutaram pela causa cristã, como Barnabé e João, e, além disso, tinham a convivência com Dionízio e Lucíola, Jonas e Ester e Jacó e Safira, amigos e, para Jeremias, pais, pois para quem nasceu e foi abandonado, na espiritualidade Jeremias se sentia com três pais e três mães que o amavam.

No entanto, Jeremias e André sentiram-se sempre necessitados que Irmão Jerônimo os alimentasse com informações e tirassem dúvidas sobre a Vida Espiritual e a cidade espiritual.

E aproveitamos para relatar aqui um fato que achamos de grande importância.

Um dia, os dois procuraram Irmão Jerônimo para saber onde ficava no, “Plano Terra”, a cidade que estavam, pois sempre que iam até as fronteiras da cidade “Solar das Aves” eles só viam nuvens e em ao longe para baixo avistavam uma mata densa e fechada banhada pelo mar.

Irmão Jerônimo, sempre cheio de paciência, mas sabendo da necessidade de alimentar mentes brilhantes, destacou:

— Queridos amigos, estamos sob a terra que um dia se tornarão ‘Coração do Mundo e Pátria do Evangelho’, mas ainda se faz cedo, são terras virgens, ainda não descobertas pelos nossos Irmãos encarnados.

Vendo no olhar dos Irmãos a necessidade de saber mais, Irmão Jerônimo se concentrou e disse-lhes:

— Vocês já estão preparados para realizar excursões na Terra. Querem conhecer as terras sagradas que um dia será habitado por espíritos de grande Luz?

Respondendo que sim, Irmão Jerônimo levou os dois para visitar a Terra, que se encontrava abaixo do “Solar das Aves”.

Ao chegar lá, viram belas florestas, lagos e rios e uma grande fauna, e, ao se aproximarem dos poucos habitantes nativos que ali estavam, ressaltou:

— Caros amigos, vamos nos aproximar do povo encarnado nativo; eles são extremamente sensíveis à nossa presença, portanto não interfiram em nada, não esbocem nenhum sentimento mais forte, pois eles perceberão.

Ao se aproximarem, perceberam um montante de 20 nativos que, em forma de círculo, pronunciavam uma espécie de melodia, em pé, no meio deles, outro dançava e também falava algo que eles não entendiam, e viram um jovem deitado próximo dele que parecia sofrer.

Vendo os impetuosos e corajosos amigos já quererem se lançar ao auxílio do jovem, Irmão Jerônimo disse-lhes:

— Calma, meus amigos, até para fazermos isso temos que ter autorização. Olhem para cima, bem acima da cabeça do líder que dança; mas, para enxergarem, se esforcem e tenham fé em Jesus.

Assim o fizeram e conseguiram enxergar três entidades que tinham as características dos nativos. Fitaram as entidades com firmeza, mas Jeremias mentalmente pedia pelo seu pensamento para ajudar o jovem, foi quando uma das entidades lhe fez um sinal de positivo com a cabeça.

Ele nem pensou e se dirigiu ao jovem, colocando e impondo suas mãos, lhe transmitindo as energias curadoras que aprendera a fazer na cidade “Solar das Aves”.

Após alguns instantes o jovem abriu os olhos e estava melhor; todos os nativos ficaram em festa, cantavam sua melodia mais alto possível. Com sorrisos estampados, abraçavam o jovem; ficaram todos muitos contentes, pois, foi a primeira vez que conseguiram ajudar um ser encarnado.

Enquanto na cidade “Solar das Aves” todos cuidavam de seus trabalhos adquirindo conhecimento e iluminação, na Terra, Dinorá, Pércles e família continuavam sua luta, estudo e fé na causa cristã, mesmo sobre o julgo e a perseguição romana.

Meus Irmãos seria a perseguição do Cristianismo uma causa eterna? Teriam nossos Irmãos forças para continuar? Temos a certeza de que com o auxílio dos nossos Irmãos da Espiritualidade Superior, sim, como acontece até os dias de hoje.

É importantíssimo que todos os que neste momento tomam conhecimento desta modesta história que estamos relatando, olhem os fatos, absorvam os ensinamentos e pratiquem o Bem. E mais, meus queridos Irmãos, se caso qualquer um de vocês sentirem em seus

corações que fizerem parte desta história, ou em seus pensamentos e emoções sentirem que fazem parte desta história, tirem dela os ensinamentos e cresça como filhos de Deus, essa é a nossa humilde e singela colaboração aos nossos Irmãos encarnados e não queremos que por intermédio destas palavras vocês se confundam, o nosso desejo é de que aprendam, e tirem proveito da maravilhosa Lei Universal, a Lei da Reencarnação.

Jeremias e André trabalhavam incessantemente no centro de saúde, instaurado na cidade “Solar das Aves”.

Contudo, cada um dentro de seu entendimento tinha sua saudade e necessidade de notícias dos queridos Irmãos que ficaram na Terra; Jeremias em especial por Dinorá, a quem amava com o verdadeiro amor que existe entre almas gêmeas. Principalmente seu pensamento crescia, pois aos poucos ia se lembrando de outras vidas e da mais importante quando Jeremias se chamava João.

Em um importante dia, Jeremias e André e todos os moradores da cidade “Solar das Aves”, se surpreenderam com a voz de Irmão Jerônimo que ecoava no ar como que se o ar trouxesse sua voz, que dizia:

— Convido a todos os Irmãos da cidade ‘Solar das Aves’, a se reunir no platô principal, pois grandes notícias chegam da Terra para nós.

Após todos reunidos no platô principal, lugar conhecido por Jeremias, pois quando João fora onde dera o nome da cidade, Irmão Jerônimo se pronunciou:

— Queridos Irmãos e companheiros de jornada, na Terra os nossos Irmãos encarnados sofriam grande perseguição de Roma quando cristãos. No momento vivem eles no ano 311, e finalmente, após tantas lutas, Roma encerra sua perseguição ao Cristianismo.

Meus Irmãos, Jesus vencera, o Cristianismo venceu, o Bem venceu.

Todos ficaram emocionados; foi inevitável não vermos lágrimas nos olhos de todos, Jeremias e André, que tanto sofreram com essa perseguição e viram Jesus ser crucificado, ajoelharam-se e, no mesmo instante, proferiram o *Pai-Nosso*, a oração deixada por Jesus, e intuíram a todos a fazer o mesmo. A alegria era grande; Jesus e o Cristianismo venciam seu maior alvo, o império romano.

Na Terra, eu e meus irmãos Dina e Jonas, junto com toda a família também comemorávamos, pois toda a crença e todos os estudos que fazíamos escondidos poderão ser feitos às claras e de portas abertas.

A primeira ação de Dinorá, Péricles e Felipe foi colocar acima das covas de André e de Jeremias uma cruz com a escrita: “Aqui jaz dois cristãos que lutaram com toda sua fé por Jesus”.

No momento deste ato, na cidade “Solar das Aves”, André e Jeremias sentiram uma grande força e luz assolarem suas almas, de forma que, em meio ao trabalho de auxílio aos Irmãos necessitados, um olhou ao outro e, de forma telepática, agradeceram a Deus e a Jesus a força que estavam recebendo, só não sabiam que esta força vinha de seus amigos e Irmãos que fervorosamente oravam para eles.

Passaram-se mais três anos na Terra e Roma adotou o Cristianismo como religião, principalmente sua cidadania, causando a todos mais uma sensação de vitória, mas Irmão Jerônimo, após os devidos avisos e cumprimentos aos Irmãos da Cidade “Solar das Aves”, que mais uma vez recebiam a notícia desta vitória, chamou André e Jeremias e pediu que mais tarde fossem se reunir com ele em particular.

Chegada a hora, André e Jeremias chegando à presença de Irmão Jerônimo se depararam com uma reunião menor, mas com almas conhecidas. Estavam presentes Dionízio e Lucíola, Jacó e Safira, Jonas e Esther; então com todos os convidados presentes, Irmão Jerônimo se manifestou:

— Caríssimos Irmãos, reuni aqui um grupo seletivo para lhes comunicar sentimentos e avisos que este humilde servo de Deus quer compartilhar com vocês. Roma traz o Cristianismo para o seu seio; no entanto trata-se de mentes perversas que só querem o poder, e ao mesmo tempo fez isso porque o império falido sentia no Cristianismo o apelo popular para salvá-los da decadência e da falência total. Meus queridos amigos, nós precisamos traçar planos que possam auxiliar os irmãos que estão na Terra, pois com certeza a proposta do Cristianismo, que era e é o Amor fraterno e a Salvação dos homens, mulheres e crianças pela força do Amor e de Suas palavras, sofreram a deturpação e a influência de almas doentias de homens em busca do poder e da glória.

Terminado suas considerações, todos dentro de seu entendimento falaram e discutiram sobre o assunto traçando metas de trabalho não só na cidade “Solar das Aves” como também para futuras encarnações.

A parte do grupo que estava ainda na Terra vivia em plenitude o Cristianismo, pregando e falando sobre Jesus. Péricles transformou-se em um consultor de governadores e nobres de Roma sobre o Cristianismo, Dinorá fundou uma comunidade de senhoras que pregava e propagava entre si o Cristianismo e ao mesmo tempo auxiliavam as comunidades mais carentes com trabalhos sociais. Felipe, eu, Dara, e Dina, auxiliávamos e formávamos grupos de irmãos mais jovens e crianças para formação cristã sob o comando do jovem Jonas, que se tonara um grande pregador.

E assim nossa vida na Terra transcorria em paz e em pleno crescimento, principalmente para Dina que se transformou junto a Jonas uma líder das mais jovens mulheres cristãs.

Mais uma vida, eu, Dara e Dina resolveram naturalmente, por motivos da causa cristã, não constituirmos família e nem relacionamentos, só nos relacionávamos amigavelmente com os Irmãos e Irmãs da comunidade.

Meus queridos Irmãos e Irmãs gostaria que todos ficassem atentos à lei da ação e reação, pois muitas vezes achamos que estamos certos, e estamos naquele momento, mas também estamos traçando um perfil de caráter espiritual que talvez em outra encarnação seja uma provação; e quando digo isso não digo para que não façam o que seus corações e suas mentes, portanto seus espíritos intuem que estão certos, mas façam tudo com sabedoria e absorvam com inteligência e amor todas essas ações, pois elas servirão, quando praticadas pelo Bem, como válvula de crescimento espiritual a todos vocês. Os exemplos e situações do passado têm que servir como força para as ações e entendimentos do presente e do futuro.

Em nossa história, Jeremias e André estavam na cidade “Solar das Aves” em pleno trabalho dignificante e de tamanha importância, pois justamente eles eram que recebiam todas as almas que, desencarnadas, se dirigiam por autorizações superiores à cidade. E chegando lá, em sua grande maioria, necessitavam de auxílio, não somente de orientação espiritual, mas também e por que não, médico.

Jeremias e André tornaram-se então os desbravadores da Cidade “Solar das Aves”, no campo científico e medicinal dos espíritos. A cada tratamento era uma descoberta.

Muitos amigos espirituais os visitavam com sede de conhecimento e eles ministravam cursos e orientações para que esses amigos levassem esse conhecimento para outros locais espirituais e até aos Irmãos que ainda estavam na Terra.

Mas Jeremias, sempre que podia, elevava o seu pensamento a sua amada Dinorá. Em certo dia, como de outras vezes interpelou Irmão Jerônimo sobre a possibilidade de viver este grande amor, que ele, Jeremias, após o desencarne tomou conhecimento de ser de outras vidas.

Irmão Jerônimo sempre paciente e sempre firme em seus pensamentos lhe disse:

— Amigo Jeremias, sabe que você e Dinorá são almas gêmeas, portanto não faltará oportunidade para estarem juntos, mas tem de entender que na roda da vida assumimos posturas e condutas que influenciam as nossas próximas entradas no plano material, portanto, pode ser que venha à viver muitas vidas ao lado de sua alma gêmea, mas nem sempre como homem e ela como mulher, e nem sempre os dois com corpo físico.

Jeremias, entendendo bem o que dizia o amigo e acima de tudo professor de Vida Espiritual, parou de pensar no assunto e se dedicou ao trabalho.

Na Terra, após o término das perseguições romanas, o Cristianismo cresceu muito de maneira que na região onde morávamos, o politeísmo romano se extinguiu e ficaram apenas cristãos e judeus.

Era a dificuldade em coexistir com os nossos Irmãos judeus, que na verdade nos trazia alguns aborrecimentos, mas o Amor por Jesus em nossos corações era maior e nada poderia nos abater.

Os anos se passaram e nosso pai, Péricles, já muito velho e acamado, deu o último suspiro em seu leito para todos nós.

— Queridos filhos, querida esposa, e meu caro amigo Felipe, minha hora é chegada, sinto em meu coração, portanto desejo sempre a todos vocês que a força de Jesus esteja sempre com todos. Sejam fortes, pois muitas batalhas ainda serão travadas em nome Dele, Nosso Senhor. Felipe, meu grande amigo, cuide de sua irmã para mim, a idade já se aproxima para ela também; meus filhos continuem seu apostolado cristão; e você, minha querida, muita paz e amor em sua vida; seja forte, pois posso te dizer hoje: Cristo venceu. Peço a todos que me deixem a sós com a minha esposa, preciso descansar.

Após todos sairmos, com lágrimas nos olhos, pois sabíamos que aquelas palavras eram uma despedida, nosso pai fez um pedido a nossa mãe:

— Minha querida, eu quero lhe pedir uma última coisa: após a minha passagem para a Vida Eterna, peço que enterre meu corpo ao lado do de Jeremias e André, nossos grandes e eternos amigos, desejo e peço em minhas preces que no momento de minha ressurreição eu possa encontrá-los.

Fazendo um sinal de positivo com a cabeça, pois não conseguia falar, nossa mãe deitou-se ao lado de nosso pai, que desencarnou naquela noite.

Por merecimento, ao se desligar do corpo, encontrou os dois amigos queridos enviados por Irmão Jerônimo horas antes de sua passagem para auxiliá-lo. Após o abraço fraterno ao amigo, Péricles adormeceu, acordando após muitos dias em uma espécie de clínica e o primeiro que ele avistou foi Jeremias, que lhe fez as saudações iniciais e foi logo mostrando a cidade “Solar das Aves” ao amigo.

Passados mais alguns anos foi à vez do desencarne de nossa mãe “Dinorá”, a querida mãezinha fez a sua passagem à vida espiritual da mesma forma que nosso pai, mas deixou para trás três filhos que choraram muito a sua volta ao Mundo Espiritual. Todos, com o tempo, se conformaram com a perda, mas Dina não se conformou, amava muito a mãe e não queria perdê-la.

No entanto, mesmo com o nosso auxílio e amor, Dina guardou dentro de seu coração certa revolta, e lá em seu interior, e por meio de algumas palavras e atos percebíamos a sua indignação da perda de nossa mãe.

Na cidade “Solar das Aves”, Jeremias, Dinorá e Péricles, além do amigo André, viviam felizes.

As poucas notícias que podiam ter dos saudosos que ficaram na Terra chegavam por intermédio do Irmão Jerônimo.

Mas uma notícia e uma ordem superior atrapalharam a felicidade ou a calma, principalmente de Jeremias. Irmão Jerônimo pediu que chamassem Jeremias e Dinorá para uma conversa.

— Queridos amigos, faz-se necessário que, por necessidade evolutiva e de ordens superiores, que nossa irmã Dinorá se dirija a outro local, a fim de que possa receber orientações e para que vivencie situações e aprendizados importantes para sua evolução.

Dinorá entendeu e compreendeu, mas Jeremias tornou-se indignado e arredio, não aceitava essa situação.

Só se acalmou mediante o pedido de Dinorá, no entanto guardou em seu espírito a impaciência e a falta de entendimento necessária à situação que vivia.

Meus queridos Irmãos, no trecho que vimos podemos perceber, por meio dos exemplos de Dina e de Jeremias, que não só os Irmãos encarnados podem cometer erros e guardar sentimentos indevidos em suas almas, eternizando talvez marcas e colocando cicatrizes em seus espíritos, que só serão dissolvidas com o tempo e por meio de reencarnações sucessivas.

Mais uma vez peço que prestem atenção, além da emocionante história que todos nós temos, há a existência de fatos marcantes de vidas sucessivas, que se corrigirmos mais rápido, mais rápido ainda estaremos vivendo eternamente a verdadeira Vida, a Espiritual.

Capítulo 4

A INQUISICÃO

Vamos dar um salto na roda da vida de nossos Irmãos. Como dissemos, não podemos aqui relatar tudo sobre esses queridos Irmãos, nem mesmo nomes, datas e locais precisos das referentes reencarnações que aqui contamos a vocês, pois isto seria terrível àqueles que ainda se reencontram reencarnados.

Vamos levar a nossa mente e nossos corações ao ano de 1160, uma época em que na Europa a Igreja Romana era soberana. Vamos nos dirigir à casa da família Bason; Lorde Bason e sua esposa estão em um momento muito feliz, pois nascia sua primeira filha que receberá o nome de “Rachelli”.

Uma criança iluminada que, no momento de seu nascimento, tinha ao seu lado no Plano Espiritual o seu Espírito Protetor, Irmão Onório, do qual falaremos mais sobre ele mais a adiante.

Da França, iremos para a Espanha na casa de Dom Gaspar. Duque da realeza Espanhola que junto com sua amada esposa trazia ao mundo o filho varão tão esperado de nome, José Gaspar.

Do mesmo modo, no momento de seu nascimento, ao meu lado estava seu Espírito Protetor Irmã Lucíola.

Caros amigos, nem precisamos dizer que se trata de nossa querida Dinorá e nosso querido Irmão Jeremias, que nesta encarnação que iremos relatar, a partir de agora, estão mais uma vez na Terra.

Jeremias e Dinorá ou José e Rachelli não nasceram no mesmo meio social, porém como são almas gêmeas ainda se encontrarão.

Enquanto isso no “Solar das Aves”, Irmão Jerônimo faz preparativos para as próximas reencarnações de outros irmãos, mas reunido com muitos outros dá um alerta:

— Queridos Irmãos, a igreja formada por Roma, como já era esperado, tendo sua raiz no Cristianismo. Cresceu por todo o mundo de hoje, principalmente na Europa, mas, como já esperávamos homens em busca do poder estão disseminando a maldade dentro da igreja e em nome do Poder de Deus, e esses mesmos homens já sofrem o prematuro ódio, raiva e, acima de tudo, pregam o poder invertido de Deus aos homens de mente doentia. Todos irão sofrer muito, portanto estejamos preparados para os difíceis momentos que virão.

Queridos Irmãos, nosso Irmão Jerônimo se referia à “Santa Inquisição”, que trouxe tanto sofrimento ao mundo e também aos nossos queridos Irmãos de jornada.

Irmão Jerônimo chama Jeremias e Dinorá e comunica a eles que irão reencarnar em momentos difíceis para a Terra e para os homens, mas os enchem de coragem para reencontrar com os amados amigos.

Nossos queridos amigos e companheiros de jornada em encarnações reencarnam em uma época em que a “Santa Igreja”, que era e sempre foi dirigida por homens falíveis, dominava toda ciência, a cultura e o poder sobre os povos. Mas, graças a Deus e ao merecimento, nossos Irmãos, nasceram em lares extremamente cultos, e com poder social e financeiro.

Rachelli, uma criança saudável, foi sendo criada por seus pais com muito carinho e amor, principalmente por parte de sua mãe “Madame Bason” que dispunha toda a sua atenção à criança que, pelo casal, seria a única. Eles decidiram isso por causa de vários acontecimentos no aspecto da governança francesa e no aspecto da soberania da “Santa Igreja”.

Mas os destinos espirituais de uma casa são únicos e, aos 4 anos de idade, Rachelli, que, como toda criança, até os dias de hoje tinha contato direto, pela vidência e audiência com seu Anjo da Guarda, que por intermédio de doces e alegres palavras e ingestão fluídica, induziu a criança a dar um forte abraço na mãe e dar um doce beijo em sua barriga.

“Madame Bason” não entendeu a atitude da criança, e é aí que nos dirigimos ao Plano Espiritual, mas precisamente ao “Solar das Aves”.

— Encontramo-nos nesse momento junto ao bom amigo Irmão Jerônimo, que conversava com Felipe, que foi, em outra encarnação, irmão de nossa Irmã Dinorá, agora Rachelli:

— Felipe, meu Irmão, a hora de sua reencarnação chegou; um lar e uma boa mãe vos esperam. Disse Irmão Jerônimo.

— Será que encontrarei minha querida irmã, tenho muitas saudades dela.

— Não posso lhe dizer nada, querido irmão, apenas que busque Paz, Amor e Caridade.

Assim, terminando o breve diálogo, “Irmão Jerônimo”, encaminhou “Felipe”, ao processo reencarnatório.

Um ano depois do beijo inesperado de Rachelli em sua mãe, nascia no lar dos “Bason”, um menino que seus pais deram o nome de Fernand. A família “Bason” constituiu assim em sua existência o círculo familiar, diferente de outras encarnações em que o casal que, espiritualmente, é o mesmo que acompanhou Rachelli, tiveram muitos filhos.

Rachelli e Fernand foram educados na literatura, na ciência, nas artes e na escrita por bons professores, mas, aos 10 anos, Rachelli, sentada no pequeno degrau que dava acesso à cozinha de sua casa, tomou nas mãos um pedaço de carvão e, em um pedaço de pano, desenhou com perfeição os móveis e o ambiente da cozinha. Sua mãe, emocionada, com o que viu, pediu ao marido que procurasse um professor nas artes para a menina.

Poucos foram e eram os nomes de artistas da época, pois tudo era da Igreja e em nome da Igreja, mas com dedicação, o pai da menina encontrou um artista que ilustrava livros religiosos e murais e tetos de igrejas na cidade que moravam o senhor Jean Pierre.

Jean Pierre encontrou na criança uma artista nata e passou a ela, e depois de jovem, todo seu conhecimento, até a criança formar e fazer 18 anos de vida, quando também o bom e velho professor veio a falecer.

Rachelli tornou-se uma ótima desenhista e ilustradora de livros, mas em uma época machista, uma jovem artista não tinha valor; ela, além disso, fazia com propriedade belas tapeçarias.

No entanto, Rachelli não se conformava com a situação de não poder fazer mais nas Artes, então convidou uma antiga família amiga da sua, mais precisamente Madame Tollose para que posasse para ela e fizesse um perfil da senhora Madame Tollose. Aceitou.

Rachelli dedicou-se, preparou o couro de um animal, apropriado para o afresco, e realizou a sua maior e única verdadeira obra de arte que batizou com apenas o nome de Tollose.

Todos ficaram maravilhados com a obra, mas com medo da “Santa Igreja” não aceitar a autonomia e libertação da jovem, Madame Bason e Madame Tollose resolveram guardar a obra na casa dos “Tollose”.

Meus queridos Irmãos, Rachelli teve, até os 18 anos, uma vida boa, foi educada por bons professores e realizou um feito inédito para uma jovem mulher na época, e como teria sido a vida de nosso Irmão José Gaspar na Espanha.

José Gaspar, nascido em lar de família ligada à realeza, foi também muito bem recebido, mas com algumas diferenças, a começar de nascituro.

Dom Gaspar e Madame Gaspar, Duque e Duquesa do Imperialismo Espanhol, mantinham seus títulos e terras, por meio da bela aparência, e de festas regadas de muito álcool e sexo. Madame Gaspar, quando grávida, se isolou em sua casa até a criança nascer. Para amamentá-la contratou uma “ama de leite”, pois não se permitiria amamentar a criança e ficar com seios feios. E assim começou a vida de José, como o diremos a partir de agora.

A ausência constante dos pais era substituída pelas faculdades mediúnicas, peculiar nas crianças até os sete anos, em que ele mantinha contato com Irmã Lucíola, seu Anjo Protetor que o tratava como um filho, além disso, a presença de serviçais que o tratavam com muito carinho.

Após os sete anos, José passou a ser educado por conceituados mestres da região, a maioria deles freis e padres da Igreja. Foi educado nas ciências da astrologia, medicina, navegação, também foi letrado em Espanhol e Francês. Quando mais velho, aos 15 anos, começou a ser educado por líderes militares, nas artes da guerra e combate; aos seus 18 anos, José vive o seu maior drama.

Seu pai lhe exige que escolha, ou vai para a guarda real, e logo será um comandante, ou que escolha dentre as ciências existentes e torne-se cientista e filósofo.

Para um jovem a exemplo de José que, na verdade, se sentia abandonado pelos pais, uma grande confusão se instaurava em sua mente, principalmente pela exigência de vir de um pai ausente, quase distante, que, como se o tivesse abandonado, abandono esse que ele já praticara em outra existência, quando o jovem José chamava-se Jeremias e fora abandonado pelo mesmo pai em uma estrada.

Neste momento, meus Irmãos, nossa Irmã Lucíola se dirige até o “Solar das Aves” e pede ajuda ao Irmão Jerônimo, que a conforta o coração dizendo:

— Querida Irmã, já que suas tentativas de sensibilizar o coração de José não surtiram efeitos, por causa do pesado corpo e das pesadas emoções que nosso Irmão carrega, já sei como conseguiremos isso. Vamos até o nosso Irmão André Gaspar pedir o seu auxílio.

— Queridos Irmãos, os caminhos evolutivos desses Irmãos Espirituais se cruzam novamente para que, ajudando uns aos outros, consigam superar as suas vidas no plano das

formas e ir adiante. Tudo feito com muito amor e carinho e com a caridade verdadeira, a espiritual.

— Que Jesus e nossa Mãe Santíssima abençoem a todos nós!

Meus queridos Irmãos, o que seria de nós se não houvesse a Lei da Reencarnação? Estaríamos perdidos, sem rumo e sem orientação. Por isso é que estamos dispensando parte de nosso tempo, trazendo a vocês valorosos ensinamentos junto a este grupo encarnatório.

Os Irmãos Jerônimo, Lucíola e André Gaspar, se dirigiram naquela noite aos aposentos do jovem José Gaspar. Ao chegarem, se depararam com o moço dormindo, mas seu espírito, através do desdobramento, que todos os seres encarnados fazem quando os seus corpos adormecem, se encontrava sentado à beira do leito, pensativo, provavelmente em consequência das preocupações do dia que viria em que teria de dar uma resposta ao seu pai.

Foi então que o Irmão André Gaspar, já com os olhos marejados, em decorrência do reencontro com a alma amiga, se pronunciou:

— Quantas saudades, quantas saudades!

Mas José, em outra faixa vibratória, não conseguia perceber a presença dos Irmãos, foi então que o sábio Irmão Jerônimo se pronunciou:

— Meus queridos amigos, enquanto eu e irmã Lucíola passamos energias vibratórias ao espírito de nosso Irmão, peço a você, André, que se concentre e consiga chegar ao nível vibratório de nosso Irmão, para que ele possa percebê-lo.

Antes de todos começarem, Irmã Lucíola explica que já havia tentado isso, mas José não entendeu nada. Irmão Jerônimo então pediu que continuassem, pois o tempo era curto.

Ao receber as energias positivas dos Irmãos, Jerônimo e Lucíola, José começou a sentir-se melhor, foi então que Irmão André colocou a mão sobre sua cabeça e conseguiu fazê-lo enxergar.

José se assustou, pois via o seu corpo dormindo e o corpo espiritual de nosso Irmão André Gaspar. Então Irmão André foi logo explicando:

— José, não se assuste, pense nisso como um sonho, vim aqui como amigo para ajudar na decisão que tem de tomar. Há muito, caro amigo, se distanciou de Deus, não ora mais, isto é de extrema importância, volte a praticar suas orações. Em relação à decisão que tens de tomar sobre o pedido de seu pai, peço que feche os olhos e pense seriamente sobre o assunto.

Assim José o fez, no mesmo instante nosso Irmão André tocou-lhe a cabeça e, na tela mental de nosso Irmão, começaram a aparecer imagens de um homem matando outros com

espada, já com outro perdoando e encaminhando ao trabalho de Deus. Ele se intitulava de João. Logo após isso, outra imagem veio à sua mente, de outro homem que era bondoso com as pessoas, mas de repente uma espada atravessava seu peito e depois sua cabeça era arrancada, e ele se chamava Jeremias. Voltando do transe, José não sabia explicar o que eram aquelas imagens, então André lhe explicou:

— Caro amigo e Irmão, não importa quem esses homens foram ou são, mas me diga o que sentiu?

— Bom, senti uma dor em meu peito muito forte, ao mesmo tempo tive pena dos que morreram, inclusive do tal Jeremias.

— Pois bem, meu amigo, se pretende entrar para a guarda real e trabalhar nas cruzadas, é o que irá sentir, duvido que se sinta bem com isso. Porém, se escolheres o outro caminho, não será tão mais fácil assim, mas essa dor que lhe incomodou não aparecerá.

— Mas se isso é um sonho, como me lembrarei amanhã?

E André levantou-se, pois se sentara ao lado do bom amigo, e tocou o seu rosto como um pai e disse:

— Oração, oração, oração.

Após essas palavras José acordou no meio da noite, os Irmãos Espirituais continuaram ali o amparando com suas doações e Luz, mas ele não mais os percebia. No entanto, uma palavra não saiu da cabeça de José: Oração.

Voltou a dormir. Como sempre foi de acordar cedo, ao se levantar, a palavra Oração não lhe saía da mente, então resolveu orar.

Quando rezava, tudo que lhe acontecera à noite veio à mente. Imediatamente pegou um diário que guardava a chave e escreveu tudo. Logo, o pai ansioso lhe bate à porta rogando que saísse, pois queria lhe mostrar o que lhe aguardava o futuro.

— José, vamos à prisão da cidade onde alguns hereges, condenados pela ‘Santa Igreja’ serão decapitados.

José em primeiro momento não se importou. Ao chegar, cumprimentou guardas que futuramente poderiam estar sob seu comando e se sentiu muito bem, mas ao adentrar o local do cumprimento da execução, presenciou uma cena inesquecível: Homens e mulheres sendo torturados, com membros quebrados implorando por clemência; um deles chegou a agarrar seus pés pedindo piedade, mas imediatamente o carrasco se aproximou e decapitou todos, a ponto de o sangue deles jorrar em José. Nosso querido irmão sentiu em seu peito a dor forte de outrora e logo saiu.

Interpelado pelo pai sobre o ocorrido declarou:

—“Pai, já tomei minha decisão: irei servir ao meu reino e ao povo por meio da ciência; não vou participar da guarda nem dos exércitos do rei, e isto é irrevogável para mim, sem volta.

O pai não gostou da decisão de José, mas como foi sempre ausente, apenas lhe disse:

—“Tu que sabes”.

Assim decidindo, José continuou sua formação na ciência, tornando-se médico, astrólogo e navegador, além de arriscar em uma pequena oficina algumas invenções.

Mas vamos voltar à França. “Rachelli” sendo de personalidade forte, não quis ficar dependendo dos pais para viver, então como a “Igreja” não lhe dava espaço como artista, ela resolveu abrir o próprio negócio junto com o irmão Fernand que cuidava das vendas, investiu na arte da tapeçaria, a alta sociedade francesa disputava as obras da artista. Suas tapeçarias eram sublimes, de grande expressão, e muitos eram os pedidos. Porém Fernand não podia contar para ninguém que era ela que fazia, pois em uma sociedade machista isso seria o fim do bom negócio.

Rachelli, apesar de ter um grande prazer no que fazia, sabia que as tapeçarias não durariam com o tempo, como os grandes murais e cúpulas das catedrais e isto há entristecia um pouco, mas continuou sempre dedicada em seus trabalhos que eram únicos e expressivos.

No entanto, a sociedade mais próxima da família “Bason” sabia dos fatos e discriminaram a moça. Os homens que se diziam conservadores, falavam que ela se comportava como uma prostituta; os mais afoitos e modernos se aproximavam, mas só queriam as volúpias do sexo, portanto tratando-a também como uma prostituta.

Foi então que Rachelli começou a se encantar por um moço muito próximo, o filho de Madame Tollose, Gilbert Tollose. A família Tollose dava todo apoio à moça e Gilbert, em especial, era muito prestativo e tratava-a com muito carinho e respeito. Já Fernand arrastou o seu encanto à jovem da casa de Tollose, Rebeca Tollose, que era prendada e muito bonita, mas o moço não tinha muitas pretensões, porém a moça, mais precoce, já pensava em tê-lo como esposo.

As vidas dos “Bason” e dos “Tollose” se uniam cada vez mais com uma forte amizade e consideração.

Já na casa dos “Bason”, todos começavam a enfrentar problemas com o patriarca, Senhor “Bason”, que por meio do alcoolismo, promiscuidade e jogos, arrumava problemas quase todos os dias.

Bem, caros Irmãos, não precisamos dizer que os grupos familiares reencarnam quase sempre juntos, e que Senhor “Bason” é o mesmo pai que outrora fez o mesmo e não conseguiu mais uma vez se livrar dos vícios, diferente de José, que em meio a uma decisão difícil, conseguiu se livrar da sina da espada.

A reencarnação é o que de mais sublime nosso Pai Celestial nos deixou; um legado de existências em que, por meio de encontros e desencontros, evoluídos e unidos em um bem maior que é Deus.

A França da época que falamos aqui era instável e cheia de conflitos sociais. Por alguns destes motivos não demorou muito e o sr. “Bason” desencarnou, um processo doloroso a todos, pois foi um desenlace regado de muitos sofrimentos. Madame “Bason” tornou-se depressiva e o punho forte de Rachelli junto com Fernand é que ainda lhes davam alguns sustento.

Coincidência ou não na casa dos “Tollose” o mesmo acontecera. Madame “Tollose” junto com Gilbert e Rebecca tocavam suas vidas com dificuldade. Em um fatídico, mas feliz dia, Gilbert recebe uma carta que o anima, com a mãe já depressiva em consequência de tudo que vinha perdendo e diz:

—“Mamãe, recebi uma carta que pode ser nossa salvação. Há muito fiz amizade com Dom Gaspar da Espanha, que me foi apresentado pelo nosso saudoso pai, como tem acontecido com os mais velhos, Dom Gaspar já se foi desta vida, mas seu filho José Gaspar, tem trocado correspondências comigo, inclusive me orientando em alguns negócios. Nesta carta mamãe, que tenho em minhas mãos, José nos convida para morar lá, nos dará um suporte inicial, e depois seguiremos com nosso próprio trabalho, o que acha?”

Madame “Tollose” leu com atenção a carta, e um generoso sorriso se estampou em seu semblante, e concordou com Gilbert ser o melhor a fazer, mas o moço ficou pensativo por instantes e saiu correndo.

Após alguns instantes estava na oficina de Rachelli.

—“Rachelli, eu não sei o que vai pensar de mim, mas eu te amo, e no momento eu e minha família estamos para mudar para Espanha, por isso lhe peço em casamento e iremos todos para lá.

O moço dissertou longamente sobre o assunto e, após um tempo cobrada de uma resposta, Rachelli somente pronunciou.

—“Sim, aceito.”

O casamento seguiria às pressas. Fernand e Rebecca continuavam a flertar, mas nada sério. A viagem se seguiu e todos apostaram num futuro melhor na Espanha.

José, que já tinha seu próprio sustento, e auxiliava a mãe que se tornou amável e carinhosa na velhice, aguardava ansioso a chegada do amigo Gilbert, quando sua mãe lhe perguntou:

—“Meu filho, lhe vejo sempre só, envolvido em seus negócios, estudos e invenções, sem contar com aquele diário que você não larga. Será a hora de encontrar uma boa moça para desposar?”

—“Mamãe — disse o moço — tenho certeza de que Deus preparou já alguém para mim e espero a chegada dessa mulher, não sei se irei desposá-la, mas sei que irei amá-la, no mais o trabalho honesto e sincero é que me alimenta.

O que Madame “Gaspar” não sabia é que desde a primeira visita de André Gaspar a primeira vez aos 18 anos, todos os dias José recebia a visita do bom amigo enquanto dormia, falavam sobre todo tipo de assunto e, ao amanhecer, José escrevia tudo em seu diário, que no momento já era o trigésimo, e os guardava em um baú seguro fechado a chaves.

Finalmente chega à casa de Gaspar as famílias “Tollose” e “Bason”, a emoção contagiava os corações.

Gilbert se adiantou à caravana e fez as primeiras saudações. Logo após todos chegarem, foram feitas todas as apresentações, mas Rachelli não desceu da carruagem, então Gilbert disse a José:

—“Caro amigo, tenho uma surpresa: Antes de sair da França me casei com Rachelli Bason”.

Então a moça, agora a senhora, desceu da carruagem e, ao encontrar o olhar de José, os dois se abalaram, no entanto mantiveram a compostura e o respeito.

Após todos instalados e José auxiliando Gilbert nos primeiros passos, as vidas de todos iam seguindo seu curso, mas um acontecimento iria marcar a vida de Fernand.

Fernand e Rebecca continuavam um romance, mas sem compromissos, e é obvio que sexo acontecia, até que a moça acabou engravidando e procurou Fernand.

—“Meu amor tenho algo a lhe falar.”

E contou tudo a Fernand. Ele não sabia o que dizer; não estava preparado para aquilo, o desespero lhe tomou conta; a discussão sobre o assunto se desenrolou e terminou com a seguinte frase de Fernand:

—“Melhor que isto não tivesse acontecido.

A moça, em prantos, saiu e nunca mais o procurou. Fernand ficou preocupado e externou o problema à sua irmã Rachelli que o orientou a procurar a moça e conversar. Madame “Tollose” e Rebecca moravam em casas separadas de Gilbert e Rachelli, portanto Fernand se dirigiu até a casa de Rebecca e pediu para falar com ela, e esta só lhe proferiu poucas palavras:

—“Fique tranquilo, o mal já foi estirpado”.

Fernand saiu desolado. Rebecca fizera um aborto, não se conformava, mas como sempre foi muito religioso, orava constantemente por Rebecca.

No lar de Gilbert e Rachelli a felicidade só aumentava; esperavam ansiosos por seu primeiro filho. Após o tempo necessário nascia Joana, uma menina cheia de graça e luz.

Rebecca, por sua vez, inconformada com tudo o que aconteceu com Fernand começou a ter vários namorados a ponto de Madame “Tollose” ir morar com o filho Gilbert.

Passados três meses do nascimento de Joana, Rachelli amamentava a filha tarde da noite. Quando ouviu um choro de bebê em sua porta, levantou-se correndo e, ao abrir a porta, viu uma criança do tamanho da sua na porta e uma pessoa na penumbra da noite, acolheu-a, correu atrás desta pessoa. Ao segurá-la observou que era Rebecca, que chorando aos prantos disse a Rachelli:

—“Querida amiga, uma vez matei uma alma que veio através de meu ventre, não poderia fazer de novo, mas estou muito doente, morrendo, e não posso mais cuidar de minha menina. Peço-lhe de coração que cuide dela, mas que não fale a ninguém, principalmente a Fernand que ela é minha. O pai não sei quem é; andei com muitos, por isso até essa doença mortificante peguei, não diga nada a minha mãe também, o nome de minha querida filha, a chamo de Ana, mas podes chamá-la como quiser, minha alma entrego a Deus, e esta criança aos seus cuidados, que Deus a abençoe, Rachelli.

“Rachelli” sem saber o que dizer, ficou observando a pobre criatura ressequida sumir na noite.

Adentrou em sua casa e se deparou com o marido, que era também irmão de Rebecca. Neste momento lhe contou tudo, e este saiu correndo pela noite à procura da irmã e só a encontrou ao amanhecer, já morta em uma viela, fez todos os preparativos e a sepultou sem contar à sua mãe, já muito sofrida e idosa.

Ao chegar em casa se deparou com a amável esposa, amamentando as duas crianças, uma em cada peito, e se emocionou. Fez ele um pacto com a esposa que a criança havia sido deixada na porta por indigente e eles resolveram adotá-la, e ele perguntou à esposa qual era o nome da criança. Esta lhe disse, segurando o bebê sob a luz:

—“Anna Clara Tollose Bason”.

O esposo se emocionou e aceitou o nome e assim Joana e Anna Clara foram criadas como irmãs.

Quanto sofrimento para esta criatura de nome, nesta encarnação. Rebecca, pois bem, tratava-se da mãe que em outra vida abandonara o filho à própria sorte, nosso bom amigo Jeremias. O pai daquela época tornou a realizar o abandono e desencarnou, mas a mãe, apesar dos percursos, conseguiu vencer o erro e não abandonara a filha à própria sorte, deixando-a em lar seguro antes da partida desta existência, no entanto, seu espírito retornou

à pátria de origem com as cargas negativas da prática de um aborto e de uma vida cheia de promiscuidades e doenças, tornando-se assim uma alma homicida e suicida.

Por que será que o casal que uma vez abandonaram juntos o filho, não veio como casal desta vez? Porque em outras vezes o erro de um recaía sobre o outro, e separados por livre escolha, tiveram a oportunidade de corrigir seus erros.

Queridos amigos e irmãos, se soubéssemos tudo sobre nossas encarnações não conseguiríamos seguir, pois a dor seria insuportável. Como puderam observar, dou início aqui ao relato da última encarnação, pelo menos por enquanto, desta que vos relata algumas vidas, existências, deste grupo de irmãos a quem tanto amo.

Se formos estudar e pensar na Lei da Reencarnação conseguiremos respostas positivas para toda pedra no caminho de nossas existências. Os problemas e as dificuldades que enfrentamos são efeitos causados por nossos próprios erros.

Como vimos, a nossa irmã Rebecca corrigiu um desses erros do passado e angariou outros que, no decorrer de suas existências, foram se resolvendo; hoje é uma criatura encarnada, que deve se continuar no caminho do Bem, resolver e evoluir bastante, tudo que restou sem solução em vidas anteriores.

Eu, e a partir de agora, quando falar de Anna Clara Tollose Bason estarei referindo a mim mesma. Eu e minha irmã Joana fomos muito felizes na infância. Quando tínhamos 5 anos nossa mãe já tinha conversas conosco sobre um irmãozinho que estava chegando.

E realmente passado o tempo necessário, nascia nosso irmão, um menino que, ao se juntar com nosso pai Gilbert, que nada mais é do que o bom e velho amigo Péricles, escolhendo o nome do menino, nossa mãe fez um pedido:

—“Meu marido, você se importaria de darmos o nome ao nosso filho de José, em homenagem ao amigo e benfeitor espanhol?”

Gilbert atendeu prontamente e assim o fez, inclusive chamando o amigo para comemorar o nascimento do filho varão.

José Gaspar, por sua vez, emocionou-se por saber que o menino teria o seu nome e pediu inclusive que eu fosse seu padrinho, como poderíamos dizer, e assim foi feito.

Eu e Joana tivemos toda a nossa educação feita por nossa mãe e por uma madre amiga da família Gaspar. Já José teve toda a sua educação traçada pelo bom amigo José Gaspar que o entronizou no campo das ciências e da filosofia.

Nossa mãe, por sua vez, transmitia para nós um olhar de certa tristeza, como já estávamos na idade de 16 anos me atraía perguntar por que e ela respondeu:

—“É que desde o nascimento de todos vocês e a mudança da França para Espanha, nunca mais pinte, desenhe ou mesmo crie tapeçarias, como fazia antes, e sinto muita falta disso.

Então juntei-me com meus irmãos e decidimos que iríamos criar um espaço para que nossa mãe pudesse trabalhar, foi então que José, vendo que necessitávamos da ajuda de um adulto para isso, pediu ao seu mentor José Gaspar, auxílio. José atendeu prontamente e foi junto com as crianças realizando a surpresa.

Passando algum tempo, o presente foi dado, o que encheu o coração de Rachelli de muito amor, e sua admiração por José Gaspar só aumentou.

Todos cuidavam de seus afazeres, mas todas as noites nos reuníamos e realizávamos uma oração em nosso lar, e sempre que fazíamos isso minha querida irmã Joana tinha algumas sensações diferentes.

Com o tempo, meu pai e minha mãe convidaram José Gaspar e sua mãe a virem nessas orações que eram realizadas sempre sob as leis e ordens da “Santa Igreja”.

Em um desses dias, José Gaspar confessou estar com fortes dores em seus braços e em seu peito. Após fazermos a nossa oração, Joana o chamou em particular e, sem falar nada, colocou sua mão sobre seu peito e, imediatamente, José Gaspar ficou melhor, então se ajoelhou e falou para a jovem:

—“Minha filha, lhe serei grato pelo que fez por mim hoje, mas lhe dou um conselho: ajude quem puder com este dom, mas nunca conte a ninguém; poucas são as pessoas que saberão interpretar. Para mim não foi surpresa, pois um grande amigo que me visita sempre, já havia me falado desses dons que considero divinos.

José Gaspar se referia às visitas noturnas que ele recebia do irmão André Gaspar, e ele, em estado de “desdobramento”, como sabemos hoje, recebia maravilhosas instruções do amigo.

Após este ato, por receio de algo pior, minha irmã Joana não mais auxiliou ninguém.

No mesmo ano desses fatos, madre Teresa, nossa mestra, que se tornara amiga de nossa família, tem uma conversa conosco e nossos pais, referindo-se ao nosso ingresso na ordem da “Santa Igreja”. Todos ouvimos com atenção, após a partida da madre, papai e mamãe se reuniram em segredo e tiveram uma longa conversa, logo após nos comunicaram:

—“Meninas, a decisão é de vocês, sabemos que muitos pais obrigam suas filhas a irem à ordem, mas nós não, pensem e reflitam sobre tudo que Madre Teresa disse, pensem bem mesmo e o que vocês resolverem faremos. Mas tem de decidir até o fim deste ano, pois, do contrário, não poderão entrar mais.

Ficamos muito apreensivas, e conversávamos diariamente sobre isso, e íamos sempre que possível visitar as irmãs da Igreja.

Após muitas conversas sobre o assunto, eu e Joana resolvemos que não servíamos para sermos esposas e donas de casa, que queríamos mais que isso, e entraríamos para a ordem. Após comunicar aos nossos pais, foram feitos todos os preparativos, pois nunca mais moraríamos com nossa família e seria difícil a saudade; a partida foi coberta de emoções e muito choro, mas assim fizemos e selamos nosso destino.

José, por sua vez, continuava seus estudos com o bom amigo José Gaspar e auxiliava no que podia em casa, pois era jovem.

O tempo passou, e não vou me ater aqui aos relatos de nossa formação dentro da “Santa Igreja”, somente direi que aprendemos muito, e após um bom e longo tempo retornamos ao lar para uma visita, antes de assumirmos a nossa missão ali mesmo na cidade de nossa família.

Ao chegarmos em casa, encontramos José, já homem feito, todo dono de si, nossa mãe tornara-se uma senhora, mas continuava a desenhar e pintar era sua paixão, nosso pai já bem velho nem tomava quase conta dos negócios. José era o que fazia, e parecia muito doente, e estávamos contentes por encontrar todos, mas com saudades também do amigo José Gaspar.

Estando todos unidos em conversa, perguntamos de nossas avós, e foi grande a surpresa de nos informarem que já haviam falecido, no mesmo instante fizemos uma oração a elas.

Passado algum tempo, chega o bom e velho amigo José Gaspar, cabelos grisalhos, mas em muito melhores condições físicas que nosso pai, o que me preocupou, no entanto para nossa surpresa, este entrou saudoso:

—“Que a Paz de nosso Senhor Jesus Cristo esteja para sempre com todos nós!

Ficamos, eu e Joana, espantadas com tamanha fé em um homem comum, mas percebi que Joana não ficou tanto quanto eu. Após cumprimentarmos, fomos logo informando as novidades.

—“Fomos designadas pela ordem a tomar conta de um lar para crianças, que a “Santa Igreja” irá abrir aqui, e poderemos estar mais próximos de vocês.

Todos ficaram felizes e animados com a notícia. José Gaspar, por sua vez, disse com voz firme e austera:

—“É importante que vocês assumam esta missão com o verdadeiro espírito crístico e que sejam fieis às palavras e aos ensinamentos de Deus, sobre o Amor ao próximo. Convido nossas irmãs a irem a minha casa antes de assumirem tal cargo.

E assim foi feito. Estando na casa de nosso irmão, ele nos contou com todo amor e verdade em seu coração a respeito das visitas que recebia de André Gaspar e nos mostrou seu grande tesouro de 50 livros nos quais ele escrevia, todos os dias, e tudo sobre as visitas

desse irmão, sabendo da verdade e do grande amor de nosso irmão por nós, durante alguns dias em visitas lemos várias das páginas escritas, nas quais conseguimos entender o verdadeiro conceito de amor, caridade e iluminação dos ensinamentos de Jesus e de Deus.

Não passou muito tempo a ordem abriu o abrigo a crianças órfãs. Nós recebíamos em nossos braços cada criança como se fossem filhos e cuidávamos deles com muito carinho e atenção, mas em nossa casa algo acontecia, e um amigo de nosso pai pediu que nos apressássemos e fôssemos lá.

Quando chegamos, nosso Pai estava acamado e pedia que nós orássemos por ele, pois sentia que seu tempo se esgotava. Realmente, após nossa oração, ele morria ali em nossa frente de uma espécie de doença degenerativa que o envelheceu muito mais rápido do que o normal. Todos entristecidos sepultamos nosso pai, e claro, o bom amigo “José Gaspar” se colocou à disposição para qualquer eventualidade.

Começa aqui, nesta fase existencial que passo a relatar, a mais difícil experiência que teve esta que voz fala. Na época achei impossível superar, mas hoje sei o quanto foi importante sofrer por Jesus, pelo Amor ao próximo e pela Verdade Divina.

É claro, queridos amigos, que na altura dos acontecimentos de nossa história seria desnecessário dizer que madame “Bason”, madame “Tollose” e madame “Gaspar” já haviam desencarnado, não nos ativemos em relatar suas respectivas desencarnações, porque os fatos espirituais que são de maior relevância serem relatados são do grupo que ainda se encontram na Terra.

Eu e minha irmã Joana íamos administrando com todo nosso amor e nossa fé o “Lar” de crianças que estava sob nossa responsabilidade. Sempre recebíamos visitas de membros importantes da “Igreja”. Mamãe, por sua vez, viúva, contava com o auxílio de nosso irmão “José Gaspar”.

Vivíamos todos muito bem, até que chegara a nosso lar uma criança muito doente, as feridas em seu corpo só espalhavam. Então percebemos que as mesmas feridas estavam passando para as outras crianças, então resolvemos isolá-las, em um total de 10.

Sem saber o que fazer, pedimos auxílio ao irmão José Gaspar, que, para nós era como se fosse um pai. Após as devidas autorizações da “Igreja”, José Gaspar examinou e tentou todo tipo de tratamento que conhecia, sem resultado. Todas as vezes que comparecia no “Lar” e não obtia resultado percebia olhares entre ele e Joana, mas nunca me atrevi a perguntar o porquê.

Em uma das noites, todos já acomodados para dormir, dirigi-me ao quarto de Joana e percebi que ela não estava. Procurei por todos os cantos e não a achei, faltava apenas o quarto de isolamento das crianças. Dirigi-me até lá, quando me deparei com a cena mais sublime de minha vida.

Minha irmã estava ajoelhada ao chão orando, ao lado da criança que chegara doente, pois era a mais fraca de todas. Após a oração ungiu suas mãos com água e passou pelo corpo da criança, que já se encontrava repleto de úlceras. Logo após, colocou suas mãos sobre a cabeça da criança e, como sem saber explicar, percebi uma luz que saía de suas mãos e ungiu a criança. Corri atordoada ao meu quarto e não falei nada sobre o que via a ninguém, fiz a minha oração e adormeci.

Ao levantar no dia anterior, nós duas falávamos sobre a busca de uma cura, nem que fosse Divina para essas crianças, talvez por isso Joana tenha feito isso.

Para minha surpresa, os dias se passaram, e Joana, todas as noites, ia ao isolamento e procedia da mesma maneira com todas as crianças, que ficaram curadas.

Após compartilhar da alegria dos pequenos que estavam bons, chamei Joana para uma conversa sobre o que havia visto, mas ela só soube dizer:

—“Chame o amigo José Gaspar, para nós conversarmos”.

E calou-se até que José Gaspar compareceu. No dia em que nós três conversamos, o irmão José Gaspar disse-me que Joana tinha um dom raro de curar pelo toque das mãos, e me deu muitas explicações que me convenceram, mas alertou:

—“É importante que a “Igreja” não saiba disso, principalmente os ‘Inquisidores’, que podem confundir as coisas e entenderem se tratar de ‘bruxaria’”.

Então perguntei:

—“Seria eu capaz de fazer o mesmo, José Gaspar?”

—“Sim – disse ele – mas no seu caso é necessário treino, se quiser lhe explico como fazer.”

E assim fizemos. Quando aprendi como “curar pelas mãos” percebi o quanto gratificante era, mas sentia que Joana tinha medo de realizar o procedimento quando necessário.

Claro que continuávamos a tratar as crianças pelos métodos convencionais que a ciência da medicina nos permitia na época, mas quando tínhamos casos insolúveis usávamos da Cura pelas mãos com Oração.

Tínhamos muita felicidade e amor no que fazíamos. Passaram-se alguns anos e recebemos a visita de Frei Felipe, que iria passar uns dias no “Lar” para realizar inspeções e averiguações.

Quando Frei Felipe chegou, Joana não se sentiu muito bem, pois antes de ser frei e Joana, antes de entrar para a ordem, Felipe a assediava muito e isso ficou marcado em seu coração.

Alguns dias se passaram e Frei Felipe já iria embora, quando caiu doente com febre altíssima. Chamamos imediatamente José Gaspar que já se tornara o médico da região.

José Gaspar fez o que pôde, mas tratava-se de uma infecção maligna; foi então que sugeri a Joana que fizéssemos o tratamento das “Mãos de oração” como passamos a chamá-lo. Joana por sua vez se recusou:

—“Não podemos, lembra do José Gaspar nos alertando?”

—“Mas ele está inconsciente”, – disse a ela.

Mas Joana foi firme em não fazer, no entanto o meu coração não permitia deixar aquela criatura sucumbir à morte, e realizei o procedimento.

Durante horas ajoelhada em oração percebia a força divina que minhas mãos transmitiam ao moribundo, mas o cansaço se abatia em mim e as lágrimas começaram a brotar dos meus olhos, não pela dor física, mas por ver o quanto eu era ineficiente e pequena perante o poder do sofrimento daquela criatura. Quando já pensava em desistir com toda a dor no meu coração, Joana se aproximou, me deu sua mão e juntas oramos a Jesus Nosso Senhor pedindo forças para auxiliar aquele irmão, e assim se fez, e conseguimos, unindo forças, salvar a vida de Frei Felipe; o que não sabíamos era que ele estava consciente e percebeu todas as nossas ações.

Após retomar suas forças, Frei Felipe, sem que percebêssemos conversou com as crianças, que sempre eram amáveis e sinceras, e soube das várias curas que realizávamos.

Mantido o seu tempo de vistoria despediu-se de nós como se nada soubesse e partiu em direção ao “Inquisitor” da região, que imediatamente se dirigiu ao nosso “Lar”, com denúncias de bruxaria e adoração de demônios.

Não demorou muito para obter informações sinceras das amáveis crianças, que foram todas mandadas a outro lar; algumas choravam compulsivamente a nossa ausência.

O “Inquisitor” ordenou que ficássemos detidas e trancadas em nossas “Selas”, como chamávamos os nossos quartos, até que fossem feitas averiguações.

A notícia chegou rapidamente a nossa mãe e irmão, que foram em busca de socorro na casa de Gaspar.

José Gaspar ficou muito preocupado, pois acontecera conosco o que temia. Encaminhou-se em direção a um baú que já se encontrava empoeirado de tanto que não era usado. Ao abri-lo, tirou de lá uma espada que era de seu pai.

Neste momento uma forte dor em seu peito o derrubou de joelhos. Sem saber o porquê, orou a Jesus, pedindo orientação; neste momento deslumbrou-se em sua frente a imagem do

amigo de noites de sono André Gaspar e, ao seu lado, uma senhora de olhar materno que falou:

—“Meu filho, no passado, defendeu o Cristianismo pela espada, e por isso carrega esta dor no seu peito; não cometa o mesmo erro. Jesus quer que lutemos pelo Amor e pela Paz, essas são as armas do Cristo”.

No mesmo instante José Gaspar largou à espada e, como um relâmpago, as ideias se aclamaram; se dirigiu a Rachelli e a José Bason e pediu que fossem para casa que e tentaria resolver.

José Gaspar usou de seus conhecimentos junto à corte, mas pouco conseguiu. A “Inquisição” era mais poderosa, no entanto, com a demora de três meses, que ficamos confinadas ao quarto, passamos ao menos receber comida saudável, pois por três meses comemos apenas pão que sempre era velho e mofado, alguns até com insetos e água, sempre suja.

Nossa mãe em sofrimento, e até com sentimento de culpa pelo nosso estado, definhava aos poucos. José, nosso irmão querido, tornara-se revoltado e sempre nervoso com tudo e todos, e o amigo José Gaspar, dia e noite tentava nos tirar das acusações pelos meios políticos.

Passaram-se seis meses, e finalmente a ordem e a decisão do “inquisitor” saíram e foram divulgadas em praça pública:

—“Condenadas como hereges e praticantes de bruxaria, Joana Tollose Bason e Anna Clara Tollose Bason são condenadas à prisão perpétua e serão julgadas por absolvição divina pela “Santa Inquisição”.

Todos ficaram apavorados, mas ao menos não tínhamos sido condenadas a fogueira como a maioria, mas a “Santa Inquisição” era cruel.

“Passado mau algum tempo, fomos mandadas ao primeiro interrogatório do “inquisitor”, e por sermos da ordem, tivemos primeiro que passar pelo constrangimento de sermos examinadas, por 7 Freiras, para confirmarem nossa virgindade.”

Logo após, no cruel interrogatório, entramos em uma sala cheia de aparelhos de tortura, o “inquisitor” só nos fez uma pergunta:

—“Vocês confessam os seus pecados?”

Nós não respondemos nada, ficamos em silêncio, pois sabíamos que se disséssemos “Sim”, iríamos para a fogueira.

No mesmo dia usaram ferrolhos que quebraram nossos dedos das mãos e todas as juntas de nossos braços, a dor era insuportável. Joana gritava muito, eu já tentava suportar em silêncio.

No primeiro julgamento, entramos andando, e faixas foram colocadas em nossas mãos e braços, nossa mãe, nosso irmão e José Gaspar não suportaram a visão e choraram.

De nada adiantou o julgamento, porque ele não existia, os “Inquisidores” já haviam julgado e nos condenado.

Voltamos a nossa sela, mas por pouco tempo, fomos transferidas, as duas com ferrolhos nos braços e nas pernas para as mais profundas masmorras que existiam. Lá ficamos à base de uma comida que parecia lavagem de porcos, e água suja e fedida, improvisamos um canto para as nossas necessidades e íamos vivendo, sempre em oração, confiando em Jesus, e lembrando do Seu martírio por nós.

Mamãe já se tornara depressiva e acamada por tudo isso. Passaram-se alguns anos, José Gaspar, incansável, tentava nos tirar da prisão, foi então que o “Inquisitor”, de tanto receber súplicas de políticos e nobres influentes, marcou um novo julgamento, mas como sempre acontecia, antes vinha o interrogatório.

Novamente torturadas, quebraram os nossos dedos dos pés e nossas pernas, não podíamos mais andar. Não satisfeitos, nos colocaram em espécie de “Roda” que, quando girava, passava nosso corpo, que estava desnudo, em uma bandeja com brasa.

Ficamos muito mal, já enfraquecidas por vivermos tanto tempo em um submundo e ainda mutiladas, não tínhamos forças para comparecer ao julgamento.

Fomos carregadas pelos carcereiros que, ao entrarem no salão, jogaram nossos corpos ao chão; nossa mãe não suportou a cena e desmaiou, sendo amparada por nosso irmão enquanto José Gaspar ajoelhou-se e em voz alta orou o “Pai-Nosso” a Jesus, sendo acompanhado pela multidão.

O “Inquisitor” com receio de uma incitação em massa colocou todos para fora e manteve a condenação.

Fomos colocadas mais uma vez na masmorra e sabíamos que era definitivo. Joana, em desespero, começou a gritar e não conseguia fazê-la parar, quando o carcereiro entrou e colocou em sua boca uma amordaça com pregos, que furaram sua boca e seu rosto. Quando a amordaça foi tirada tudo já estava infeccionado e Joana não falava mais.

Eu orava em voz alta, por nós duas, todos os dias e todas as noites; os germes e vermes começaram a tomar conta de nossos corpos, eu não sabia mais o que fazer. Há dias Joana se encontrava imóvel, só sabia que estava viva porque abria e fechava os olhos, fazíamos nossas necessidades onde estávamos mesmo, pois não conseguíamos mais nem nos arrastar até o canto que improvisamos como banheiro.

Joana entrou em silêncio e imobilidade total, éramos como puras feridas e infecções; achei que ela havia morrido, então orei com toda minha força que podia, e ouvi a voz de Joana, que começou a gritar novamente. Estando de olhos fechados não estava vendo o que acontecia, foi então que uma mão tocou meu ombro, abri os olhos e olhei, era uma mulher, linda, cheia de luz, achava que estava delirando, quando ela me falou:

—“Querida irmã, chamo você agora para a realidade da verdadeira vida; me chame de anjo, de alma , como quiser, estou e estive sempre aqui junto com vocês, não só eu como outros”.

Aí deslumbrou-se ao meu olhar um grupo, que só podia chamar de anjos, e continuou a mulher:

—“Prefiro que me chame de Lucrecia. Sempre estive ao lado de vocês, mas neste momento precisa ter muito amor, pois verá a cena mais dolorosa de sua vida”.

Aí voltei a ouvir os gritos de Joana, mas quando me virei para ela só vi o corpo estendido e todo doente, mas a voz continuava a gritar. Então Lucrecia mais uma vez tocou o meu ombro, e, ao ver o corpo de Joana que estava acuada em um canto gritando, aí Lucrecia falou mais uma vez:

— “Anna, Joana já saiu do corpo, mas sua alma ou seu espírito está assustado e apavorado, achando que ainda está viva e sentindo todas as dores físicas que sentia em corpo, pois viera a se desligar da matéria com muita revolta e isso complica a separação”.

Então perguntei:

—“Mas e eu, o que faço?”

Lucrecia com sua voz bondosa e amável disse-me:

—“Olhe para trás, minha irmã”.

Olhei e me deparei com meu corpo que já não tinha vida, e apavorada perguntei:

—“Então morri também? E agora, como vou ajudar Joana?”

E Lucrecia mais uma vez explicou:

—“Se estivesse no corpo é que não poderia fazer nada, mas agora que está fora do corpo podemos tentar algum auxílio a Joana. Se não funcionar, ela estará fadada a ficar aqui por muito tempo e nós irmos embora, siga a sua intuição e saberá o que fazer.

Entrei em oração. Com toda a fé do meu coração pedia a Jesus orientação do que fazer, e tentei por várias vezes fazer com que Joana nos visse ou ouvisse; foi então que Lucrecia me chamou:

—“Vamos, minha irmã, é hora de ir. Estarei aqui sempre com Joana, mas você terá de ir”.

Eu não suportava a ideia de me afastar de minha irmã, então mais uma vez entrei em oração:

—“Mãe Santíssima, que és Mãe de todos, peço a sua força, a sua iluminação para auxiliar a minha irmã”.

Ergui meus olhos aos céus e, no mesmo instante, uma Luz Rosada e radiante se fez por todos nós, e uma alma como anjo deixou em minhas mãos uma espécie de jarro, e pediu que derramasse aquele líquido cintilante sobre Joana. Assim o fiz. Neste momento, Joana se acalmou e conseguiu ao menos me ver, se levantou, me abraçou e desmaiou.

Imediatamente o grupo de amigos nos amparou, e quando nos distanciamos da masmorra ouvi grande estrondo. Olhei para trás e vi a prisão desabando pedra sobre pedra e soterrando todos os moribundos que li estavam e nossos corpos, funcionando assim como uma cova coletiva.

A notícia de nossa morte chegou a nossa casa. Nossa mãe, já doente, em consequência de tudo que ocorrera, ficou definitivamente de cama, ao lado, dia e noite, amparando e olhando por ela, o bom amigo José Gaspar que nutria um secreto amor por ela. José, nosso irmão, por sua vez, cuidava do sustento e de tudo para que o amigo Gaspar cuidasse da mãe.

Rachelli definiu seus últimos dias em sua cama, de mãos dadas a José Gaspar. Em seu último suspiro pediu a Gaspar que cuidasse do filho José e desencarnou.

A tristeza tomou conta do coração de José Gaspar. Após o sepultamento de Rachelli, já muito fraco, Gaspar pediu ao José que o levasse para casa e o acomodasse em uma cadeira confortável de frente a uma janela onde lhe dizia, todas as manhãs ver o sol nascer, e que José Bason fosse cuidar de tudo que precisava.

José Bason teve que fazer uma viagem à França, para resolver assuntos da família, só retornou após três meses, e encontrou Gaspar na mesma cadeira, fraco, quase sem comer e doente, percebendo que o amigo e quase pai se entregara à tristeza e iria morrer. Desesperou e ajoelhou ao lado de Gaspar, dizendo:

—“Pai, não me abandone, preciso de você, preciso de você”.

E chorou compulsivamente como criança e saiu.

No mesmo instante José Gaspar que não expressava e não esboçava nada há meses, deixou cair uma lágrima de seus olhos.

Como disse a vocês no início do relato desses fatos, foi a encarnação mais difícil para mim e para o grupo que me acompanhou, mas ao mesmo tempo, foi para mim, a libertação da

materialidade. E isto não significa que não vou reencarnar mais, e sim não ser necessário, para que continue o meu processo evolutivo.

O nosso Irmão José Gaspar, emocionado com as palavras daquele que considerava um filho, cerraram os punhos e os olhos, e firmando o seu pensamento, usando de suas últimas forças orou a Jesus:

—“Senhor, sei que não sou digno de seu perdão, nem do Seu amor, pois te abandonei, mas te peço: não me abandones. Se por meu merecimento não possa me reativar as forças, faça por José, que ficará sós se este for meu fim. Peço-te perdão pelos erros cometidos, sei que fui fraco, e quando perdi pessoas tão amadas, me entreguei ao desânimo e a depressão, aguardando a morte, para, talvez morrendo, reencontrar almas tão amadas. Mas agora vejo que estava errado e te peço perdão, e uma nova chance”.

No momento em que José Gaspar terminou sua prece, abriu os olhos, e com a visão ofuscada aos poucos enxergou em sua frente, com os da carne, o amigo André Gaspar e Irmã Lucíola, que já sabia ser seu anjo protetor, por causa das visitas noturnas do amigo André.

Os dois estavam com suas mãos estendidas sobre ele, e de suas mãos saíam energias como luz, e logo, José Gaspar lembrou-se de Anna e Joana e das Mãos de oração.

Aos poucos suas forças foram voltando e, quando já se sentia forte para levantar, “André” e “Lucíola” se despediram com um suave sorriso.

Saindo do breve transe, José Gaspar fez alguns movimentos e se levantou com dificuldades. As feridas já se instalavam em suas costas e pernas, mas com toda a força de sua alma, se apoiando “ali e aqui”, o nosso Irmão conseguiu chegar até José de Bason, que, ao vê-lo, o abraçou e agradeceu em voz alta:

—“Obrigado, Jesus, obrigado!”

José de Bason, desejando que o velho amigo, como um pai, se restabelecesse também estava a orar.

Após os cuidados iniciais tomados, José Gaspar perguntou;

— “Onde anda Fernand?”

José de Bason não sabia o que dizer, pois o tio havia sumido desde a morte de sua mãe, e resolveu dizer a verdade:

— “Não sei onde está meu tio, desde a morte de mamãe ele sumiu”.

José Gaspar ficou pensativo e, após alguns minutos, disse algumas palavras que confortaram o coração do rapaz:

—“Não se preocupe, Fernand é uma boa alma, deve estar procurando respostas como eu, para tudo o que aconteceu”.

Após a recuperação total de suas forças físicas, José Gaspar, apesar da idade avançada, se tornou um homem vigoroso e cheio de energia, retornou aos trabalhos junto ao que considerava um filho José de Bason, e o tratamento Pai e Filho tornou-se normal entre eles.

Em um dia, inspirado, José Gaspar, chamou o filho e lhe disse o que fariam a partir dali:

—“Meu filho, pararemos com todos os trabalhos que estamos realizando; iremos dedicar todo nosso tempo na construção do primeiro Centro Hospitalar, (como diríamos nos dias de hoje), deste local em que vivemos, e iremos tratar nobres e pobres, a todos que nos procurarem.

José de Bason ficou maravilhado com as ideias e propostas do “Pai”, e assim tudo foi feito.

A população, principalmente as mais pobres, ficou agradecida e os trabalhos só cresciam com o tempo, mas José Gaspar tinha um segredo: Todos os pacientes atendidos, além dos tratamentos medicinais, recebiam o tratamento das “Mãos de oração”, só que José Gaspar, astuto e inteligente não contava a ninguém e não deixava transparecer, para que seu destino não fosse traçado, como o das amadas filhas que defenderam o nome e a honra de Jesus até o fim.

Passaram alguns anos e, para surpresa dos dois, em um belo dia de sol aparece em sua porta um Frei que dizia ser Frei Gaspar, de barba e com túnica maltrapilha, não reconheceram, mas se tratava de Fernand.

Após as apresentações, José Gaspar o interpelou:

—“Como pode se juntar àqueles que mataram sua família, seu sangue”.

Fernand, entristecido, foi logo explicando:

— “José, muitas vezes, para conhecer o inimigo tem que se juntar a ele. Nesses anos descobriu que dentro da “Santa Igreja”, tem homens bons e ruins, e que a causa verdadeira de Deus e Jesus ainda estão enraizadas nos corações de bondade. Portanto, após ter descoberto tudo isso, volto ao seio familiar, primeiro como desertor da “Igreja”, que ainda pratica mortes indiscriminadamente, e segundo, para pedir perdão ao que restou do grupo familiar, perdão pelos erros e pelos acertos também, pois hoje sei que muitas coisas que são certas para nós podem não ser para outros. Se vocês puderem me perdoar e me receber de volta eu agradeço.

Um abraço fraterno foi dado pelos dois irmãos, e logo Fernand se juntou a eles no trabalho de auxílio aos mais necessitados.

Passado algum tempo, José Gaspar percebeu que Fernand não estava bem e o chamou para conversar em particular, neste momento Fernand revelou:

—“José, caro amigo, eu o tenho como um irmão. Há muito contraí uma doença que nenhum “Frei” bom e amigo conseguiu curar. Já tentei de tudo, ela vem como uma febre intensa e aos poucos este me enfraquecendo, não sei o que fazer.

“José Gaspar deu alguma orientação e disse que faria de tudo para descobrir como ajudá-lo.”

Deste dia em diante, José Gaspar dedicou sua existência à busca de uma solução para Fernand.

“Fernand, por sua vez, se dedicava intensamente aos enfermos, limava os acamados e cuidava de toda a limpeza e organização do “Hospital”.

Para a surpresa de todos, uma jovem moça deu entrada na “Casa” ou “Hospital”, com os mesmos sintomas de Fernand, o que fez com que José Gaspar se dedicasse mais ainda na busca da cura. Claro que José Gaspar, sempre, todos os dias, realizava nos dois a seção de “Mãos de oração”, mas não estava resolvendo muito, pois a doença enfraquecia cada vez mais os dois que já estavam isolados dos outros.

“Fernand, já não suportando mais a alta febre e fraqueza, chamou José Gaspar, que o atendeu prontamente.

—“Caro amigo, creio que minha hora é chegada. Já até sonhei com minha irmã Rachelli vindo me buscar. Desejo-lhe toda sorte na busca da cura deste mal, pois esta jovem é que precisa, ainda tem muito que viver. Só peço a Jesus que me perdoe pelo mal que cometi a Rebecca, e que eu possa ser recebido nos céus com amor por todos.

Mas José Gaspar não aceitou:

—“Não, meu amigo, espere mais um pouco, estou quase lá, não vá!

E abraçando o amigo, sentiu a vida deste esvaindo em suas mãos.

Transtornado, achando ter fracassado, chamou o filho e pediu que cuidasse do corpo do tio. Trancou-se no escritório e só saiu dali três dias depois, sem comer e nem beber nada. Ao encontrar o filho com os olhos esbugalhados, pediu que este fosse à plantação de ervas e trouxesse uma em especial que poderíamos dizer, como se fosse hoje, “arnica” e uma leiteira com leite de cabra, mandou que tudo fosse colocado em fervura e dado três vezes ao dia à moça.

Após as ordens, José Gaspar se refez do exaustivo trabalho, e após sete dias a moça já se restabelecia, para José Gaspar e o filho uma grande satisfação e alegria, mas ao mesmo tempo, uma tristeza, pelo tio e amigo que pode esperar.

Tudo ia bem. José Gaspar já tinha 105 anos, quando, socorrendo um garoto, que morava próximo da vizinhança, correu ao Hospital com a criança no colo, entregou-a ao filho, o mesmo foi ter os cuidados necessários ao menino. Quando retornou encontrou o pai em sua velha cadeira sentado. Já sem respirar, tinha-se ido José Gaspar, mas deixado um legado, que se representou com um breve sorriso em seu rosto moribundo.

José de Bason, agora sim já homem formado e sério, entendeu que a hora do Pai e amigo tinha chegado.

Enquanto José de Bason ia tomando as providências referentes ao corpo do Pai, na visão espiritual José Gaspar era amparado pelo amigo André e Irmã Lucíola, sob a liderança de Irmão Jerônimo.

Meus Irmãos, é claro que o último remanescente deste grupo na época em que relatamos também teve sua hora de partida, o bom amigo José de Bason desencarnou aos 90 anos, deixando o Centro Hospitalar aos cuidados dos filhos que eram dois, um casal, mas antes batizou o centro como: “Centro de Saúde Gaspar de Bason – Aqui se faz vida e amor”.

O nosso irmão José Gaspar, protagonista de nossa história, juntamente com Rachelli, estava neste momento vivendo suas vidas na espiritualidade.

Rachelli que desencarnou primeiro já tinha consciência de suas reencarnações e resolvera adotar o nome de Dinorá e, além disso, não se encontrava na mesma cidade espiritual que José Gaspar, o Solar das Aves, pois, por motivos reencarnacionistas, escolhera um caminho pelo qual não poderiam se encontrar por um tempo.

No Solar das aves, José Gaspar já recobrava algumas vezes a consciência, e aos poucos foi acordando. Após acordar do merecido sono de desligamento do corpo físico, José Gaspar, foi se lembrando de suas outras tantas vidas, e se aproximando dele o irmão Jerônimo, já foi se expressando:

—Irmão Jerônimo, há quanto tempo. Quando começo a trabalhar!

Irmão Jerônimo, com o bom e prazeroso sorriso, disse-lhe:

—Vejo que o bom amigo já está bem. Então, faça-lhe a pergunta que faço a todos que chegam, por qual nome que ser chamado?

E José Gaspar respondeu com toda a firmeza que lhe era peculiar:

—João.

E assim foi feito. João, muito mais rápido que outros, já se pôs a trabalhar na cidade Solar das Aves, e sempre no auxílio médico aos irmãos, inclusive no recebimento do amigo e irmão José de Bason, que precisou de cuidados especiais, e quando acordou, João lhe fez a

mesma pergunta que Irmão Jerônimo lhe fizera e este, com todo carinho e com um abraço respondeu-lhe:

—João, é claro que quero que me chamem de Jesiel.

Todos trabalhávamos no Solar das Aves, menos Fernand que fora Felipe e Dinorá, por motivos evolutivos e reencarnacionistas.

Passado um bom tempo, Irmão Jerônimo me procurou e me disse:

—Irmã Anna Clara, precisamos que vá residir e trabalhar em outra cidade, sua capacidade, principalmente com espíritos que desencarnam como crianças é muito grande e se faz necessária em outro local, aceita ir?

É claro que aceitei, pois todos somos servos de Jesus e de Deus, não podemos negar auxílio nunca, a despedida principalmente de minha irmã Joana foi dolorosa mas, ao mesmo tempo, regada de grandes emoções.

Nossos destinos aos poucos foram sendo traçados, mas após um grande tempo, irmão Jerônimo chamou João, para uma conversa muito séria:

—“João, meu amigo, lembra de sua última reencarnação, que escreveu e deixou ao seu filho, que era seu irmão como sabes, pois bem os 100 livros, foram guardados e lacrados em caixa fortes e enterrados bem próximos ao local onde foram soterrados os corpos de Anna e Joanna. Conto-lhe isto pois, para tudo existe um desígnio Divino, e esta informação em algum tempo lhe será útil. Pois bem, além desta informação, me foi autorizado a lhe fazer uma proposta, inevitavelmente todos reencarnamos, como sabes, portanto já se aproxima o seu dia, no entanto, por causa dos seus conhecimentos e trabalhos na terra e no céu, lhe foi concedido a escolha. Pode reencarnar como homem comum, ter família e tudo mais, porém, aproxima-se o dia em que as terras sob as quais estamos serão conhecidas pelo mundo, a Anjo Ismael, já recruta espíritos que irão para terra com esta missão, e me foi dada a missão de angariar almas que possam auxiliar estas criaturas na Terra, como você já teve no passado uma experiência com os nativos destas terras, e no decorrer das existências se nutriu de conhecimentos no campo das ciências, lhe faço uma proposta: que reencarne como homem comum, ou com uma missão a cumprir em nome de Deus e Jesus.

João não pensou nenhum momento:

—Claro que com a missão, meu irmão, pois as ordens de Deus e do Cristo sempre em primeiro lugar. Sinto em meu coração que, se reencarnasse como homem comum, viveria um grande amor com aquela que escolhi Dinorá, mas o trabalho Divino deve ser primeiro.

Irmão Jerônimo extremamente feliz com a decisão do amigo, disse-lhe:

—Meu irmão, tenho a certeza de que não se arrependerá; continue seu trabalho e, em breve, lhe chamarei para sua volta à terra.

Damos início à última das existências que poderemos relatar deste grupo de amigos e irmãos, portanto, mais uma vez alerto que todos carinhosamente acompanhem esta história, aprendam com ela, cresçam com ela e, acima de tudo, absorvam os ensinamentos que estão sendo colocados em cada ato relatado.

CAPÍTULO 5

O DESCOBRIMENTO

As vidas sucessivas dos irmãos de Jornada que aqui relatamos, são exemplos para todos nós de que a Lei da Reencarnação é a Lei de causa e efeito.

Vivíamos todos, cada um em seu lugar de origem, muito bem, cada um cumprindo suas tarefas com dedicação e amor.

Irmão Jerônimo, após um tempo, manda chamar João ao prédio central da cidade “Solar das Aves” para uma reunião.

Ao chegar, o amigo João se emociona, pois se tratava de uma reunião de bons e velhos amigos.

Estavam presentes André Gaspar, o amigo e irmão inseparável, Irmã Lucíola e Irmão Dionizio, pais dedicados de sempre, eu — Anna Clara —, Joana e Jesiel, Gilbert, Fernand e Dinorá.

Todos estavam ali para saudar o amigo e, além disso, desejar-lhe boa sorte e boas vibrações na nova missão na Terra.

Vários foram os abraços e muitas foram as conversas regadas de bons conselhos. Aos poucos Dinorá se afasta do grupo. João, por sua vez, a procura e, ao encontrá-la, já se pronuncia:

—Dinorá, porque Irmão Jerônimo já me disse há muito tempo que poderemos estar juntos nesta próxima encarnação?

Dinorá, calma e tranquila, porém com um triste olhar, falou para João o que ocorria, mas ele não quis entender:

—João, sabe que o sentimento que temos um pelo outro transcende o corpo e a vida Terrena, porém, para que eu possa ter o privilégio de estar ao seu lado na vida terrena, um dia necessito acertar algumas coisas que marcaram meu espírito em existências passadas.

Não se preocupe. Deus e Jesus nos amam, e se fizermos por merecer estaremos juntos em breve.

E com um leve sorriso, Dinorá partiu, deixando um beijo carinhoso no rosto de João, o mesmo não compreendeu o tamanho da importância das palavras de sua amada e guardou em seu coração um sentimento estranho, que lhe incomodava.

O tempo se passou, e o Irmão Jerônimo procurou João mais uma vez com uma notícia e determinações importantes:

—João, meu amigo, venha comigo, já começam os preparativos de sua descida à Terra. Vamos agora visitar o lar e o país onde irá nascer.

Fazendo a viagem espiritual, Irmão Jerônimo e João se encontram em uma sala da casa de sobrenome Faraz, de origem e crença Judaica. João, sem entender muito bem o que fazia ali, esperou atentamente, que Irmão Jerônimo se pronunciou:

—João, esses serão seus pais. Dentro de 9 meses nascerá aqui neste lar; hoje começa a sua ligação ao jeito que começa a crescer no ventre da boa mãe que aqui vês. Como se trata de uma encarnação missionária, teremos que acompanhar tudo de perto, e peço que aumente o máximo possível a sua percepção sensorial para que possa reconhecer os irmãos que aqui se encontram.

João assim o fez, e aos poucos percebeu que ali estavam o pai e a mãe que outrora o abandonaram à sorte, quando em uma reencarnação se chamava Jeremias.

Ficando surpreso, mas já lhe havia tirado o dom da fala, pois a ligação com o corpo da criança já começara, João apenas pensou e Irmão Jerônimo o orientou:

—Caro amigo, além da missão espiritual que tens para com o mundo, também conseguimos que seu desejo interior de perdoar essas duas criaturas se concretizasse, portanto seja firme, e fiel, e nada lhe faltará.

Se distanciando, Irmão Jerônimo deixou ordens e determinações a alguns Irmãos Espirituais de Luz que ali ficaram para acompanhar o Espírito de João até o nascimento da criança, e João por sua vez, adormeceu para que seu espírito pudesse se adequar à nova vida.

Enquanto tudo ia andando bem com a nova encarnação de João, vamos voltar no tempo em que tudo isso acontecia — 1455 — para o ano de 1450.

Em um pequeno e gélido vilarejo Russo, da Rússia Medieval, casa muito pobre, nascia uma menina que seus pais lhe deram o nome de Yeva que significa vida, pois a criança enchia de vida e amor a existência do bons pais, a criança nasceu com saúde, porém os pais tinham muitas preocupações pois, pobres demais, não conseguiam alimentar bem a criança, quando comiam melhor era alguma caça que o pai de Yeva trazia para casa. Com

dificuldades, mas com muito amor Yeva chega aos seus 5 anos de idade, trazendo paz e amor aos seus bons pais.

E aí, meus irmãos, voltamos à casa dos Faraz, que se localizava na Galícia, Espanha, fazendo fronteira com Portugal. Madame Faraz, dá à luz seu primogênito, um menino sadio, que iluminou suas vidas, ao qual lhe deram o nome de Joham Faraz, todos felizes festejaram a chegada do menino Joham.

Desde pequeno seus pais, que tinham certa posse, educaram e trataram o menino com o de melhor. Com 6 para 7 anos o menino já começava seus estudos e parecia dedicado nos primeiros traços de estudo.

E quando nos dirigimos à Rússia que na era medieval, passava por dificuldade, Yeva, já com seus 13 para 14 anos, teve o ensino que pode por meio da boa mãe que guardava alguns livros velhos herdados dos falecidos pais, mas, para a surpresa do pai dedicado, em uma bela noite, quando chegava da caça, deparou-se com a menina debruçada sobre um pedaço de pano branco, esticado a duas madeiras, onde desenhara com perfeição de traços a mãe fazendo o alimento no fogão improvisado com lenha, a cena o contagiou o coração e com todo o amor que tinha pela filha, que seria a única, começou a nutrir a criança com panos, couros e até papel, para que pudesse desenhar o que fez com perfeição até seus 18 anos.

Voltamos então à Galícia, onde encontramos o jovem Joham em seus 13 anos. Já estudava e supria sua mente com conhecimentos sozinhos, e vivia um drama, o pai que antes era companheiro e o entronizou nos estudos e agora se entregava ao vício de álcool, e não era mais presente.

Aos 15 anos, já com grande cultura e estudo científico entronizados em sua mente, Joham viveu seu maior drama junto ao pai. Ele chegou, como sempre, em casa, alcoolizado e em meio uma grande discussão com a senhora Faraz acerta-a violentamente, Joham que já tinha 3 irmãos menores, tomou a frente de sua mãe e se pôs entre ela e o pai. O pai, enfurecido, sacou um punhal da bainha e colocou na garganta do menino, que fechou os olhos e apenas pronunciou:

—Se for a vontade de Deus, que assim seja.

O pai, sem saber o que fazer, largou o punhal e correu, só aparecendo dois dias depois como se nada houvesse acontecido. Joham, por sua vez, ficou calado guardando a mágoa em seu coração, do pai, que quase se tornou assassino, não pronunciando a ele mais nenhuma palavra.

O tempo passou e Joham, já com 18 anos, muito bem letrado e estudado, já fazia alguns mapas de posicionamento de estrela, e já usava de toda a ciência aprendida para fazer precisão de marés e colheitas.

No entanto, recebe uma notícia de que o pai havia sido assassinado em uma taberna da cidade, e corre para socorrê-lo, porém tarde de mais. O pai de Joham havia morrido e nem sabia como diria isso à mãe que estava grávida de seu 4º irmão.

Tudo feito para o sepultamento do pai, sr. Faraz, a mãe de Joham, sabia que o filho mais velho cuidaria de tudo, e foi o que Joham fez, assumiu as responsabilidades de patriarca da família.

Voltando à Rússia, vemos a jovem Yeva já trabalhando para ajudar o pai. Em feira de pobre cidade, se sustentava em um canto e oferecia fazer retratos das pessoas, com as hábeis mãos que tinha, sua fama começou a se propagar.

Em ocasião propícia encontrava-se no vilarejo, um dos grandes mestres da arte da época, o “grande Dionísio”, pintor e escultor de grande nome na realeza russa, sempre viajava a vários cantos do país em busca de inspiração; o dono da estalagem falou a Dionísio sobre Yeva, e este foi conferir o trabalho da jovem.

Ao chegar, ficou espantado com a perfeição dos traços, mas infelizmente vinha de uma mulher, o que não era bem visto na sociedade da época, no entanto Dionísio disse à jovem:

—Creio que seu dom não é desta vida, no entanto precisas aperfeiçoar-te. Convido-lhe a ser minha aprendiz e assistente, pois tenho grandes trabalhos a realizar pelo país, inclusive, pintar o teto da gremile russo em Moscou. Se queres, venha, me leve a seus pais; além de aprender lhe darei pagamento por todo trabalho que realizar.

E assim feito, e Yeva passou a aprender e auxiliar Dionísio em suas obras.

Voltando à Galícia, Joham e seus irmãos cuidavam da velha mãe, mas muitos acontecimentos os preocupavam, o principal era um acordo entre o rei de Portugal e o rei da Espanha, de exigir que todos os judeus se convertessem ao Cristianismo.

Joham tentou de várias formas fugir disso, pois acreditava que o Judaísmo era o mais correto, no entanto, sabendo que todos os que se recusavam a fazer isso eram expulsos do país, aceitou a conversão, junto com a conversão vinha um novo batismo e um novo nome, família Faraz passava a ser de Paz, e Joham passava a se chamar “João de Paz”, assim como os nomes de sua mãe e de seus irmãos mudaram também.

Após ser batizado novamente, mas como Cristão, um cientista, poderíamos chamar de arqueólogo ou antropólogo, de nome Bartolomeu, fazia escavações próximas à Galícia e ouvia falar do cientista e estudioso Joham Faraz, e mandou o seu contratador procurá-lo.

O contratador chegou ao local onde Joham e sua família morava, e por meio de indicações chegou a Joham.

Ao chegar, se identificou, mas Joham, com receio de ser um perseguidor de judeus, logo se adiantou.

—ou o homem errado. Meu nome é ‘João de Paz’.

O contratador, homem inteligente, se identificou e disse que Bartolomeu contava com esse Joham para o prosseguimento das escavações que fazia.

João, vendo que se abria ali talvez um trabalho científico de importância se identificou corretamente e partiu para o sítio arqueológico.

Chegando lá viu tratar-se de um convento que havia sido transformado em “Lar de crianças” séculos atrás, o que empolgou “Bartolomeu”, as escavações continuaram, sob a observação e condução de João, logo encontraram o primeiro objetivo de importância, uma caixa de ferro bem enferrujado, porém resistente ao tempo, e, ao abri-la, João se deparou com 100 livros que, só de tocá-los, de qualquer maneira se desfaziam, mas pode pegar um nome no primeiro livro que pegou José Gaspar, aquele nome tocou seu coração de maneira estranha, pegou o artefato e levou ao Bartolomeu que não se interessou por ele e deu a João, Bartolomeu buscava traços de corpos que poderiam ter participado a “Santa inquisição” séculos passados.

João pediu a Bartolomeu que o dispensava-se do compromisso, pois já fazia 2 anos que não ia para casa, e só se comunicava por cartas com a mãe e irmãos. Bartolomeu concordando dispensou João que correu para sua casa.

Chegando a sua casa, encontrou sua mãe já muito doente, lutou com todos as suas forças para salvá-la, mas ela além de doente se encontrava depressiva desde a morte do marido e veio a falecer.

Após todas as providências, João reuniu os seus irmãos, e disse que reuniriam para Portugal, mais precisamente em Lisboa, onde instaurariam residência e João começaria clinicar, pois além de Astrólogo, Navegador era extremamente experiente na Ciência de cirurgião.

Aos poucos João de Paz começou a trabalhar, e a nobreza portuguesa a perguntar sobre o seu consultório, até que, para sua surpresa, fora convidado a ser cientista médico e cirurgião do rei de Portugal.

João, nosso querido Irmão, juntando sua inteligência e direção, cada vez mais crescia no conceito da nobreza portuguesa, após a morte de sua mãe, sentindo-se mais responsável ainda pelos seus irmãos, dedicou-se com mais afinco em seu trabalho.

Para sua surpresa, recebeu uma carta do bom amigo Bartolomeu, que dizia ter encontrado ossadas de duas mulheres que possivelmente teriam sido torturadas e presas pela inquisição, mas necessitava de informações adicionais, que comprovassem os fatos e a necessidade dos artefatos arqueológicos. João lembrou-se logo dos diários de José Gaspar, e os lendo sempre, lembrou-se de uma citação, de duas mulheres que José Gaspar tinha como filhas. Encontrando as páginas certas que inclusive haviam sido assinadas por José Gaspar, João as enviou ao amigo Bartolomeu.

Bartolomeu, ao receber os documentos, ficou chocado por saber que as duas criaturas das quais encontrara os ossos eram as duas Freiras ou Madres, e se perguntava: O que teriam feito para merecer isso?, e logo lendo as velhas páginas deixadas por José Gaspar, percebeu que elas haviam sido assassinadas injustamente. Rumou imediatamente ao rei da Espanha com os fatos, e ele o direcionou ao Bispo que tomou posse de todas as descobertas e disse ir tomar providência junto a “Santa Igreja”.

João, sempre pensava em Bartolomeu e, passado alguns meses, recebeu uma carta do contratador de Bartolomeu, que dizia que Bartolomeu havia morrido, provavelmente envenenado.

João, inteligente e sábio, logicou que isso acontecera para acobertar a descoberta de Bartolomeu. Orou por ele, e já pensou logo que todas as provas da existência do crime haviam sido destruídas, pois sua convivência com o rei lhe dava motivos de saber que a Igreja jamais admitiria assassinato.

Em outro canto da Europa, Dionísio, que já era chamado de Dionísio o sábio, começava seu maior trabalho, as paredes e cúpula da catedral do Kremlin Russo, em Moscou. Junto a ele a sempre dedicada aluna e assistente Yeva, que a cada dia crescia em seus conceitos artísticos, e também em seus ganhos financeiros.

Uma parte do que ganhava, Yeva mandava aos seus pais, outra ela guardava pensando no futuro, e outro Yeva adquiria materiais para realizar suas próprias obras, em segredo em seu quarto.

Um tempo passado, já com a obra de Dionísio em andamento, outro assistente observou no entre abrir da porta do quarto de Yeva, algumas obras de arte, com ciúmes da mais requisitada auxiliar do mestre, denunciou-a a Dionísio, e este sempre dono de si dirigiu-se ao quarto de Yeva. Ao adentrar deparou-se com suas obras. Olhou atento cada uma com serenidade e respeito e com uma rompante de ira usou de sua bengala, que sempre usava, e destruiu-as todas, mandando os empregados juntar os restos e queimar.

Após o rompante de ira, Dionísio se dirigiu a Yeva. Ele disse, talvez, as mais duras palavras que já ouvira:

—Yeva, te tirei da miséria e te formei artista, porém me devolva o favor, realizando obras tão indignas e desfavoráveis a arte, um lixo por bem dizer, que minha vontade é te mandar embora, no entanto, vejo em você um grande potencial, e lhe darei uma nova chance, mas que este escândalo, um verdadeiro assassinato a arte não aconteça mais.

Yeva, em prantos, se controlou e concordou com o mestre continuando seu trabalho junto a ele e seus estudos sem reagir e sem falar.

João, na corte portuguesa, cada vez mais tornava-se o preferido do rei, a ponto de nenhum outro médico cirurgião tocar vossa majestade.

João tornara-se Astrólogo, Navegador, Físico (o Fisiologista de hoje) e Médico Cirurgião Real. Um cargo de tamanha importância que, João, sabendo de sua grande responsabilidade desenvolveu um novo instrumento que juntamente com o Astrolábio, instrumento inventado pelos gregos na Antiguidade, teve como traçar rotas com longitude e latitudes de enorme precisão, começando assim as desbravadoras embarcações de Portugal terem maior sucesso nos descobrimentos de novas terras.

No ano de 1498, João fora ordenado pelo seu rei a acompanhar uma esquadria sob o comando de nobre navegador, que chegou até, o que chamamos, de Ilha de Noronha, retornando ao reino com grandes novidades. Nesta época, João passou a se chamar de Mestre João.

Mestre João, trouxe ao rei de Portugal, valiosas informações junto ao seu comandante, que dizia muito mais terras existirem para descobrir.

O rei, por sua vez, ordenou a seu maior comandante, Cabral, que formasse a maior esquadria possível e que colocaria à sua disposição o seu maior e melhor cientista, Mestre João, no comando da navegação, Astrologia e recursos de medicina aos tripulantes e comandantes.

E assim foi feito. Uma esquadria de vários barcos e com contingente mínimo de 1500 homens estava sendo formada para o descobrimento de novas terras além-mar.

Mestre João, sentia em seu coração que seria esta a missão mais importante de sua existência, preocupado como sempre foi, tratou de deixar todos os irmãos em boa situação, e um deles, o mais próximo, lhe perguntou:

—“Irmão, sabemos o quanto são perigosas essas viagens, e tu não pretendes se casar, ter filhos, deixar herdeiros, e não voltarás?”

Mestre João ficou pensativo sobre o assunto, lembrou-se da vida do que já considerava amigo José Gaspar, que não se casou, e acabou adotando filhos de uma mulher que pôde lhe corresponder o amor.

O Mestre João, adormeceu pensando nisso e teve o que ele chamou de sonho, naquela noite. Sonhou que, sentado em sua cama, estudando como sempre, bateram em sua porta, ao abri-la, anunciou-se uma senhora de nome “Lucíola”, que disse a eles que os filhos queriam lhe falar.

Mestre João, no sonho, achou estar louco ou a mulher louca, então mandou que ela buscasse os filhos, e esta saiu e retornou com dois jovens, uma moça e um rapaz. Os mesmos foram logo lhe abrando e dizendo:

—“Papai, precisamos vir para Portugal, traga-nos para cá. Por favor, não nos abandone, queremos estar com você.”

No sonho, mestre João põe todos para fora, e acorda, na vida real e palpável não sabe o que pensar, mas o nome da mulher o intrigou, já ouvira e tinha visto ele.

Aquele nome martelou a cabeça de mestre João por dias, até que ele se lembrou, que havia visto o nome nos diários de José Gaspar. Relendo os trechos, Mestre João entendeu que poderia ser o mesmo “Anjo”, como ele chamava os espíritos que apareceram para José Gaspar.

Ficando intrigado com o assunto. Como sempre fazia nas encruzilhadas da vida, Mestre João orou a Jesus e pediu orientações.

Uma mulher da corte, de nome Catarina, sempre se encantou por Mestre João, e este lhe deu atenção e a mulher se declarou apaixonada por ele. Mestre João não esboçou nenhuma reação e disse o que sentia:

— “Catarina, quero terminar esta existência cumprindo bem a minha missão. Aproxima-se uma grande viagem que não sei se volto, portanto não posso corresponder-te à sua paixão. No entanto sinto vontade e necessidade de deixar um legado e uma geração, mas não posso lhe pedir isso.

Mas a mulher encantou-se mais ainda com a honestidade de Mestre João e disse aceitar, sem mesmo documentações ser mãe de seus filhos.

Mestre João não sabia o que dizer, pois pouco tempo lhe separava da viagem tão importante quando em um encontro na casa de Catarina esta o seduziu e tiveram uma noite juntos.

Mestre João, ao amanhecer, sem saber o que falar, simplesmente saiu deixando um bilhete, pedindo desculpas por ter fraquejado em sua conduta.

Na mesma época, na Rússia, chegava ao fim a grande obra de Dionísio, o sábio, que juntamente com Yeva foram parabenizados por todas as grandes autoridades russas pela obra entregue.

Dionísio tinha outras obras a entregar e Yeva sempre acompanhava o já velho homem que lhe ensinara muito.

Mestre João, por sua vez, ficava cada vez mais ansioso com a chegada do dia da partida. Em cada embarcação ele havia preparado dois assistentes, que ficariam responsáveis pelo bem-estar e saúde dos tripulantes, pois Mestre João iria na embarcação principal, junto do comandante Cabral. Tudo estava pronto, rotas traçadas com o novo e sofisticado aparelho que Mestre João havia inventado, o rei dava a ordem de partida.

No dia em que iam partir de Portugal, Mestre João recebeu a visita de Catarina, que lhe disse esperar um filho de mestre João. Ele ficou emocionado, mas não havia tempo para ter com ela, pediu ao seu irmão mais chegado que tomasse conta de tudo e, ao se despedir de Catarina com breve beijo no rosto, fez-lhe um pedido:

—“Catarina, não verei esta criança nascer, mas, se puder, me conceda um desejo: se for menino coloque o nome de Jesiel e, se for menina, Joana.

Catarina apenas acenou com a cabeça sim, e Mestre João partiu, o que ela não sabia era que esses nomes Mestre João havia escutado em seu sonho, portanto, ele acreditou ser verdade os fatos ocorridos.

Finalmente, a grande esquadria de Cabral, partia para desbravar e descobrir novas Terras ao Rei de Portugal. Mestre João, ao som das primeiras águas batendo no casco do navio, em seus aposentos orou a Jesus pedindo proteção.

Meus queridos Irmãos, entramos em momentos na história de nosso Irmão João, que historiadores já relataram muitas coisas, mas muito poucas sobre Mestre João que se perdeu no tempo.

Portanto, aqui traremos os fatos e a história de nosso Irmão João no campo material e espiritual, não nos ateremos a falar ou tratar profundamente de nomes e histórias já conhecidas pelo homem comum, que pouco soube da existência Mestre João.

Muitos são os acontecimentos que ocorreram junto a nossos irmãos João e Yeva, mas no momento iremos nos ater a João que finalmente dava início ao cumprimento de sua missão. como havia lhe dito irmão Jerônimo antes de reencarnar o amigo João.

A esquadria de Cabral transpunha os mares, junto a seus comandantes e experientes navegadores de Mestre João. Mestre João, muito sábio, orientou nobremente os seus assessores, que iam nas embarcações adjacentes, todos bem orientados colocavam a saúde e o bem-estar dos tripulantes em primeiro lugar, tanto que Mestre João, apenas de saber dos métodos de comunicação entre as embarcações e usá-las, montou um sistema de auxílio com a comunicação entre seus pupilos, deu a cada um deles, eram dois, em cada embarcação um espelho, e todos os dias, ao amanhecer, usavam a luz como reflexo, um reflexo, estava tudo bem, dois estava tudo bem com alguns problemas sob controle, três significava que necessitavam da presença do Mestre na embarcação. Assim foi feito, nos dias nublados e chuvosos, comuns em alto mar, Mestre João, usava dos métodos convencionais, para se comunicar.

Mestre João adotou este método não só para ter o seu meio particular de comunicação com seus pupilos, mas também para saber se o bem-estar físico e mental destes estava em ordem.

Isto funcionou tão bem que Mestre João conseguiu controlar várias doenças e pragas na tripulação, até a chegada.

Finalmente, chegaram em Terra firme, uma bela praia, cercada por densa floresta, batizaram-na Terra de Santa Cruz. Mestre João, ao descer, já começou seus estudos e, ao sol do meio-dia, graças ao “Astrólogo” juntamente com o aparelho que inventou, conseguiu precisar exatas longitude e latitude de onde estavam, e tratou de comunicar aos seus

comandantes, que logo resolveram escrever ao Rei, mas Mestre João pediu que esperassem mais um pouco, que assim poderia mandar mais informações ao Rei.

O ciúmes e a inveja se instauraram no comando, todos, no seu íntimo, pensavam: Quem é este Mestre João para dizer quando escrever ao rei, sobre as Terras que descobrimos?, mas resolveram esperar, pois Mestre João havia sido mandando pelo próprio rei.

Meus queridos Irmãos, até aqui relatamos pensamentos e ações de Mestre João, que um pouco do que sobrou de fatos de sua história ainda existe, a partir daqui poucos serão os fatos conhecidos pelo homem atual, pois a vida de Mestre João e descendentes se apagou com o tempo, haja visto que alguns historiadores, cientistas humanos, no século XVIII e XX confundiram “Mestre João” com outros do mesmo nome.

Na noite do mesmo dia da descoberta, Mestre João estando pensativo lembrou-se de José Gaspar que só descobriu sua missão no fim de sua vida, deixando o legado de um hospital para os pobres onde vivia, e Mestre João sentia que teria algo importante a fazer, não para ele, mas para o mundo. Foi então que, observando as estrelas, deslumbrou à sua frente um maravilhoso aglomerado de luz, que formava uma cruz. Mestre João ficou encantado, pois fizera realmente uma descoberta. Tendo em seu coração uma forte emoção, de olhar fixo nestas estrelas, lembrou-se de Jesus, pois elas formavam uma cruz, então orou a Ele, com todo amor em seu coração.

Após sua prece, lembrou-se mais uma vez de José Gaspar que escreveu sobre um João, que Mestre João não entendia a existência dele, mas lembrou-se de que esse João de José Gaspar fora determinado tempo a uma cidade sem nome, e quando pedido a colocar o nome na cidade uma bela e magnífica revoada de pássaros aconteceu, então esse João chamou o nome da cidade de Solar das Aves.

Mestre João, intrigado com a lembrança, entendeu que a emoção que ele sentia ali era a mesma que o outro “João” sentiu, então fechou os olhos e pediu a Jesus que iluminasse seus pensamentos e, quando ele abrisse os olhos, um nome viesse em sua mente.

Após alguns segundos concentrado, “Mestre João” abriu os olhos, e sem pensar muito, saiu de sua boca “Cruzeiro do Sul”. E assim foram chamadas as estrelas que formavam a cruz.

No outro dia, os capitães, revoltados com a demora de Mestre João, pois queriam escrever para o rei, receberam das mãos do próprio João, a carta ao rei, para Mestre João, esta foi a carta que o rei recebeu, mas não foi, os capitães, reescreveram as informações que Mestre João lhes deu, mas deram os créditos a ele, com certeza, pois seriam incapazes de tais descobertas.

Mestre João, deslumbrado com a beleza do lugar, começou a ter contato com os nativos, e a redigir traduções do dialeto, para poder se comunicar. Mas Portugal queria Mestre João também nas Índias, então Mestre João ia e vinha a Terra de Santa Cruz, e fazia os registros como podia de tudo que descobria. Para o fim do ano de 1500, Mestre João recebeu uma carta de Catarina, que comunicava nascer seu filho, ou melhor, seus filhos, que eram dois, um menino e uma menina, os quais tiveram os nomes que Mestre João pedira, Jesiel de Paz

Dutra e Joana de Paz Dutra. Mestre João” ficou emocionado, pois sabia, em virtude do sonho que teve, que tinha que esses filhos e não sabia como; agradeceu a Deus pelo fato e continuou seu trabalho.

Adentramos ao ano de 1501, e vamos à casa de Dionísio o Sábio, que já bem velho ainda trabalhava, em uma noite, com dificuldades de andar, vai até o quarto de Yeva, lhe falar:

— Minha querida Yeva, penso que não vou durar muito, portanto estou aqui, da mesma maneira que estive antes, mas agora para pedir perdão.

Os olhos de Yeva se encheram de lágrimas e o professor e quase um pai continuou:

— Da última vez que estive em seu quarto tive atitudes e pronunciei palavras que não queria, mas que foram necessárias para seu aprendizado. A Europa enche-se de grandes Mestres da arte, que ditam conceitos e regras, se permitisse que continuasses a pintar o que queria estaria lhe colocando no caminho da falência. Como lhe conhecia muito bem sabia que, após o ocorrido, sua dedicação seria maior no aprendizado da arte atual. No entanto, hoje posse dizer-te que o aluno superou o mestre. Já naquela época o breve instante que apreciei tua arte fiquei maravilhado com o que vi, tanto que se buscares, nos meus últimos trabalhos usei técnicas e traços de suas obras. Penso que hoje estas preparada para enfrentar os Leões que estão desapontando, principalmente na França, onde quero que vá após minha morte.

Yeva, emocionada e agradecida, abraçou o bom e velho amigo e disse:

—É claro que lhe perdoo, com o tempo entendi tudo o que aconteceu, vi sua luta para colocar em prática sua própria arte que é tão bela e expressiva, nunca tive rancor do senhor, Mestre.

Dionísio abraçou a amiga e lhe disse palavras que jamais esqueceu:

—Nunca deixe de lutar pelos seus ideais, e nem mesmo pela bela artista que é e, a partir de hoje, não me chame mais de mestre e sim de amigo.

E passaram a conviver bem, até a morte de Dionísio em 1502, quando Yeva foi para França como lhe orientou o amigo.

Chegando à capital francesa, Yeva por meio de contatos feitos no decorrer de sua carreira com Dionísio conseguiu falar com o alto escalão da Associação de Arte Francesa, que lhe exigiram uma sabatina, para que pudesse ser sócia do grupo.

A prova constituía em realizar uma obra mediante uma comissão julgadora da Associação. Yeva aceitou mesmo vendo um grande preconceito, não existindo na época nenhuma artista mulher registrada na associação.

No dia marcado, Yeva compareceu, teria que fazer na linguagem de hoje um acadêmico de nu feminino, desde o desenho até sua finalização, que demoraria dias. Yeva, com toda experiência que tinha, aliada ao dom de nascença, fez com primor de formas o desenho da modelo que ali se apresentava, com detalhes impressionantes, como já existia uma ideia pré-concebida de reprová-la, os julgadores não disseram nada.

Yeva se dedicou dias a fio, perante os julgadores com olhares discriminativos, e, ao término da obra, foi reprovada sem direito a contra prova. Ficou indignada e nem a obra levou, deixou na associação.

Passado algum tempo, Yeva, que vivia na França, ao custo ainda de suas economias, resolveu ir a uma exposição de um artista da época. Para sua surpresa lá estava sua obra, assinada por outro. Desde esse dia Yeva passou a entender o que Dionísio havia lhe ensinado. Cansada de lutar pelo seu espaço, Yeva reparou que alguns artistas, fadados a sua mesma sorte, pintavam nas ruas, e o público se agradava disso.

Juntou seu material, e assim fez ao lado de pequena praça onde as pessoas passavam, começaram a lhe fazer pedidos e muitos pediam que não assinasse a obra, e descaradamente diziam eles mesmos assinarem para colocar em suas pomposas casas e dizer aos amigos que elas mesmas pintavam. Assim Yeva fez para ganhar o seu sustento e viver sua grande paixão: pintar.

Mestre João, por sua vez não retornou mais a Portugal, e aí damos um salto em nossa história, que não mudou muito no decorrer dos anos. Estamos em 1510, os portugueses, espanhóis e Franceses começaram a disputar politicamente as novas “Terras de Santa Cruz”. Mestre João tornara-se arredo em relação aos líderes da colonização, pois além de trazerem escravos da África, escravizavam e matavam os nativos das novas terras.

Em uma dessas incursões, Mestre João acompanhava o grupo, pois vários dos que ali estavam desenvolveram uma espécie de coceira no corpo que não tinha cura, com nada que Mestre João conhecia de medicamentos, então resolveu procurar na vegetação nativa a solução.

Em meio à incursão na selva, o grupo foi atacado por nativos que defendiam o seu território, nada mais, no meio da confusão, Mestre João observou uma índia com uma criança que encolhida no chão protegia a jovem criança. Preocupado com eles, Mestre João foi na direção deles para protegê-los. Chegando próximo, a índia gritou palavras que ele não conhecia, mas observou o olhar esbugalhado que mirava além do corpo do Mestre João. Este, virando, deparou-se com um dos marujos com uma garrucha repleta de chumbo, mas apontava para ele, tentando se proteger e proteger a mulher com a criança, Mestre João” levou várias rajadas de chumbo em seu corpo.

A batalha em si foi vencida pelos índios. Mestre João ao chão com sangue em suas roupas desorientado, apenas ouvia a índia gritando não sabia o que e desmaiou.

Quando Mestre João se deu por si olhou em volta e se viu rodeado de vários índios, um parecia, segundo seus estudos, chefe da tribo e o outro que falava mais alto, uma espécie de líder espiritual ou curandeiro.

Então Mestre João mais uma vez desmaiou, o que Mestre João não soube na época, e só depois descobriu era que, realmente, o chefe da tribo e o curandeiro ou líder espiritual, estavam decidindo se o deixavam vivo ou se terminariam de matá-lo.

O líder espiritual defendia a tese de que o moribundo ali teria tentado salvar a índia de nome Yoa que protegia o filho, e que isso poderia ter um significado para os deuses da natureza, no entanto o chefe da tribo não queria saber, queria era matar o homem branco.

Então o líder espiritual pediu ao chefe uma chance de consultar os espíritos da Natureza e assim foi feito.

Numa espécie de reunião, o líder espiritual pediu aos espíritos da Natureza orientações para decidir o que fazer com o “homem branco”.

Em transe, no momento em que tocou o ombro de “Mestre João”, o “Líder” teve uma visão. Deslumbrou-se a sua frente seus ancestrais que faziam de tudo para salvar um jovem Apoka, e nada conseguiram, então dois espíritos da Natureza se aproximaram e das mãos de um deles saía fumaça feito do fogo e o jovem sarou, no rosto do jovem o líder via seu rosto, e no do espírito que soltava fumaça, quando se virou ao líder, transformou-se no rosto do “homem branco”.

Quando saiu do transe o líder teve uma grande conversa com o chefe que não quis contrariar a liderança espiritual de sua tribo e assim foi feito. Mestre João foi cuidado e tratado, inconsciente, por 10 dias, acordou, com físico restabelecido, percebeu algumas sequelas, como marca na perna esquerda, no entanto já se sentiu feliz por estar vivo. Estava em uma espécie de cabana e quem lhe cuidava e alimentava era Yoa.

Com o tempo, graças a sua inteligência, Mestre João já se comunicava com os nativos, e conhecendo o líder espiritual da tribo, lhe perguntou em dialeto tupiniquim qual o nome dele, o mesmo com olhar firme, mas com muito sentimento lhe informou:

—Apoka.

Mestre João achava já ter ouvido aquele nome, no entanto não conseguia se lembrar, pois apesar do corpo restabelecido, ele era frequentemente acometido de uma febre muito alta que o derrubava, levava alguns dias para melhorar de novo.

Faço uma pausa para um alerta, não queiram historiadores, ou mesmo pesquisadores comprovarem o que o amigo João permitiu que falássemos aqui, pois como já dissemos por determinação Divina, a vida de Mestre João foi aos poucos apagada da história. Se fez necessário para o crescimento das novas Terras que outros nomes e outros descobridores se sobressaíssem, para isso Mestre João teria que ser esquecido.

O que seríamos nós, se Deus, nosso Pai eterno, sob o comando do Cristo, não nos tivesse agraciado com esta maravilhosa Lei, a Lei da Reencarnação, não seríamos nada e estaríamos estagnados na nossa evolução.

É sobre isso que estamos falando aqui, e hoje terminamos de contar algumas encarnações de irmãos, que junto desta que voz fala evoluíram, e claro sendo os espíritos eternos estão aí até hoje.

Yeva continuava a sua dura jornada, sem reconhecimento, do grupo de artistas renomados da época, mas feliz por poder estar pintando.

Mestre João, sendo cuidado por Yoa e por Apoka, se restabeleceu as únicas sequelas que tinha, eram a perna esquerda que mancava e a febre que ia e vinha.

Mestre João lembrou ter lido nos diários de José Gaspar, algo sobre a cura de uma febre com ervas e leite de cabra, mas não conseguiu fazer a medicação, para ver se funcionaria. No entanto, as efusões de ervas e defumação que Apoka lhe aplicava ajudava muito, a vida de nosso amigo com os nativos se estendeu por muito tempo, tanto que na corte fora dado oficialmente morto.

Mestre João, sábio e inteligente, aprendeu logo a língua dos nativos, e passou a ter longas conversas, altamente instrutivas, com Apoka e outros líderes dos índios, aprendendo assim a dar muito mais valor a Terra de Santa Cruz do que os colonizadores.

Passado um bom tempo, Mestre João havia feito adaptação nos poucos equipamentos que lhe restou, e estes auxiliavam até na segurança da tribo, pois quando Mestre João, percebia a presença mais próxima dos colonizadores, orientava os líderes dos nativos para onde ir.

E assim, Mestre João” foi convivendo e aprendendo com os índios, mas em seu íntimo, principalmente à noite quando mirava a maravilha do cruzeiro do sul, pensava em voltar e rever a família.

Apoka, preocupado com a febre que não sumia, e vendo as forças de mestre João se esvaindo, pois já não era jovem, sugeriu que procurassem homens brancos, para levar “Mestre João” a sua família.

A procura foi intensa, pois, portugueses, espanhóis e franceses e até holandeses começavam já a desembarcar nas novas terras para enriquecimento de suas nações, em suas excursões, Mestre João até avistou embarcações de Piratas e saqueadores.

Ficou Mestre João pensativo em qual povo apostaria sua sobrevivência, com certeza, não seriam os portugueses e nem os espanhóis, pois desconfiava da tentativa de assassinato.

A tribo se instalou próxima a uma praia, que hoje poderíamos dizer ser na região de Santa Catarina. Mestre João observava atento a tudo que acontecia, por meio de seus instrumentos, já muito fraco sentia que não duraria muito, já estariam no ano de 1510.

Avistando na praia uma pequena embarcação, reparou pelos uniformes se tratar de Franceses, e de seu capitão, ao fundo no mar alto, a embarcação principal que o nome que seria traduzido Esperança percebeu em seu íntimo que seria aquela a hora, orientou a, que juntasse um pequeno grupo e que fraldasse em suas mãos um pano branco como sinal de Paz.

Assim foi feito, o Capitão e seus homens não atacaram os nativos entendendo a mensagem. Ao se aproximarem, viram logo Mestre João, o capitão de nome, foi logo perguntando:

—Qual o seu nome, marujo?

Mestre João, astuto, com pensamento rápido, lhe informou:

—Meu nome é Joham.

Joham seu nome de batismo Judaico seria mais apropriado, pois além de Mestre João falar francês muito bem, o nome o guardaria a identidade verdadeira, pois acreditava estar fugindo de um assassinato.

Após breve conversa, o capitão concordou em levar Mestre João até a França, mas teria que cumprir algumas incursões ainda na Terra de Santa Cruz, Índia e África. Mestre João aceitou e logo embarcou, deixando o bom amigo Apoka para trás, com um longo abraço, e o desejo de boa viagem.

Mestre João, no porão da embarcação, somente com seus pensamentos, decidiu que, ele como todos conheciam tinha que deixar de existir, e que daquele momento em diante só existiria Joham.

Todas as incursões da embarcação francesa foram cumpridas. Joham, que se alojou no porão, teve como companhia escravos, que ele mesmo cuidou de cada um, como podia, inibindo assim uma epidemia de várias doenças.

Finalmente chegava à França a embarcação; Joham desceu e nem se deu conta de que como um fantasma, sumiu em meio à multidão; seu intuito, cuidar-se, se encher de forças e voltar para família, já estaríamos aí por meados de 1512.

Joham enfrentou muitas dificuldades, pois sua aparência era de um mendigo, situação essa que já estava sendo o seu meio de ganhar dinheiro, todos os seus aparelhos se perderam na viagem, se quebrando e deteriorando, e como não lhe davam trabalho, por motivo de sua aparência e condição física, passou a pedir esmola.

Aos poucos, com uma moeda aqui e ali, conseguiu se medicar e foi melhorando um pouco da fraqueza que tinha, sempre, todos os dias, de joelhos fazia sua oração pedindo a Jesus que antes de sua morte pudesse ver sua família.

Como dormia nas ruas, optou por descansar em praças. Em determinado dia observou que na praça onde dormia uma senhora montava suas coisas e começava a pintar, ficou observando e maravilhou-se com as pinturas e obras. Então a senhora sentou-se e começou a trabalhar. Acuado em um canto da praça, Joham não se atrevia a deixar, que a senhora percebesse que ele a estava observando.

Passado algum tempo, já no entardecer, um grupo de homens, no total 5, se aproximou da senhora e começaram a humilhá-la com palavras horríveis. Zombavam dela como artista, até que em momento um dos homens chutou suas coisas; o amor com que aquela senhora se jogou sobre suas obras fez com que os chutes dos comparsas tocassem seu corpo. Joham não aguentou tal cena, com apenas o pedaço de madeira que lhe apoiava as pernas, e o resto de forças que tinha dominou os 5 e os colocou para correr.

Joham deu apoio moral à senhora, que espantada, após se acalmar, lhe falou:

—Muito obrigada. Não é a primeira vez que passo por isso, mas se tem algo que não suporto é que toquem minhas criações. Por falar nisso, qual o seu nome?

—Joham – disse Mestre João.

E assim Joham fez o mesmo e perguntou o nome da senhora que lhe disse:

—Yeva — e foi logo saindo.

O tempo passou e Joham e Yeva começaram uma amizade. Yeva lhe levava comida e medicação, em troca, ao invés de pedir esmolas, ajudava Yeva com seus afazeres na praça, tanto que com o tempo lhe serviu até de modelo, pintou assim Yeva, a única imagem de Mestre João na história e que, com certeza, se perdeu ou foi intitulada com outro nome.

Em uma noite chuvosa, Yeva convidou Joham para ir em sua casa, pois não suportava a ideia de vê-lo dormir na chuva, Joham, de primeiro momento recuou, com medo de incomodar ou causar problemas, mas aí ouviu talvez as palavras mais belas dos últimos tempos de sua existência:

—Joham, não se preocupe com nada; não tenha medo, já sou uma velha, e sempre fui solteira, não se preocupe com que os outros vão dizer e nem com o que vão pensar, pois eu não me preocupo, de te cuidar e quero que venhas, vamos.

E apoiando Joham foram os dois para sua casa. A partir dali, o enlace de amizade só cresceu e Joham passou a morar com Yeva. Passado algum tempo Yeva com a sinceridade que lhe era peculiar, perguntou a Joham:

—Desde o primeiro dia sei que mentes sobre seu nome e seu passado, não quero te exigir nada, mas se tens realmente a amizade que diz acho que é hora de me contar a verdade.

E Joham, em lágrimas, contou-lhe toda a sua história, Yeva lhe informou que a morte de Mestre João fora comentada em todos os portos da Europa, mas que no momento as vozes já se calavam, ouvindo do velho amigo a vontade de ver seus familiares, Yeva lhe disse:

—Acho que será possível revê-los, mas não sei se poderás se identificar – e explicou.

Yeva ficara sabendo que portugueses e espanhóis viriam à França em uma grande exposição de arte, e que assim como fizera inimigos no meio artístico francês, também fizera amigos e que teve acesso à lista de convidados, na qual viu o nome de uma família intitulada “De Paz”.

Joham ficou emocionado; só poderiam ser eles, mas como ele iria a este local?

Então Yeva disse ter que cobrar alguns favores, e arrumaria convites apropriados, aos dois, e também com suas economias arrumaria roupas e deixaria Joham, mas apresentável.

Assim foi feito, e Joham, de barba e cabelos feitos, com roupas de gala, anunciou-se a Yeva, como um belo senhor ainda e bem apresentável.

No dia do evento, como era de costume, todos eram anunciados. Yeva e Joham foram anunciados como senhor e senhora Poloski, sobrenome de Yeva.

No momento que anunciaram a família De Paz, Joham bambeou as pernas tanto que Yeva teve de apoiá-lo, pedindo a ela que ficassem mais omissos. Viu adentrar ao salão seus irmãos e seus filhos, sendo que sua filha já lhe dera netos.

Joham teve o momento mais feliz de sua vida. Mas sentindo em seu peito o coração bater mais do que deveria, Joham pediu a Yeva para ir embora, e assim os dois fizeram. No caminho, Joham guardava a imagem dos familiares, principalmente dos filhos e netos que tinham no olhar o mesmo brilho e luz dos seus.

Ao chegarem à casa de Yeva, Joham informou que iria se deitar e ouviu de Yeva as palavras menos esperadas naquele momento:

—Posso me deitar com você?

Joham não sabia o que dizer, então, Yeva percebendo seu constrangimento disse-lhe:

—Não estou falando de sexo, Joham, nem penso nisso. Falo de companhia em um momento, que sei, está sendo difícil para você.

E Joham concedeu que assim fosse feito. Ele e Yeva deitaram-se em mesma cama, Yeva acomodou-se de maneira que sua cabeça recostou em seu peito, ela podia ouvir os batimentos acelerados do órgão, que possivelmente seria de emoção e adormeceu.

Ao amanhecer, Yeva acordou assustada, já não ouvia mais o coração de Joham bater e percebeu que naquela noite Joham havia partido.

Tomou as providências necessárias para o sepultamento, que foi feito com enorme descrição, e na lapide não contou nome a pedido de Yeva que apenas colocou uma frase com o quadro que pintou de Joham ao lado:

—Aqui jaz o verdadeiro descobridor das Terras de Santa Cruz.

Yeva voltou a sua vida cotidiana, até que no ano de 1520, em noite como outras, Yeva desencarnou. Fora encontrado seu corpo três dias após sua morte, ao redor todas as suas obras, bens mais preciosos, em sua mão direita o pincel já velho com tinta de cor vermelha, que ela mais adorava, em sua mão esquerda a paleta com outras cores, em sua frente a obra inacabada que pintava.

Assim, meus irmãos, encerramos a dissertação da jornada desses nossos irmãos, que foram companheiros e amigos de encarnações passadas desta que vos fala, e que são hoje irmãos espirituais de coração.

Mais uma vez ressaltamos a necessidade de todos que acompanharam esta história tirarem dela o máximo de entendimento e de compreensão de que a Lei da Reencarnação é o dom mais importante que Deus nos deu.

Façam de suas vidas o que de melhor puderem, sob as Leis de Deus, para que amanhã possam ser melhores e mais felizes.

Irmã Anna Clara